

DENISE SILVA

DESCRIÇÃO FONOLÓGICA DA LÍNGUA TERENA (ARUAK)

TRÊS LAGOAS  
UFMS  
2008

DENISE SILVA

## DESCRIÇÃO FONOLÓGICA DA LÍNGUA TERENA (ARUAK)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* – Mestrado em Letras – da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Lingüísticos

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marlene Durigan

TRES LAGOAS  
2009

## FICHA CATALOGRÁFICA

Silva, Denise

Descrição fonológica da língua terena (aruak) / Denise  
Silva. 2009.

134 p. : il.; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Fundação Universidade Federal  
de Mato Grosso do Sul – Câmpus de Três Lagoas, 2009.

1. Fonologia. 2. Língua terena. I. Silva, Denise.  
II. Fundação Universidade de Mato Grosso do Sul – Câmpus  
de Três Lagoas. III. Título.

CDD 414

## BANCA EXAMINADORA

---

Profª. Drª. Marlene Durigan – Orientadora

---

1º Examinador – Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira UFMS/PROPP

---

2º Examinador – Profª Drª Elza Sabino da Silva Bueno UEMS/Dourados

---

1º Suplente – Profª Drª Onilda Sanches Nincao UEMS/Jardim

---

2º Suplente – Profª Drª Claudete Cameschi de Souza UFMS/CPAQ

Três Lagoas, 16 de janeiro de 2009.

À Claudete,

como forma de respeito, admiração e agradecimento pelas lições de confiança, lealdade, perseverança e compromisso que a mim propiciou ao longo de minha trajetória acadêmica e pessoal.

## AGRADECIMENTOS

Ao povo Terena, em especial aos sujeitos entrevistados: Nilza Júlio Raimundo; Celestina Vitor Lipu; Celeine Lipu, Muricio Pedro; Margarida Gonçalves; Afonso Pintos; Fancisco da Silva e Vicente Batista e Maria de Lourdes Elias Sobrinho, pelo apoio, compreensão, paciência e dedicação durante a pesquisa. Às lideranças indígenas, em especial ao Cacique Cirilo Raimundo e sua família, pela recepção e apoio durante todas as etapas deste trabalho;

À administração regional da FUNAI, pela permissão para a realização de coleta de dados, especialmente ao chefe do Posto Indígena de Cachoeirinha, Sr Edson Fagundes;

À FUNDECT, pela bolsa de estudos concedida durante o curso de Mestrado (processo n.41/100.270/2006);

À minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marlene Durigan, por ter-me proporcionado, por meio da sua competência, uma orientação firme e segura, por ter respeitado minhas limitações, valorizando-me e estimulando-me a continuar.

Aos professores examinadores da banca de qualificação, Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira e Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mariana de Souza Garcia, pela leitura e pelas contribuições a esta dissertação.

Ao Prof. Dr. Rogério Vicente Ferreira, pela orientação, pela ajuda na elaboração do projeto de pesquisa de que esta dissertação é resultado, pelo empréstimo de material bibliográfico e por ter acompanhado a maior parte do desenvolvimento do trabalho.

À minha mãe, por todo apoio e compreensão.

Ao meu marido, André Luís, pelo companheirismo, pelo incentivo e, em especial, por respeitar os meus sonhos e acreditar neles.

Ao meu pai, que, mesmo distante, acreditou no meu trabalho.

Às amigas Eva e Margareth, com as quais pude dividir angústias, dúvidas e felicidades, pela convivência nesses meses/anos de pós-graduação.

Aos amigos da UFMS/CPAQ, SEMEC/Miranda e, em especial, aos professores indígenas de Miranda, pela crença na Educação Escolar Indígena, pela luta para que essa educação diferenciada, intercultural e bilíngüe não seja somente

uma garantia/exigência da legislação, mas sim uma prática no cotidiano dessas escolas.

À amiga Marta, pela amizade e pela força nas questões de língua inglesa.

À amiga “pedagoga” Andréa Marques Rosa, por todos os momentos pessoais e acadêmicos, pela parceria nos trabalhos publicados e nas apresentações em eventos, pela partilha nas dúvidas e inquietações sobre a língua e pelo apoio nos momentos em que pareceu impossível terminar a caminhada.

Aos colegas do Programa de Pós-graduação, Beá, Adriana, Jefferson, Neuraci, Fabiana, Santa, Carlos, Lino, Simone, Juliana, Andréia Ramalho, por todos os momentos partilhados.

Finalmente, a Deus, que tornou possível todo este trabalho.

“A lingüística constitui um campo de pesquisa, ao mesmo tempo dos mais difíceis e dos mais fundamentais”

Edward Sapir (1961, p.24)

## RESUMO

Neste trabalho, desenvolvemos um estudo sobre o inventário fonológico do Terena, língua indígena da família lingüística Aruak, tendo como objetivo descrever aspectos fonológicos da língua, com base em dados levantados na comunidade indígena de Cachoeirinha-MS. Dados do Instituto Socioambiental (ISA) apontam que os Terena perfazem hoje uma população aproximada de dezesseis mil pessoas, vivendo em comunidades indígenas localizadas no estado de Mato Grosso do Sul, nos municípios de Campo Grande, Nioaque, Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia, Anastácio, Aquidauna e Miranda, além de famílias Terena vivendo na comunidade dos índios Kadiwéu, no município de Porto Murtinho, e na dos Guarani-Kaiowá, no município de Dourados. No estado de São Paulo, outras famílias Terena vivem junto aos Kaingang na comunidade Aribá, região de Bauru. A metodologia seguida no trabalho envolveu procedimentos de campo, para coleta de dados, e a descrição dos dados com base em pesquisa bibliográfica. Para a descrição dos segmentos da língua foram aplicadas as orientações do modelo de análise fonológica tradicional sugeridas nos trabalhos de Kindell (1981) e Cagliari (2002). Além do levantamento e descrição dos fones e fonemas identificados, realizamos a descrição da estrutura silábica e do processo fonológico da harmonia (vocálica e nasal), acrescidos de apontamentos preliminares sobre o acento. A partir da análise realizada é possível compreender como está organizada a fonologia da língua Terena.

**Palavras-Chave:** línguas indígenas, fonologia, língua Terena, família Aruak.

## ABSTRACT

In this work, we developed a study about the phonological inventory of the Terena language, an Indian language of the linguistic family Aruak, the objective is to describe and analyze the phonology of the language. Data of the Instituto Sociambiental (ISA) point out that the Terena is today a population about sixteen thousand people, they live in indian reserves situated in the State of Mato Grosso do Sul, in the cities of Campo Grande, Nioaque, Dois irmãos do Buriti, Sidrolândia, Anastácio, Aquidauana and Miranda, there are Terena families in reserves of Kadwéu Indians, in the city of Porto Murtinho and in reserves of Guarani-Kaiowá, in the city of Dourados. In the State of São Paulo another Terena families live together with the Kaingang in the reserve Ariba, region of Bauru. The methodology followed in this work with the Terena language constituted of collecting linguistics data of the Indian community of Cachoeirinha, and to carry out the phonological analyses of the language as of the collected data. The methodology is divided in two ways: field work and theoretical analysis of the data. For the description of the segments of the language were applied the orientations of the pattern of the analysis traditional phonemic suggested in Kindell(1981) and Cagliari (2002) work. After this analysis, we carried out the description of the syllabic structure, of the phonologic process, nasal harmony and considerations about tone. As of the fulfilled analysis is possible to understand as the phonology of the Terena language

**Key-words:** Indian languages, Phonology, Terena Language, Aruak Family

## ABREVITURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS UTILIZADOS

'	Acento
.	Fronteira silábica
//	Representação fonológica
[]	Representação fonética
”	Tradução livre
CAA	Contraste em ambiente análogo
CAI	Contraste em ambiente idêntico
DC	Distribuição complementar
SFS	Sons foneticamente semelhantes
SPI	Serviço de Proteção ao Índio
ISA	Instituto Socioambiental
FUNASA	Fundação Nacional de Saúde
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
V	Vogal
C	Consoante

## LISTA DE TABELAS, MAPAS, IMAGENS

Mapa da localização das terras indígena Terena.....	22
Quadro 1 Localização das famílias e línguas indígenas no Brasil .....	27
Quadro 2 Tronco de lenguas macro-arahuaicano .....	30
Mapa da localização da família Aruak na América do Sul.....	32
Quadro 3 Fonemas consonantais Terena propostos por Bendor-Samuel (1960) .....	43
Quadro 4 Fonemas vocálicos Terena propostos por Bendor-Samuel (1960) .....	44
Quadro 5 Fonemas consonantais Terena propostos por Eastlack (1968) .....	44
Quadro 6 Fonemas vocálicos Terena propostos por Eastlack (1968).....	44
Quadro 7 Fonemas consonantais Terena propostos por Butler (1978).....	45
Quadro 8 Fonemas vocálicos Terena propostos por Butler (1978).....	45
Quadro 9 Fones consonantais da língua Terena falada na Cachoeirinha.....	48
Quadro 10 Fones vocálicos da língua Terena falada na Cachoeirinha.....	55
Quadro 11 Fonemas consonantais da língua Terena de Cachoeirinha .....	64
Quadro 12 Fonemas vocálicos da língua Terena falada de Cachoeirinha.....	67

## SUMÁRIO

Introdução .....	14
1 Os Terena: informações sócio-históricas e lingüísticas .....	19
1.1 O povo Terena.....	19
1.2 Demografia e localização.....	21
1.3 Estudos anteriores .....	23
1.4 Os Terena da comunidade indígena de Cachoeirinha .....	25
1.5 A família lingüística Aruak e a língua Terena .....	26
2 Metodologia de pesquisa .....	34
2.1 O trabalho de campo .....	34
2.2 O Córpus .....	35
2.3 Levantamento de dados e estabelecimento do córpus .....	35
2.4 Modelo teórico-metodológico .....	38
2.5 Programação da análise fonológica .....	38
3 Descrição fonética e fonológica dos sons Terena da comunidade Cachoeirinha	43
3.1 Descrição e distribuição dos fones .....	47
3.1.1 Inventários de fones consonantais .....	48
3.1.2 Segmentos ambivalentes .....	53
3.1.3 Inventário dos fones vocálicos .....	54
3.2 Análise fonológica .....	59
3.2.1 Demonstração de contraste entre os sons foneticamente semelhantes	60
3.2.2 Segmentos consonantais .....	60
3.2.3 Segmentos vocálicos .....	64
3.3 Harmonia .....	67
3.3.1 Harmonia vocálica.....	68
3.3.2 Harmonia nasal.....	68
3.4 Uma nota sobre a educação e a ortografia.....	70
3.5 Considerações sobre o trabalho lingüístico e a prática pedagógica.....	72
4 A estrutura silábica do Terena .....	79
4.1 A sílaba .....	79
4.2 Tipos de padrões silábicos .....	80
4.2 Classificação dos fonemas .....	82
Posição de margem (início) .....	82

Posição de margem (coda) .....	84
Posição de núcleo .....	85
5 O acento.....	86
5.1 Acento em vogais alongadas .....	88
Acento em palavras simples .....	88
Acento em palavras compostas .....	89
5.2 Acento em vogais breves .....	89
5.2.1 Contraste na posição do acento .....	90
5.3 Contraste entre vogais longas acentuadas e vogais breves acentuadas	90
Considerações finais .....	93
Referências Bibliográficas .....	95
Bibliografia consultada .....	100
Anexos	
I Lista diagnóstica léxico-estatística (Swadesh) .....	119
II Formulário do vocabulário padrão do Museu Nacional do Rio de Janeiro .....	122
III Vocabulário Terena .....	124
IV Banco de dados (dados da dissertação) .....	126

## INTRODUÇÃO

De acordo com Rodrigues (2005, p.35), atualmente são faladas no Brasil 181 línguas indígenas. O autor enfatiza que esse número admite pequena margem de erro, para mais ou para menos, em decorrência da imprecisão e, em alguns casos, da distinção entre variedades tão pouco diferenciadas que não dificultam a comunicação entre seus respectivos falantes.

Rodrigues (2002, p.17) salienta que os índios do Brasil não são um povo: são muitos povos, diferentes de nós e diferentes entre si. Cada qual com seus usos e costumes próprios, “com atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social e filosofia peculiares, resultantes de experiências de vida acumuladas e desenvolvidas em milhares de anos”, bem como por falarem diferentes línguas, o que os distingue de nós e entre si. Essas diferenças, sejam elas entre as línguas indígenas, ou entre estas e as demais línguas, envolvem aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos, que ainda não foram (ou sistemática ou satisfatória e exaustivamente descritos).

Segundo o autor, é provável que, quando os europeus chegaram ao Brasil, há mais de quinhentos anos, o número de línguas indígenas fosse o dobro do que é hoje. Essa redução decorreu de diferentes fatores, quais sejam

O desaparecimento dos povos que as falavam, em consequência das campanhas de extermínio ou de caça de escravos, movida pelos europeus e por seus descendentes e propostos, ou em virtude das epidemias de doenças contagiosas do Velho Mundo, deflagradas involuntariamente (em alguns casos voluntariamente) no seio de muitos povos indígenas; pela redução progressiva de seus territórios de coleta, caça e plantio e, portanto, de seus meios de subsistência, ou pela assimilação, forçada ou induzida, aos usos e costumes dos colonizadores. (RODRIGUES, 2002, p. 18-19)

Moore (2007, p. 01) salienta que de todas as línguas indígenas brasileiras, apenas 9% possuem uma descrição completa (descrição da gramática, coletânea de textos, dicionário); 23% possuem descrição avançada (tese de doutorado ou muitos artigos); 34% possuem descrição incipiente (dissertação de mestrado ou alguns artigos) e 29% não possuem nenhuma importância científica. Ainda segundo o autor, 23% dessas línguas estão ameaçadas de extinção em curto

prazo, especialmente em decorrência do número reduzido de falantes e da baixa transmissão às novas gerações. A situação das demais línguas também é precária, em face do grau de perigo: “O grau de perigo foi subestimado no passado, devido à falta de informações sólidas sobre as línguas em regiões remotas e devido também a confusão entre o número de falantes e o tamanho da população dos grupos indígenas” (MOORE, 2007, p.01.)

Nesse sentido, Rodrigues (2005, p.36) aponta que, em âmbito mundial, tem-se considerado que qualquer língua falada por menos de 100 mil pessoas tem sua sobrevivência ameaçada e necessita de especial atenção. De acordo com o autor, todas as línguas indígenas no Brasil têm menos de 40 mil falantes, e a Tikúna, falada no alto Solimões, apenas ultrapassa a marca de 30 mil. O aspecto mais grave está, porém, no outro lado do espectro demográfico, nas línguas infinitamente minoritárias, com populações que não vão além de mil pessoas. Diante desse quadro, “é tarefa de alta prioridade e urgência a pesquisa científica que visa à documentação, análise, classificação e interpretação teórica dessas línguas, que em sua grande maioria só existem aqui”. De acordo com o autor, “igualmente prioritária é a promoção de ações que visem a assegurar aos povos indígenas as condições necessárias para continuar transmitindo suas línguas às novas gerações”.(RODRIGUES, 2005, p.36).

Conforme destaca Rodrigues (1996, p. 10), “cada nova língua que se investiga traz novas contribuições à lingüística; cada nova língua é uma outra manifestação de como se pode realizar a linguagem humana”.

Sobre a importância do trabalho lingüístico junto às línguas indígenas brasileiras, Seki (1999, p. 288) ressalta que a lingüística indígena no Brasil deve priorizar a “elaboração de descrições de boa qualidade, com terminologia acessível a estudiosos não familiarizados com abordagens teóricas particulares”. De acordo com a autora, ao mesmo tempo em que isso representará uma contribuição para a lingüística, permitirá também atender, em parte, à demanda das comunidades indígenas, quanto à documentação de suas línguas e culturas. Seki enfatiza a necessidade de um trabalho voltado para o tratamento de fenômenos dessas línguas do ponto de vista de construção de teorias, de modo que o trabalho lingüístico contribua para tornar essas línguas visíveis ao meio científico. A autora chama atenção para a responsabilidade social dos lingüistas na luta pela

manutenção das línguas e dos aspectos culturais das comunidades indígenas, destacando o importante papel do falante na investigação de suas línguas.

Por reconhecermos as diferenças lingüísticas apontadas por Rodrigues (2002) e as lacunas no conhecimento científico acerca de línguas indígenas evidenciadas por Seki (1999) e Moore( 2007), o objetivo de nossa pesquisa é realizar uma descrição preliminar de aspectos fonológicos da língua Terena<sup>1</sup> falada na Comunidade Cachoeirinha (Miranda-MS).

Como a pesquisa tem orientação descritivista, procedemos a um recorte no universo de distribuição geográfica da língua e elegemos, para descrição, a variedade falada na Comunidade Indígena de Cachoeirinha, localizada no município de Miranda-MS. A escolha obedeceu aos critérios da acessibilidade (já desenvolvemos pesquisas e projetos de ensino e extensão na Comunidade em questão), do número de Terenas (é uma das áreas de maior concentração de Terena no Estado de Mato Grosso do Sul) e da freqüência do uso da língua na comunidade (na Cachoeirinha é falada por quase toda a comunidade).

O trabalho está organizado em cinco capítulos, conforme descrevemos a seguir.

No capítulo I – Os Terena: informações sócio-históricas e lingüísticas –, nossos objetivos são apresentar uma breve explanação sobre o povo Terena e expor informações gerais sobre características da língua Terena, tais como afiliação genética, além de uma breve revisão de bibliografia pertinente a essa língua e à educação indígena.

O capítulo II – Metodologia de pesquisa – descreve os procedimentos metodológicos adotados no desenvolvimento da pesquisa, de que esta dissertação é resultado. Apresentamos as fases da coleta de dados, o que inclui a preparação, os instrumentos empregados e os procedimentos adotados no levantamento do córpus, explicamos como foram organizados os dados, a fim de prepará-los para análise e, por fim, mas não menos importantes, os passos seguidos na descrição dos dados, à luz dos princípios teóricos adotados, cujas indicações bibliográficas surgem ao longo do texto.

No capítulo III – Descrição dos sons –, apresentamos a descrição fonética dos sons e definimos os fonemas e os alofones do Terena de Cachoeirinha

---

<sup>1</sup> A língua Terena, pertencente à família lingüística Aruak, é falada por aproximadamente 16 mil pessoas, residentes em comunidades localizadas nos estados de Mato Grosso do Sul e São Paulo.

por meio de análises estruturais, ancoradas nas categorias sugeridas por Kindell (1981) – “par mínimo”, “par análogo”, “distribuição complementar” e “variação livre” – , além de breve discussão sobre o processo morfofonológico da harmonia nasal (CRYSTAL, 1985).

No capítulo IV – A estrutura silábica do Terena –, apresentamos uma descrição preliminar da estrutura silábica da língua Terena de Cachoeirinha, com base na metodologia proposta por Kindell (1981), Cagliari (2002) entre outros.

No capítulo V – O acento –, sem a pretensão de apresentar uma conclusão definitiva sobre o fato lingüístico em questão, ousamos algumas considerações, ainda introdutórias, sobre o acento em Terena.

Fundamentam-se as descrições nas bases teóricas da fonologia tradicional, no intuito de contribuir para uma descrição preliminar dos aspectos fonológicos da língua, que dê suporte para estudos posteriores. A primeira parte, que consiste em definir os fonemas e os alofones da língua, foi baseada na análise de contraste, distribuição complementar e variação livre dos sons (KINDELL, 1981). Nas demais descrições, concorrem contribuições de variados autores.

Diante do exposto, este trabalho destina-se tanto ao povo Terena como aos estudiosos das línguas indígenas brasileiras e a qualquer pessoa que tenha interesse em informações sobre essas línguas, especialmente as pertencentes à família lingüística Aruak, na qual a língua Terena se insere. Tanto a análise lingüística quanto o banco de dados podem servir de base para futuras pesquisas envolvendo a língua e o povo Terena, tais como: comparação do Terena com outras línguas relacionadas; comparação entre a variante falada na Cachoeirinha e as demais; reconstrução de suas estruturas com a finalidade de constatar a evolução histórica das línguas que possuem origem comum; verificação de universais ou categorias gramaticais e a aprendizagem da língua Terena. Além disso, este trabalho servirá como ponto de partida para a elaboração de materiais didáticos de apoio ao ensino da língua Terena por professores indígenas.

Diversos autores, entre eles Rodrigues (2002 e 2005), Seki (1999), Franchetto (2000), Moore (2007) têm chamado atenção para a urgente necessidade de documentação das línguas indígenas brasileiras, pois ainda não existe um número oficial e preciso dos estudos realizados. Rodrigues (2005, p. 38) enfatiza que os trabalhos realizados são em grande parte fragmentários, tornando-se necessário o fomento à documentação, análise e descrição das línguas indígenas e

a integração dessas ações com os projetos de revitalização e promoção do uso das línguas nativas nas comunidades indígenas.

Nesse sentido, a análise descritiva e a documentação da fonologia da língua Terena aqui empreendidas visam fornecer subsídios para um melhor conhecimento da língua em seus aspectos fonológicos, podendo assim contribuir para a preparação de materiais que visem a programas de educação para professores e alunos Terena.

Em face do desafio que esta dissertação se propõe, entendemos que sua contribuição científica ou acadêmica e sua relevância social são inegáveis, a despeito das limitações que são sempre inerentes a trabalhos dessa natureza.

# CAPÍTULO I: OS TERENA: INFORMAÇÕES SOCIO-HISTÓRICAS E LINGUÍSTICAS

## 1.1 O povo Terena

Segundo Ladeira (2001), o povo Terena é considerado como o único subgrupo remanescente da nação Guaná no Brasil. Por meio de sucessivas levadas migratórias, que se intensificaram em meados do século XVIII, esse povo cruzou o Rio Paraguai em direção ao atual Estado de Mato Grosso do Sul, proveniente do Chaco Paraguai/Boliviano, região também conhecida como Ênxiva, segundo a história oral Terena<sup>2</sup>. Faziam também parte desses Guaná os Layana, Kinikinaua e Exoaladi.

Sobre a estrutura social do povo Terena, Cardoso de Oliveira (1983, p.35, 36 apud LADEIRA 2001, p.8) aponta que

Tradicionalmente, a estrutura social terena estava dividida em dois grupos distintos e socialmente sobrepostos: o grupo dos cativos ou kauti (neologismo criado para designar os “cativos” obtidos na guerra ou nas sortidas organizadas para a captura) e o grupo social dominante Xané, o grupo “daqueles que somos nós”, os Terena propriamente ditos, e que se dividiam por sua vez em dois grupos: um, o dos “chefes” e suas parentelas, denominados Naati, e o dos homens comuns ou o povo, denominado Waherê. O casamento entre estes dois grupos era vetado. Dividiam-se ainda os Terena, com exclusão dos Kauti, em duas metades cerimoniais, Xumonó e Sukirianó, cujas funções eram regulamentar o comportamento mágico-religioso.

Segundo Cardoso de Oliveira (1976, p.21), os Terena são considerados como os índios que mais contribuíram para a formação do centro oeste brasileiro, seja como produtores agrícolas, seja como mão de obra aplicada nas fazendas, em

---

<sup>2</sup> Marchewicz (2006) desenvolveu uma abordagem do discurso Terena (mesclando AD francesa e AD Crítica), em que analisou falas (entrevistas) de índios Terena de diferentes comunidades sul-mato-grossenses sobre crenças e mitos. A autora constatou que a imagem que eles têm de si é de sujeitos subordinados às crenças e mitos do povo Terena, que, aceitando essa cultura, garantirão sua existência, reafirmando sua identidade.

especial depois da guerra do Paraguai, sem esquecer, ainda, o papel por eles desempenhado naquele conflito, quando foram levados a lutar contra o exército paraguaio.<sup>3</sup>

Após o término da guerra do Paraguai, algumas comunidades desapareceram, grupos locais mudaram de lugar, outros foram incorporados a comunidades tribais mais estabilizadas. O fato é que a população Terena, embora tendo sido espoliada da maior parte do seu território, ou provavelmente por isso mesmo, passou a ocupar pequenos nichos, que se ofereciam viáveis à sua instalação, por mais precária que fosse. Alguns desses lugares foram transformados em comunidades indígenas pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e outros continuam a aguardar essa providência, sem a qual os grupos locais remanescentes não resistirão ao cerco e à pressão da sociedade regional, no sentido de lhes tomar as terras e de engajá-los às colônias de fazendas. A história das relações interétnicas registra grande número de comunidades que desapareceram no passado, levando seus componentes a se ligarem a fazendas ou permanecerem como um contingente móvel, indo das fazendas às povoações e cidades, imersos num contínuo processo de destribalização. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976, p.70)

Embora esse relato feito por Cardoso de Oliveira esteja datado da década de 1970, hoje a situação do povo Terena não é diferente. Os Terena ainda vivenciam a luta pela terra, sendo cada vez maior o número de “invasões” a propriedades rurais vizinhas às comunidades no intuito de mobilizar a sociedade e de pressionar os órgãos responsáveis pela demarcação

Segundo Ladeira (2001, p.7) os índios Terena que vivem em comunidades indígenas tiram sua subsistência da agricultura, em especial do cultivo de mandioca e feijão; muitos trabalham para destilarias de álcool no corte de cana-de-açúcar; outros vivem do trabalho temporário em fazendas. Muitas mulheres desempenham trabalho doméstico, ou na confecção do artesanato (cerâmica e cestaria) e venda de produtos nas ruas, mercados municipais e feiras das cidades, conforme pudemos constatar durante as atividades de campo.

---

<sup>3</sup> Para maiores detalhes a respeito desse assunto, sugerimos a leitura dos trabalhos de Bittencourt (2000) e Marchewicz (2006).

## 1.2 Demografia e localização

Segundo dados do Instituto Socioambiental (ISA), os Terena perfazem hoje uma população aproximada de 16 mil pessoas, organizadas em grupos que vivem em comunidades indígenas localizadas nos municípios de Campo Grande, Nioaque, Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia, Anastácio, Aquidauana e Miranda. Há também famílias Terena vivendo na comunidade dos índios Kadiwéu, no município de Porto Murtinho, e na dos Guarani-Kaiowá, no município de Dourados. Fora do estado de MS, encontram-se famílias Terena vivendo junto aos Kaingang na comunidade Aribá, região de Bauru – SP, no entanto a maior concentração está nos municípios de Miranda (Área Cachoeirinha) e Aquidauana (Área Taunay/Ipegue).

Azanha (2003), em relatório circunstanciado de identificação e delimitação da comunidade indígena de Cachoeirinha, aponta que as comunidades indígenas dos índios Terena no estado de MS são constituídas de oito pequenas ilhas de terras: Taunay/Ipegue, Cachoeirinha, Nioaque, Lalima, Limão Verde, Pilad Rebuá, Buritizinho ou Tereré. Essas comunidades foram requeridas ao estado de Mato Grosso na década de 1920 pelo extinto SPI, e hoje estão cercadas por fazendas e espalhadas pelos municípios de Miranda, Aquidauana, Anastácio, Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia, Nioaque e Rochedo, conforme se visualiza no mapa que segue, em que se pode constatar o distanciamento entre os falantes apontado por Rodrigues (2002, p. 17-18), ao referir-se às diferenças apresentadas em uma mesma língua em espaços geográficos diferentes: “Embora constituídas a partir de princípios e propriedades comuns, as línguas estão sujeitas a grande número de fatores de instabilidade e variação, que determinam nelas forte tendência à constante alteração [...]”. Acrescenta o autor que isso decorre da divisão de uma comunidade humana em novas comunidades, reduzindo o contato entre as pessoas separadas e, em conseqüência, aumentando “a diferenciação lingüística entre os grupos humanos correspondentes”.

Vejamos o mapa:



MATO GROSSO DO SUL



MUNICÍPIO DE MIRANDA

Fonte: <http://www.neppi.org/fz> (site do Fome Zero Indígena/MS; acessado em 31/01/06).

### 1.3 Estudos anteriores

Ainda são poucos os estudos sobre as línguas indígenas, e a maioria das pesquisas preocuparam-se com as famílias Tupi, Jê, Karib e Aruak. Mesmo pertencendo à família Aruak, a língua Terena não foi objeto de muitas investigações, contrariando um discurso bem comum no meio acadêmico: o povo Terena tem sido muito estudado no Brasil e a língua esta totalmente descrita. Por meio de um intenso levantamento bibliográfico, constatamos que, embora haja um número significativo de trabalhos sobre Terena, grande parte deles aborda questões culturais, educacionais e sociolinguísticas, e a primeira descrição da língua foi feita pelos missionários do SIL<sup>4</sup> na década de 1960.

Sobre o trabalho dos missionários, Rodrigues (1997), Leite (1981) e Seki (1999) consideram que a qualidade do material resultante dos trabalhos linguísticos desenvolvidos pelos missionários é muito variável: “mesmo quando apresenta boa ou mesmo alta qualidade técnica, é necessariamente limitado pelos objetivos missionários”. De acordo com Leite (1981 *apud* SEKI, 1999, p.272), o problema incide em especial na “falta de uma visão de conjunto da língua estudada: os trabalhos abordam aleatoriamente aspectos cuja relevância não fica patente no imediato”. Segundo a autora, “tem se ora uma descrição do verbo em Terena, notas sobre os substantivos em Kayabi, uma fonêmica Xerente, uma descrição dos aspectos do Xavante”. Ainda inexistente o material que os estudiosos de línguas em geral e antropólogos tanto almejam: uma gramática com terminologia descritiva acessível e dicionários. (cf. SEKI, 1999, p.272).

Essa falta de um conjunto organizado dos resultados dos estudos da língua é visível nas cartilhas em língua Terena, embora saibamos que, para a elaboração da ortografia e das cartilhas, foram necessários estudos fonéticos, fonológicos, morfológicos, semânticos e sintáticos da língua.

Em nosso levantamento bibliográfico sobre os Terena, encontramos 153 trabalhos. Destes, 112 discutem questões históricas, antropológicas e culturais; 6 discutem questões educacionais e 38 discutem questões linguísticas, dos quais 1

---

<sup>4</sup> Summer Institute of Linguistics. Segundo o Instituto Socioambiental (2007), o Summer Institute of Linguistics, hoje Sociedade Linguística Internacional, com sua dupla missão militantemente evangelizadora e instituição de pesquisa, foi personagem importante na implementação da pesquisa em linguística indígena no Brasil entre o final dos anos 1950 e os anos 1970, bem como teve, até não muito tempo atrás, primazia na cena da linguística internacional (tendo recursos próprios para publicar e publicando em inglês).

discute o terena dentro da família aruak, 5 trazem algum estudo sobre o léxico; 13 descrevem algum aspecto da língua, 8 propõem material (cartilhas) sobre o ensino da língua e 8 abordam aspectos sociolingüísticos. Daremos enfoque aos trabalhos lingüístico-descritivos.

Os primeiros trabalhos descritivos sobre a língua Terena foram elaborados por missionários (não linguistas) na década de 1960 e praticamente todos estão em inglês. Na década de 60, destacam-se Bendor-Samuel (1960), “Some problems of segmentations in Terena”; Bendor-Samuel (1961), “An outline of the grammatical and fonological structure of Terena”; Bendor-Samuel (1963a), “A structure-function description of Terena phrases”; Bendor-Samuel (1963b), “Stress in Terena”; Ekdahl e Grimes (1964), “Terena verb inflection); Bendor-Samuel (1966), “Some prosodic features in Terena”; Eastlack (1968), “Terena (Arawakan) pronouns”; Ekdahl (1969), “Terena dictionary”. Nos anos de 1970, Butler (1977), “Derivação verbal em Terena”; Butler (1978), “Modo, extensão temporal, tempo verbal e relevância contrastiva na língua Terena”.<sup>5</sup> Em 1992, Tourville dedica um capítulo da sua tese de doutorado para explicar, com base em teorias fonológicas não lineares o morfema nasal em Terena.

Centrado na descrição de aspectos mórficos, o trabalho “Modo, extensão temporal, tempo verbal e relevância contrastiva”, de Butler (1978), analisa quatro categorias de flexão: modo (atual e potencial), extensão temporal (que equivale às noções aspectuais de duração e pontualidade), tempo (futuro x não futuro) e relevância contrastiva (entre substantivo e verbo), marcada por sufixo. A autora chama atenção para a importância do acento, pois, segundo ela, todo verbo apresenta duas posições fundamentais de intensidade, chamadas primeira e segunda. Existem três padrões silábicos de intensidade, podendo os verbos ser classificados como verbo 1-2, verbo 2-3 e verbo 1-3. Aqueles que apresentam acento de primeira posição na primeira sílaba e acento de segunda posição na segunda são chamados do tipo 1-2. Por exemplo: íhikaxovo ‘ele estuda’ e ihikaxovo ‘quando ele estuda’. A autora ressalta que a extensão das palavras pode causar deslocamento de acento, em especial no caso dos verbos curtos. Por exemplo: [‘pi:kə] ‘ele tem medo’ [pi’kə:ti] ‘ele esta com medo’; [‘si:mə] ‘ele veio’ [si’mə:ti] ‘ele que veio’.

---

<sup>5</sup> Em nosso levantamento bibliográfico, conseguimos acesso a apenas cinco dos trabalhos citados.

No trabalho “Derivação verbal na língua Terena”, Butler (1977) procura explicar a derivação verbal por meio de derivações simples e compostas. Segundo a autora, na língua Terena as formas verbais derivadas podem ser estativas e ativas, não existindo a forma causativa, pois o causativo é derivado de verbos estativos ou ativos.

Tourville (1991), em sua tese de doutorado, *‘Licensing and the representation of floating nasals’*, dedica um capítulo do seu trabalho –“The nasal morpheme”– para discutir a nasalização em Terena. O autor retoma as questões levantadas por Bendor-Samuel (1960) e Piggott (1988) e, com base em teorias fonológicas não lineares, aponta uma nova interpretação para o processo morfofonológico da harmonia nasal.

Encontramos, ainda, três abordagens sociolingüísticas sobre a língua Terena: Garcia (2007), “Uma análise tipológica sociolingüística na comunidade indígena Terena de Ipegue: extinção e resistência”, Ladeira (2001), “Língua e história: análise sociolingüística em um grupo Terêna”, e Reis (1990), “O conflito diglósico português-Terena em Limão Verde: um estudo de sociolingüística indígena”.

Importa ressaltar que os estudos descritivos sobre a língua Terena foram realizados especialmente por missionários americanos, inexistindo ainda estudos sistemáticos desenvolvidos por pesquisadores e instituições brasileiras.

#### **1.4 Os Terena da comunidade indígena de Cachoeirinha<sup>6</sup>**

Azanha (2003) aponta que os primeiros relatos sobre a localização da comunidade indígena de Cachoeirinha surgem no ano de 1844, por Francis Castelnau em “duas léguas e um terço a noroeste de Miranda”. Essa localização continuou confirmada pelos vários registros oficiais do Império, mesmo depois da Guerra do Paraguai, e pelos depoimentos dos velhos índios da comunidade Cachoeirinha. A área de Cachoeirinha foi delimitada por Rondon e concedida ao extinto SPI pelo estado de Mato Grosso, em 1948, correspondendo a uma superfície de 2.660 hectares. Nessa pequena gleba estão distribuídos os seguintes núcleos

---

<sup>6</sup> As informações contidas neste tópico foram coletadas em Azanha (2003) “Resumo do relatório circunstanciado de identificação e delimitação da terra indígena Cachoeirinha”.

residenciais (setores), que formam as comunidades propriamente ditas: **Sede:** é o núcleo mais antigo da comunidade e também onde se localiza o posto da FUNAI. Compõe-se, segundo dados da FUNASA (apud AZANHA 2003), de 164 residências, com uma população total de 1.325 pessoas; **Argola:** área de roças mais antigas, hoje formada por 38 moradias, com uma população de 485 pessoas; **Babaçu/Campão:** também área de roças, cuja maior parte da população é composta por descendentes de migrantes da comunidade Lalima; possui 78 casas e uma população de 504 pessoas; **Morrinho:** localizada próxima à sede, conta hoje com 31 residências e uma população de 234 pessoas; **Lagoinha:** setor mais recente, conta com 16 casas e uma população de 72 pessoas. Em todas as comunidades Terena, há hoje o **setor**<sup>7</sup> que é a unidade social mais inclusiva, dotada de autonomia política, ou seja, possui um cacique e um conselho tribal que responde pelas relações políticas de cada setor.

### 1.5 A família lingüística Aruak e a língua Terena<sup>8</sup>

Segundo Rodrigues (2005, p. 35), a classificação das línguas é de natureza genética: incluem-se, numa mesma classe, línguas que apresentam evidência de terem a mesma língua ancestral, como foi o caso das línguas românicas, que provêm do latim falado no Império Romano. Um conjunto de línguas que compartilham a mesma origem é chamado de família lingüística. No Brasil, existem atualmente 43 famílias, algumas com apenas uma língua. Por outro lado, em algumas famílias há propriedades comuns que, segundo o autor, “só podem ser explicadas por uma origem comum mais remota do que as que justificaram a constituição de cada família”. A partir dessas evidências, institui-se uma classe genética mais abrangente e de maior profundidade temporal, o tronco lingüístico. No Brasil, encontram-se dois troncos lingüísticos: um bem estabelecido, o tupi, que

---

<sup>7</sup> Setor é uma denominação encontrada em Azanha (2003) para as comunidades localizadas dentro da terra indígena de Cachoeirinha.

<sup>8</sup> As línguas são organizadas por famílias e troncos, Rodrigues (2002, p.18) esclarece que “algumas línguas, embora substancialmente diferentes, conservam muitos elementos em comum, que permitem reconhecê-la como descendente de uma só língua anterior”. Assim, segundo o autor, “na medida em que reconhecem origem comum para um conjunto de línguas, os lingüistas constituem uma família lingüística.” Quando se reconhece a origem comum para um conjunto de famílias lingüísticas, elas constituem um tronco lingüístico.

compreende dez famílias lingüísticas e outro, com um caráter ainda hipotético, o macro-jê, compreendendo doze famílias. Vejamos, na página seguinte, o quadro proposto por Rodrigues (2005), em que figuram as famílias lingüísticas, com as respectivas línguas, a sigla dos estados em que são faladas e o número de falantes:

Famílias e línguas indígenas do Brasil   Localidade   nº de falantes	Famílias e línguas indígenas do Brasil   Localidade   nº de falantes
<b>Aikanã</b> Aikanã, RO, 264	<b>Maxakalí</b> , tronco Macro-Jê Maxakalí, MG, 802
<b>Arawá</b> Banawá, AM, 215; Dení, AM, 736; Jamamadí (Kanamantí), AM, 800; Jarawára, AM, 160; Kulina (Madihá), AC e AM, 2318; Paumari, AM, 870; Zuruahá, AM, 143	<b>Mawé</b> , tronco Tupi Mawé (Sateré), AM e PA, 7.134
<b>Arikém</b> , tronco Tupi Kantiána, RO, 206	<b>Mondé</b> , tronco Tupi Arara do Beiradão ou do Aripuanã, MT, 5?; Aruá, RO, 58; Cinta-larga, MT e RO, 1.900; Gavião (Ikôro, Digüt), RO, 436; Mondé, RO, Paitêr (Surui de Rondônia), RO, 920; Zoró, MT e RO, 414
<b>Aruák</b> Apurinã (Ipurinã), AC e AM, 2779; Baniwa do Içana, AM, 5141; Baré, AM, 0; Kámpa (Aváninka), AC e AM, 813; Kuripáko, AM, 1.115; Maxinéiri (Manchineri), AM, 459; Mehináku (Meinaco), MT, 199; Palikúr, AP, 918; Paresí, MT, 1.293; Salumá (Enawené-nawé), MT, 320; Tariána, AM, 55; Teréna, MS e SP, 15.795; Wapixána, RR, 6.500; Warekéna, AM, 491; Waurá, MT, 321; Yawalapití, MT, 208	<b>Mundurukú</b> , tronco Tupi Kuruáya, PA, 5; Mundurukú, AM e PA, 7.500
<b>Awetí</b> , tronco Tupi Awetí, MT, 138	<b>Múra</b> Mura, AM, ?; Pirahã, AM, 360
<b>Bora</b> Miranha, AM, 613	<b>Nambikwára</b> Lakondé, RO, 1; Latundé, RO, 20; Mamaindê, MT, 103; Nambikwára do Sul, MT, 663; Sabanê, RO, 15
<b>Boróro</b> , tronco Macro-Jê Boróro, MT, 300; Umutina, MT, 0	<b>Ofayé</b> Ofayé (Opayé, Ofayé-Xavante), MS, 5?
<b>Chiquito</b> Chiquito (Chiquitano), MT, 2.000	<b>Páno</b> Amawáka, AM, 220?; Katukina, AC e AM, 318; Kaxarari, AM e RO, 269; Kaxinawá, AC, 3964; Korúbo, AM, 250; Kulino (Kulina), AM, 20; Marúbo, AM, 1.043; Matsés, AM, 829; Nukini, AC, 458; Poyanáwa, AC, 403; Xawanáwa (Arara), AC, 200; Yamináwa, AC, 618; Yawanáwa, AC, 450
<b>Guaikurú</b> Kadiwéu, MS, 1.592	<b>Puruborá</b> , tronco Tupi Puruborá, RO, 2
<b>Guató</b> , tronco Macro-Jê Guató, MS, 5?	<b>Ramaráma</b> , tronco Tupi Káro, RO, 184
<b>Irántxe</b> Irántxe, MT, 326; Mynký (Münkü, Menky), MT, 78	<b>Rikbaká</b> , tronco Macro-Jê Rikbaká (Rikbaktsá, Canoeiro), MT, 909
<b>Jabuti</b> Arikapú, RO, 19; Jabuti (Jeoromitxi), RO, 123	<b>Samuko</b> Chamacoco, MS, 40
<b>Jê</b> , tronco Macro-Jê Kaingáng, PR, SC, SP e RS, 25.000; Kayapó (Mebengokré), MT e PA, 8.148; Panárá, MT e PA, 202; Suyá, MT, 334; Tapayúna, MT, 58; Tmbira, MA, PA e TO, 4.445; Xavante, MT, 9.602; Xerente, TO, 1.814; Xokleng, SC, 757	<b>Tikúna</b> Tikúna (Tukúna), AM, 32.613
<b>Jurúna</b> , tronco Tupi Jurúna (Yudjá), MT, 278; Xipáya, PA, 2	<b>Trumái</b> Trumái, MT, 120
<b>Kanoé</b> Kanoé, RO, 6	<b>Tukáno</b> Arapáso, AM, 328; Bará, AM, 39; Barasána, AM, 61; Desána, AM, 1.531; Juriti, AM, 35; Karapaná, AM, 42; Kubéwa, AM, 287; Miriti-Tapúya, AM, 95; Pirá-Tapúya, AM, 1.004; Siríana, AM, 17; Tuyúka, AM, 593; Wanána, AM, 447
<b>Karajá</b> , tronco Macro-Jê Javaé, TO, 919; Karajá, GO e TO, 2.500; Xambioá, TO, 185	<b>Tupari</b> , tronco Tupi Akuntsú, RO, 6; Kepkiriwát, RO, 0; Makuráp, RO, 2.67; Sakirabiát (Mequém, Mequéns), RO, 66; Tupari, RO, 338; Wayoró (Ajurú), RO, 15
<b>Karib</b> Arara do Xingu (Ukarangmá), PA, 195; Bakairi, MT, 950; Galibi (Kariña), AP, 28; Hixkaryána, AM, 308?; Ikpéng (Txikão), MT, 319; Ingarikó, RR, 675; Kalapálo, MT, 415; Kapóng (Palamóna), 50; Kaxuyána, PA, 69; Kuikúru, MT, 417; Makuxí, RR, 16.500; Matipú, MT, 119; Nahukwá, MT, 105; Taulipáng (Taurepá, Pemóng), RR, 532; Tiriyo (Tirió), PA, 735; Waimiri (Waimiri-Atroari), AM, 931; Waiwái, AM e RO, 2.020; Wayána, PA, 415; Yekuána (Mayongóng), RR, 426	<b>Tupi-Guaraní</b> , tronco Tupi Amondáwa, RO, 83; Anambé, PA, 2; Apiaká, MT, 2; Araweté, PA, 278; Asuriní do Tocantins (Akwáwa), PA, 303; Asuriní do Xingu (Awaeté), PA, 106; Auré-Aurá, MA, 2; Avá-Canoeiro, GO, TO, 16; Diahóí (Diarroi), AM, 50; Guajá, MA, 280; Guajajára, MA, 13.100; Guarani (Kaiwá, Mbyá, Nhandéva), ES, MS, PR, RJ, RS, SC e SP, 30.000; Juma, AM, 7; Ka'apór (Urubu), MA, 800; Kamayurá, MT, 355; Karipúna, RO, 1; Kayabi, MT, 1.000; Língua Geral Amazônica (Nheengatú), AM, 3.000; Parakaná, PA, 800; Parintintin, AM, 156; Surui do Tocantins (Mudjetire, Aikewára), PA, 185; Tapirapé, MT, 438; Tembê, PA, 820; Tenharim, AM, 585; Uruewawau, RO, 87; Wayampí, AP, 525; Xetá, PR, 3; Zo'é (Jo'é, Puturú), PA, 152
<b>Katukina</b> Kanamari, AM, 1327; Katawixí, AM, ?; Katukina, AM, 289; Txunhuá-djapá (Tsohom-djapá), AM, 100	<b>Txapakúra</b> Kujubim, RO, 27; Orowin (Oro Win), RO, 50; Torá, AM, 51; Urupá, RO, 150; Wari (Pakaanóva), RO, 1.930
<b>Kokáma</b> (Omágua, Cambeba), língua mista, AM,	<b>Yanomámi</b> Yanomámi (Ninám, Sanumá, Yanomám, Yanomámi), RR, 11.000
<b>Krenák</b> Krenák (Botocudo), MG, 6	<b>Yatê</b> , tronco Macro-Jê Yatê (Carnijó, Fulnió), PE, 2.930
<b>Kwazá</b> Kwazá (Kwayá, Coaiá), RO, 25	
<b>Máku</b> Máku, RR, 1	
<b>Makú</b> Dáw (Kamã), AM, 83; Húpda, AM, 1.431?; Nadéb, AM, 480?; Yuhúp, AM, 400	

Quadro 1. Famílias e línguas indígenas do Brasil.

Fonte: RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Sobre línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. Ciência e Cultura. Vol. 57, nº2, junho de 2005.

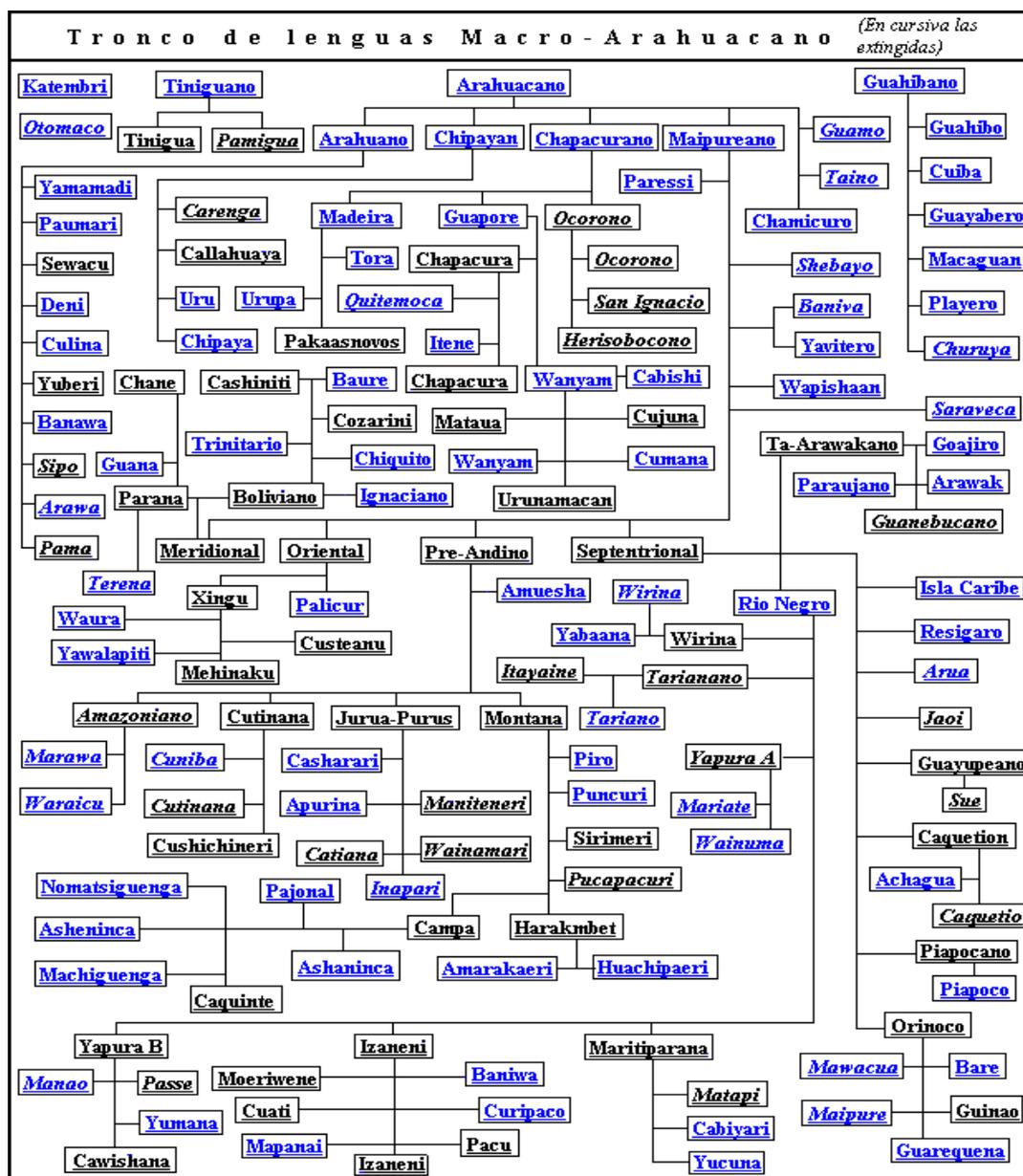
Rodrigues (2002, p.64) esclarece que Aruak ou (arawák) é uma língua falada na costa guianesa da América do Sul, na Venezuela, na Guiana, no Suriname e na Guiana francesa. Acrescenta o autor que:

Essa língua, também conhecida como Lokomo, foi falada em algumas ilhas Antilhas, como Trindad. Quando os europeus iniciaram sua colonização na região do Karib, os Aruak aí dividiam e disputavam o mesmo espaço com os karib, e foi com uns e outros que aqueles tiveram seus primeiros contatos com a população nativa e com suas línguas. Tal como aconteceu o nome karib, também o nome Aruak veio a ser usado para designar o conjunto de línguas encontradas no interior do continente, aparentadas à língua Aruak. Esse conjunto também foi chamado de Maipure ou Nu-Aruak e corresponde ao que Martius há mais de um século chamou de Guck ou Coco.

Ainda segundo Rodrigues (2002), as línguas da família Aruak encontram-se na ampla região guianesa, intercaladas entre as línguas da família Karib, de onde se estendem para o oeste, até as cabeceiras dos afluentes esquerdos do rio Orinoco, e para sudoeste, especialmente ao longo do Rio Negro e seus afluentes mais setentrionais, em especial no Içana. Mais ao sul e mais a oeste encontram-se línguas aparentadas, entre o Japurá e o Solimões e, ainda, ao sul deste último, em seus afluentes, como o Purus e o Juruá, ou em afluentes do Marañón, no Peru, como o Ucaiáli. Outras línguas da família Aruak acham-se mais ao sul; por um lado, ao noroeste amazônico da Bolívia; por outro lado, no oeste de Mato Grosso e em outras partes do Centro-Oeste. A língua desta família falada mais ao sul é o Terena, a leste do rio Paraguai, em Mato Grosso do Sul (e na região de Bauru, conforme mencionamos anteriormente).

Embora um grande número de línguas da família Aruak esteja sendo estudado no Brasil e também em outros países, como Bolívia, Peru e Venezuela, ainda há poucos estudos comparativos que permitam conhecer as relações entre as línguas da família. Essa falta de estudos afeta, sobretudo, línguas ou grupos de línguas a quem se tem atribuído a família Aruak, mas até agora sem evidências claras.

A organização da família Aruak<sup>9</sup>, conhecida em países da América do Sul como tronco Macro-Arahuacano, pode ser visualizada no quadro a seguir:



Quadro 2. Tronco de lenguas macro-arauacano.

Fonte: <http://www.proel.org/index.php?pagina=mundo/amerindia/arawak>

<sup>9</sup> A organização das línguas em troncos e famílias é feita a partir de estudos comparativos, que constata a afiliação genética das línguas. No Brasil, o Aruak conhecido como família; pela falta de estudos mais aprofundados, em outros países da América do Sul este grupo de línguas é denominado tronco.

O quadro apresenta todas as línguas (do mundo) que compõem a família ou tronco Aruak; as línguas identificadas com a cor azul são as línguas vivas e, com a cor preta, as línguas já extintas. De acordo com Aikhenvald (2001), Aruak é a família lingüística que tem o maior número de línguas na América do Sul. No Brasil, as línguas da família Aruak encontram-se nas regiões norte (Apurinã, Baniwa, Palikur, Pareci, Piapoko, Tariana, Wapishana) e na região oeste (Mehinaku, Waurá, Yawalapiti no parque Xingu- MT, Terena e Kinikinau<sup>10</sup> no estado de Mato Grosso do Sul). Essa distribuição está representada no mapa a seguir:

---

<sup>10</sup> A língua Kinikinau foi dada como extinta pelo *Handbook of South American Indians* (1963), no entanto Couto (2004) e Souza (2008) por meio de seus estudos comprovam que a língua tem sido falada em comunidades indígenas de MS.

Souza (2008), em sua tese de doutorado *KOENUKUNOE EMO'U: a língua dos índios Kinikinau* retoma 3 hipóteses sobre a língua: 1) a língua Kinikinau teria sido substituída pelo Kadiwéu; 2) o contato com o Kadiwéu, terena e português teria criolizado a língua; 3) a língua falada pelos índios Kinikinau seria o Terena. A autora refuta as três hipóteses e afirma que a língua Kinikinau está viva sendo essa muito semelhante ao Terena.



A língua Terena é falada por um grande número de indígenas, mas o seu uso e frequência são desiguais nas várias comunidades e terras indígenas. Por exemplo, em Dois Irmãos do Buriti e em Nioaque são poucas pessoas que a utilizam. Em outras localidades, como Cachoeirinha, em Miranda, a língua é falada por quase toda a comunidade.

Segundo Ladeira (2001), grande parte das comunidades Terena localizadas no estado de Mato Grosso do Sul não mantém o uso da língua tradicional, a não ser em algumas áreas específicas, como no caso da A. I. Cachoeirinha, no município de Miranda. Entretanto, por meio do Projeto de extensão: “Keukapana Ra vemo’u e Yakutipapu” e do projeto de pesquisa: “Educação escolar indígena: língua, raça, cultura e identidade”, desenvolvidos nas comunidades da região, com o envolvimento direto de pesquisadores do Departamento de Educação do Câmpus de Aquidauana (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), constatou-se que, em algumas, como, por exemplo, Limão Verde e Ypêgue, os mais velhos conhecem e utilizam a língua, mas a maioria dos jovens e crianças não a utilizam, valendo-se da língua portuguesa para se comunicarem. As comunidades que a utilizam apresentam variações que parecem comuns, se considerarmos que a fala é que a faz viva e real. Por outro lado, a dinâmica da língua, as transformações culturais por que passaram/passam os Terena interferem nessas variações, modificam a língua, e empréstimos estão sendo aglutinados a ela e transformando-a. Em nosso córpus, encontramos alguns empréstimos em que é usada a palavra em português obedecendo às particularidades fônicas da língua Terena. [ʎumiŋgu] ‘domingo’, [taŋgi], ‘tanque’, [ʎawona], ‘lagoa’, [ʎa:raŋga] ‘laranja’, [mbola] ‘bola’

## **CAPÍTULO II: METODOLOGIA DE PESQUISA**

Nesta pesquisa com a língua Terena, procedeu-se à coleta inicial de dados por meio da “Lista diagnóstica léxico-estatística de Swadesh” (ANEXO I) e do “Formulário do vocabulário-padrão para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras” (ANEXO II) do Museu Nacional do Rio de Janeiro, com auxílio de gravações, anotações em diário de campo e fontes bibliográficas referentes aos Terena.

### **2.1 O trabalho de campo**

A metodologia seguida no trabalho de campo com a língua Terena consistiu em coletar dados lingüísticos junto à comunidade indígena de Cachoeirinha, os quais foram submetidos à análise fonológica. A pesquisa envolveu duas atividades básicas: coleta e transcrição de dados e interpretação dos dados coletados e transcritos. Foram realizados, junto à comunidade Cachoeirinha, no município de Miranda MS, quatro trabalhos de campo.

Os dados foram gravados em gravador digital e transcritos, ainda em campo, para serem conferidos, comprovados e analisados junto aos falantes. Cada sessão foi planejada para, inicialmente, fazer comprovações de dados já transcritos, ou constantes das listas ou formulários, em seguida, coleta de novos dados para análise e transcrição e nova comprovação, de que derivou uma nova lista. Para a descrição dos segmentos da língua, foram aplicadas as orientações do modelo de análise sugerido nos trabalhos de Kindell (1981) e Cagliari (2002).

A eliciação de dados foi realizada em quatro etapas: em julho (de 12 a 30) e dezembro (de 10 a 20) de 2007, e em março (05 a 25) e julho (de 19 a 30) de 2008.

## **2.2 O córpus**

No primeiro momento de nossa estada na comunidade, fizemos observações e conversamos com professores, com o cacique e com as lideranças indígenas.

Na elaboração do nosso formulário, adotamos como modelo o Formulário do vocabulário padrão para estudos de línguas indígenas brasileiras, da Divisão de Antropologia do setor lingüístico do Museu Nacional, Rio de Janeiro, e a Lista diagnóstica léxico-estatística de Swadesh (1955), ambos adaptados por nós a fim de melhor registrar os dados da comunidade indígena em estudo.

Os formulários foram organizados por campos semânticos e aplicados aos informantes em sessões individuais. Outros mecanismos de coleta de dados foram também aplicados, como o diário de campo utilizado pela pesquisadora, o registro de falas espontâneas e a intervenção de membros da comunidade no momento da coleta, como ocorreu no último trabalho de campo: no momento em que se perguntou para a entrevistada como se falava “feijão”, ela forneceu um dado e o esposo, que estava próximo acompanhando a gravação, outro. Tratava-se de um tipo de feijão, feijão de corda, dado que não estava previsto no formulário inicial e foi inserido no banco de dados da língua. Esse fato mostra a importância do planejamento da coleta, uma vez que, a cada sessão, o formulário é reformulado, seja com a inserção, seja com a exclusão de dados.

Em resumo, seguindo a proposta de Kindell (1981), para descrevermos os dados obtidos em nossa pesquisa, contamos com gravações, conversas e aplicação de formulários para identificar quais variações seriam significativas dentro do sistema em estudo.

## **2.3 Levantamento de dados e estabelecimento do córpus**

O primeiro trabalho de campo foi realizado em julho de 2007, na Chácara Paraíso, próxima à Comunidade Indígena de Cachoeirinha. A coleta foi realizada numa propriedade rural e não na própria comunidade porque, mesmo

tendo o consentimento da comunidade, manifesto pelo cacique e pelo chefe de posto, não tínhamos, ainda, a autorização da FUNAI<sup>11</sup>. Assim, para evitar eventuais problemas futuros optamos por não fazer a coleta na área indígena.

Esse primeiro trabalho de campo serviu mais a título de contato e conhecimento. Nesse período, apresentou-se o projeto às lideranças indígenas, ao chefe de posto, a possíveis entrevistados e coletaram-se alguns dados. Diariamente íamos à comunidade para visitar famílias e escolas, a fim interagir com os sujeitos de pesquisa. Nesses momentos, foi possível coletar dados contextualizados de acordo com a vivência do grupo.

A segunda coleta de dados foi realizada em dezembro de 2007. Os falantes que participaram desse trabalho foram: N.L.R 58 anos, C.V.L., 63 anos; C.L., 23 anos; M.P., 74 anos; T.C.R., 8 anos; M.G., 76 anos; A. P., 78 anos; F. S., 93 anos; V.B., 38 anos e M.L.E.S., 50 anos. Todos os entrevistados afirmaram dominar as duas línguas Terena e português, porém, como nossa pesquisa não é de natureza sociolingüística, não avaliamos o grau de bilingüismo nem o domínio de L1 e L2.

No momento da entrevista para a coleta de dados foi feita a pergunta “como fala \_\_\_\_ em Terena?” A primeira resposta na maioria das vezes veio com a marca de 1ª pessoa, como, por exemplo, “boca”: [ˈm̩ba:hɔ] ‘minha boca’. Nas listas do primeiro trabalho de campo, a maioria dos dados encontram-se na primeira pessoa. Quando constatamos isso, fizemos novamente a coleta dos dados, explicando ao informante que queríamos a palavra “boca”, mas que não fosse “minha boca”. Obtivemos, então, [paˈhɔ:ti], “boca de alguém” – com o sufixo –ti marcando a categoria de possuidor indefinido, ou não marcado. Essa etapa do trabalho de campo consistiu em coletar dados, transcrever e analisar *in loco* os aspectos fonológicos da língua. Para tanto, as entrevistas foram gravadas com a devida autorização dos falantes e da liderança. A lista com os itens lexicais a serem

---

<sup>11</sup> Para obtermos a autorização para o ingresso em terras indígenas, solicitamos à da comunidade indígena de Cachoeirinha (ANEXO). De posse desse documento, encaminhamos o projeto de mestrado ao CNPq para análise de mérito científico (ANEXO). Ainda não temos em mãos a autorização definitiva da FUNAI, porém, em nosso segundo trabalho de campo, o Chefe do Posto Indígena de Cachoeirinha, Sr Edson Fagundes nos informou que o documento definitivo já tinha sido deferido pela administração regional e fomos autorizados provisoriamente a desenvolver a pesquisa De acordo com o parágrafo único do art. 7º da instrução normativa Nº 001/PRESI, que aprova as normas que disciplinam o ingresso em Terras Indígenas com finalidade de desenvolver Pesquisa Científica, “a consulta às lideranças indígenas será realizada pela FUNAI, com a presença e participação do pesquisador, podendo este em caso de resposta positiva permanecer na terra indígena com autorização provisória até a emissão de uma definitiva”.

coletados foi previamente elaborada com base na “Lista diagnóstica léxico-estatística de Swadesh” e no “Formulário do vocabulário-padrão para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras” do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Quanto à transcrição fonética, primeiramente foi feita em caderno; posteriormente, os dados foram inseridos em uma base de dados. A análise prévia dos dados consistiu em reunir informações relevantes acerca dos processos fonológicos, como identificação dos acentos e pausas, levando em consideração o resultado de outras pesquisas (Bendor Samuel, 1960 e 1966; Butler, 1977 e 1978; Eastlack, 1968 e Tourville, 1992), comparando e sistematizando os dados antes da análise propriamente dita.

O terceiro trabalho de campo foi realizado em março de 2008, quando testamos os dados coletados e a análise fonológica em andamento. O quarto trabalho de campo foi realizado em julho de 2008, no intuito de confirmar as descrições já elaboradas. Nestes dois últimos trabalhos de campo, selecionamos dois falantes para testar e confirmar a análise em andamento, bem como para esclarecer as dúvidas, em especial no que diz respeito ao acento. A seleção desses falantes obedeceu aos seguintes critérios: serem falantes ativos, bilíngües, com idade entre 40 e 50 anos, boa dicção e voz audível, viverem na Aldeia e terem disponibilidade para repetir várias vezes o mesmo dado.

Conforme apontamos, a pesquisa conta com diversas gravações de áudio, realizadas com os sujeitos Terena em quatro períodos. Ao todo, foram 10 horas de gravação, em que foram coletados aproximadamente 1.400 (um mil e quatrocentos) itens lexicais. Todas as gravações foram fragmentadas<sup>12</sup>, isolando cada dado para descrição e conferência com a transcrição realizada no momento da entrevista. Após a elaboração do quadro fonético da língua, selecionamos os fones a serem listados para demonstração de contrastes (par mínimo). Por esse motivo trouxemos para a dissertação apenas os itens lexicais que demonstram a ocorrência de fones, fonemas e auxiliam a demonstração de contraste na análise.

---

<sup>12</sup> Cada sessão de entrevista durou em média 1 hora; os dados foram gravados em um único arquivo por sessão, seguindo a ordem estabelecida no formulário de itens lexicais. Após a entrevista, fragmentamos o arquivo, “cortando/isolando” cada palavra para facilitar a transcrição.

## **2.4 Modelo teórico-metodológico**

Nosso trabalho baseia-se em considerações metodológicas e técnicas próprias a uma análise fonológica básica, de cunho estruturalista, obedecendo aos passos propostos por Kindell (1981).

Kindell (1981) aponta que os sons de uma língua são organizados automática e inconscientemente pelos que a falam, em unidades estruturais, tais como fonemas, sílabas, pés e contornos. O estudo das propriedades fônicas pertinentes à articulação dessas unidades é o objetivo geral da fonética articulatória, e constitui-se como pré-requisito para uma análise fonológica.

Uma distinção importante a ser considerada é a diferença entre fonética e fonologia. Segundo Kindell (1981), a fonética é o estudo dos sons em geral, enquanto a fonologia é o estudo da organização dos sons de uma determinada língua. Do ponto de vista prático, a fonética possibilita exatidão e precisão na aquisição de dados, e a fonologia possibilita a interpretação desses dados. Cagliari (2002, p.20) aponta que toda análise fonológica, “seja ela de que tipo for, baseia-se sempre em dados e fatos obtidos por meio de uma cuidadosa análise fonética”.

## **2.5 Programação da descrição fonológica**

De acordo com Kindell (1981), uma análise fonológica deve possuir um inventário fonético e um inventário fonológico, em que a unidade mínima da análise fonológica seja o fonema. Na elaboração dos inventários fonético e fonológico, utilizamos a técnica de oposição e variação.

Silva (2001, p. 126) ressalta que um dos objetivos de uma análise fonêmica é definir quais são os sons de uma língua que têm valor distintivo. O procedimento habitual de identificação de fonemas é buscar duas palavras com significados diferentes cuja cadeia sonora seja idêntica. Essas palavras constituem um par mínimo, e a oposição entre eles é denominada contraste em ambiente idêntico (CAI). Quando não encontramos pares mínimos, podemos caracterizar os

dois segmentos em questão como fonemas distintos pelo contraste em ambiente análogo (CAA).

Podemos citar como exemplo de contraste entre pares mínimos em ambiente idêntico (CAI): ['pəkə] 'cuia' ['məkə] 'ninho', de que deriva a oposição fonológica entre [p] e [m]. Um exemplo de contraste em ambiente análogo (CAA) encontra-se em [a'ru:mə] 'piranha' e [a:runəj] 'moça'.

Segundo Dubois (1998, p.43), a oposição fonológica é a diferença entre duas ou mais unidades distintivas. É uma diferença fônica que tem um valor lingüístico. Por exemplo, em Terena, a diferença entre /t/ e /ɾ/, que permite opor as palavras *veteteke* [vɛtɛkɛkɛ], "jacaré", e *vereteke* [vɛɾɛkɛkɛ], "perereca", é fonológica. Assim, dados dois fones, se a substituição de um pelo outro resultar numa diferença lexical, então esses fones podem ser considerados como fonemas. Para que esse teste resulte operativo, é necessário contar com pares mínimos, isto é, com itens lexicais que se diferenciem apenas num elemento da seqüência.

Cagliari (2002, p.24) afirma que a função opositiva é uma função fonológica que possibilita, por meio do teste de comutação (substituição de um som por outro num determinado ponto do sintagma ou enunciado), fazer o levantamento dos sons que exercem a função de fonemas numa dada língua ou do valor fonológico que as demais unidades possuem. Partindo desse pressuposto, na fonologia, tudo se faz por oposição, tendo como forma de controle o significado resultante das alterações nas comparações:

Como a fala é uma cadeia-de-sons, a detecção dos fonemas através do teste de comutação estabelece a função de fonema para os sons, de acordo com o contexto em que foram encontrados. Isto significa que um som pode estar em oposição fonológica com outro num determinado contexto (ponto de um sintagma caracterizado pelo que vem antes ou depois do som em análise), mas num outro contexto, tal oposição pode não se realizar. Cada contexto tem sua própria estrutura e o que acontece num caso não precisa acontecer do mesmo modo em outro. (CAGLIARI, 2002, p. 24)

Albuquerque (2007, p.107) ressalta que, quando não é possível atestar, por meio de pares mínimos, a oposição entre dois sons, e quando a substituição de um pelo outro em um mesmo contexto não resulta em mudança de significado, a

oposição/contraste entre os pares, em vez de mostrar dois fonemas, mostra duas variantes fonológicas. A esse respeito, Cagliari (2002, p. 25) destaca que

A função fonológica desses dois sons não é distintiva nem opositiva, mas redundante do ponto de vista do sistema lingüístico. No entanto, como a presença de um ou de outro é necessária na formação do morfema, devemos reconhecer a presença de um fonema nesse ponto do enunciado. A realização fonética (alofônica) desse fonema pode ser através de um som ou de outro detectado como variante, mas não dos dois ao mesmo tempo, porque existe um lugar para apenas um som na cadeia-da-fala, naquele contexto.

Assim, se um falante de Terena ora diz [ʃu.pu]~ [tʃupu], 'mandioca', [ʃa.nɛ]~ [tʃa.nɛ], 'gente', [ʃu.lu.kɛ]~ [tʃu.lu.kɛ], 'tatu peludo', a diferença entre [tʃ] e [ʃ] não é fonológica (não são dois fonemas), mais sim fonética (são duas variantes de um mesmo fonema). Nesse caso, como geralmente ocorre, escolhe-se o som que se julga o mais comum na fala das pessoas da comunidade em estudo para representar o fonema, como destaca Cagliari<sup>13</sup> (2002, p. 25-26):

A escolha de um dos elementos para representar o fonema é feita com motivação na maneira mais fácil de explicar como os fonemas podem ocorrer em uma língua. Assim, é mais fácil explicar que um som surdo [x] se torna sonoro [ɣ] entre dois outros sonoros (vogais), do que fazer a explicação inversa: um som sonoro [ɣ] torna-se surdo entre dois outros sonoros (vogais). [...] Dizemos, então, que as explicações fonológicas devem ser o mais possível naturais.

Outro item importante a ser destacado refere-se ao conceito de contexto ou ambiente fonológico. Para Crystal (1988), contexto é um termo geral usado em fonética e em lingüística para designar certas partes específicas de um enunciado próximo à unidade sobre a qual recai o foco da atenção. As características do contexto, ou ambiente lingüístico, explica Crystal, podem influenciar a seleção de

---

<sup>13</sup> Existem pesquisas/pesquisadores que discutem os fatores (lingüísticos, pedagógicos, psicolingüísticos, práticos, sociolingüísticos) a serem considerados na escolha do fonema e do grafema que irá representá-lo. Como nosso trabalho não tem o objetivo de propor uma ortografia, nem de analisar a ortografia da língua não aprofundaremos a discussão sobre o tema.

uma determinada unidade, em um determinado ponto do enunciado, restringindo, dessa forma, sua ocorrência.

Silva (2001, p.128) enfatiza que, no estágio inicial de descrição de uma língua, o objetivo central é identificar como se organiza a cadeia sonora da fala. Assim, basta que encontremos pares mínimos para sons foneticamente semelhantes (SFS). Segundo a autora, um par de sons foneticamente semelhantes constitui-se como um par suspeito. Um par suspeito corresponde a um par de sons para os quais devemos buscar um exemplo de par mínimo para atestar o status de fonemas dos segmentos em questão.

A autora aponta que, às vezes, a busca de um par mínimo para identificar fonemas de uma língua pode ser infrutífera. Assim, quando não encontramos pares mínimos para dois segmentos suspeitos, concluímos que os segmentos em questão não são fonemas. Se não conseguimos caracterizar esses segmentos como fonemas, precisamos buscar evidências para caracterizá-los como alofones de um mesmo fonema, o que será feito pelo método da distribuição complementar (DC).

Segundo Crystal (1988, p. 87), em fonologia a expressão “distribuição complementar” refere-se ao status de sons relacionados (ou alofones) quando se encontram em ambientes mutuamente exclusivos. Assim, a distribuição complementar estabelece que, se dois fones ocorrem em ambientes mutuamente exclusivos, podem ser considerados eventualmente como alofones de um mesmo fonema.

A ocorrência da variação de um fonema (alofone) pode ser livre ou posicional. A variação livre ocorre com alofones que não dependem do contexto; já na posicional os alofones dependem do contexto.

Na língua Terena de Cachoeirinha, encontramos vários casos de variação de fonemas, que podem ser livres ou posicionais. Podemos citar como exemplo a variação entre os fones [v] e [w], que variam livremente no início de sílaba e palavra: ['kɛ:vi] 'asa', ['hɛ:wɛ] 'pé dele', [vɛ'ɾɛkɛkɛ] 'perereca', ['wa:ma] 'jatobá', no entanto em final de sílaba ou palavra, ocorre apenas a variante [w], como é o caso de [tʃa'paw] 'mamão'; [pɪri'taw] 'faca' e [m̩bɪri'tawna] 'minha faca'.

Macambira (1985) considera que dois ou mais sons estão em distribuição complementar quando são semelhantes e sempre ocorrem em ambientes diferentes, de modo que onde um ocorre o outro jamais ocorrerá. São mutuamente exclusivos

ou distributivamente distintos, isto é, a presença de um exclui a presença do outro no mesmo ambiente, mas um e outro se completam ou se complementam.

Com a meta de definir o inventário de fonemas e seus respectivos alofones, nossa descrição fonológica da língua Terena seguiu os passos propostos por Kindell (1981): 1) coleta de dados; 2) elaboração do quadro fonético; 3) identificação dos sons foneticamente semelhantes; 3) identificação dos fonemas e alofones, caracterizando a distribuição complementar ou listando os pares mínimos relevantes; 4) elaboração do quadro de fonemas; 5) Descrição da estrutura silábica; 6) considerações sobre os processos fonológicos e sobre o acento.

### CAPÍTULO III: DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA DA LÍNGUA TERENA NA COMUNIDADE CACHOEIRINHA

Conforme foi dito anteriormente, a língua Terena já foi descrita por missionários, requerendo, ainda, estudos científicos. As descrições anteriores trazem alguns pontos divergentes entre si e em relação a nossa descrição, o que nos permite trazer para a academia algumas discussões e uma proposta de descrição. Cabe ressaltar que, durante a pesquisa à bibliografia pertinente, não encontramos descrições fonéticas da língua, de modo que não foi possível confrontar os fones e alofones e discutir os quadros já elaborados. Assim, discutimos apenas a diferença entre os quadros e entre esses e os que propomos aqui.

O primeiro estudo sobre a fonologia da língua Terena foi realizado por Bendor-Samuel<sup>14</sup>, em 1960. Segundo o autor, a língua Terena possui 14 fonemas consonantais incluindo as semivogais, conforme os quadros que seguem:

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Pós- alveolar	Palatal	Velar	Glotal	
Oclusiva	p		t			k	ʔ	
Fricativa			s	ʃ			h	hy
Nasal	m		n					
Lateral			l					
Tepe			r					
Aproximante	w				j			

Quadro 3. Fonemas consonantais Terena propostos por Bendor-Samuel  
(1960)

<sup>14</sup> O quadro de Bendor-Samuel (1960) apresenta os símbolos segundo a tabela de Pike; nós trouxemos os dados equivalentes, segundo a tabela de símbolos do IPA.

	Anterior	Central	Posterior
Fechado	i		u
Meio fechado	e		o
Aberto		a	

Quadro 4. Fones vocálicos da língua Terena segundo Bendor Samuel (1960)

Eastlack (1968) apresenta um quadro de fonemas diferente: considera 19 fonemas consonantais ( /p, b, m, v, t, d, s, z, n, r, l, ʃ, ʒ, j, k, g, ʔ, h, hh/ ) e 5 vocálicos ( /i, e, a, o, u/ )

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Pós- alveolar	Palatal	Velar	Glotal	
Oclusiva	p b		t d			k g	ʔ	
Fricativa		v	s z	ʃ ʒ			h	hh
Nasal	m		n					
Lateral			l					
Tepe			r					
Aproximante					j			

Quadro 5. Fonemas consonantais Terena propostos por Eastlack (1968)

	Anterior	Central	Posterior
Fechado	i		u
Meio fechado	e		o
Aberto		a	

Quadro 6. Fonemas vocálicos Terena propostos por Eastlack (1968)

Butler (1978) aponta que a língua possui 14 fonemas consonantais, sendo as oclusivas e a fricativa /h/ aspiradas. A autora propõe como fonema a fricativa labiodental surda /v/, ausente do quadro de Bendor-Samuel (1960) e já identificada por Eastlack (1968).

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal	
Oclusiva <sup>15</sup>	p		t			k	ʔ	
Fricativa		v	s	ʃ			h	hy
Nasal	m		n					
Lateral			l					
Tepe			r					
Aproximante					j			

Quadro 7. Fonemas consonantais Terena propostos por Butler (1978)

	Anterior	Central	Posterior
Fechado	i		u
Meio fechado	e		o
Aberto			a

Quadro 8. Fonemas vocálicos Terena propostos por Butler (1978)

Como será demonstrado, nosso trabalho traz alguns dados que diferem dos trabalhos anteriores. Em nossa análise, não encontramos a ocorrência dos sons aspirados, nem a ocorrência do segmento /hh/, identificado por Eastlack (1968).

<sup>15</sup> Segundo a autora as oclusivas surdas são aspiradas.

<sup>16</sup> De acordo com Butler (1978) esse som é equivalente a /h/ com palatalização.

Além disso, discutimos as análises anteriores dos segmentos [v] e [w]: nas análises de Eastlack (1968) e Butler (1978), esse som é representado por /v/; na análise de Bendor-Samuel, por /w/; em nossa análise, levamos em consideração a ocorrência do fone [w] em posição de margem da sílaba (início e coda), posições geralmente ocupadas por segmentos consonantais e, por esse motivo, optamos pelo fonema /w/.

Nossa descrição também difere da de Eastlack no que diz respeito aos fonemas /b/, /d/, /z/, /ʒ/, /g/. Em nossos dados, esses segmentos só ocorrem acompanhados de pré-nasalização e apenas em ambiente morfofonológico de concordância com a primeira pessoa, de modo que foram considerados segmentos fonéticos, resultando em um quadro composto por 13 fonemas consonantais (Bendor-Samuel considerava 14 fonemas, Eastlack, 19).

As três descrições anteriores apresentam o mesmo quadro de segmentos vocálicos compostos por 5 segmentos; nossa descrição difere das anteriores em dois aspectos: a escolha de fonemas vocálicos e vogais alongadas.

Levando em consideração os fatores lingüísticos na escolha de um fonema para representar um alofone, proposto por Cagliari<sup>17</sup> (2002, p.26), escolhemos como fonema as vogais abertas, uma vez que elas são predominantes em nossos dados, e ainda por ocorrer na língua a harmonia vocálica: várias palavras são pronunciadas com todas as vogais abertas, como, por exemplo:

[va'ra:ka] 'arancuã'

['vahaha] 'aranha'

[pa'ra:wa] 'arara'

[tə'kɔrɔ] 'bugio'

[tə'rɔ:rɔ] 'cabaça'

[vɛ'tɛkɛkɛ] 'jacaré'

['hɔ:ɛ] 'peixe'

[vɛ'rɛkɛkɛ] 'perereca'

---

<sup>17</sup> Segundo Cagliari (2002, p.26) "As explicações fonológicas devem ser o mais possível naturais, isto é, devem estar de acordo com a maior facilidade articulatória". De acordo com o autor, algumas línguas têm regras fonológicas que mostram tendência à nasalização, à assimilação e outros. Esses fenômenos mostram as forças fonológicas atuantes nos sistemas e que servem de apoio para as explicações fonológicas ou opções na formulação de regras, como no caso da escolha de certos sons em vez de outros para representar os fonemas, dos quais eles são apenas uma das variantes fonéticas.

Em nossa análise, consideramos as vogais alongadas /a:/, /ɛ:/, /i:/, /ɔ:/ e /u:/ como fonemas. A justificativa para essas considerações: de acordo com os princípios básicos da análise fonológica estruturalista, para demonstrar a ocorrência de uma fonema é necessário comprovar, por meio de par mínimo (em ambiente idêntico ou análogo), o contraste ou oposição entre os segmentos fonéticos (fones). A vogal alongada [u:] ocorre em contraste com a correspondente breve [u] em ambiente análogo, como pode ser visto nos exemplos: [ta'muku] 'cachorro'; ['mu:jɔ] 'corpo dele'. O contraste em ambiente idêntico entre as vogais é demonstrado nos exemplos a seguir:

[ 'ni:kɔ ] 'ele está comendo?'	[ 'nikɔ ] 'quando ele comeu'
[ 'pi:kɔ ] 'ele tem medo'	[ 'pikɔ ] ' quando ele está com medo'
[ 'si:mɔ ] 'ele veio'	[ 'simɔ ] 'quando ele chegou'
[ 'iti ] 'você'	[ 'iti ] 'sangue'
[ 'kɛ:vɔ ] 'quando choveu'	[ 'kɛvɔ ] 'choveu'
[ 'ka:mɔ ] 'ele escuta'	[ 'kamɔ ] 'cavalo'
[ 'jɛ:mɔ ] 'quando ele foi'	[ 'jɛnɔ ] 'mulher dele'
[ 'jɔ:kɔ ] 'sua tia'	[ 'jɔkɔ ] 'venha'
[ 'jɔ:nɔ ] 'ele foi'	[ 'jɔnɔ ] 'quando ele vai'
[ 'jɔ:ʃɔ ] 'você toca' (pife, sanfona)	[ 'jɔʃɔ ] 'quando você tocou'
[ 'hi:pɔ ] 'unha'	[ 'hipɔ ] 'cigarro'
[ nɔ'nɛ:ti ] 'rosto'	[ nɔ'nɛti ] 'planta'

Como nossa descrição restringe-se ao plano fonológico, não cabe, aqui, discutir as distinções temporais ou aspectuais (já identificadas por BUTLER, 1978) decorrentes da oposição longa x breve. Limitamo-nos a apontar o fato de que essa oposição é fonologicamente pertinente. Diferente de Butler, consideramos que a distinção não decorre exatamente (ou não apenas) do acento.

### 3.1 Descrição e distribuição dos fones

A língua Terena falada na Cachoeirinha possui, segundo nossos dados, um sistema de sons constituído por 22 fones consonantais e 13 fones vocálicos.

#### 3.1.1 Inventário de fones consonantais

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	[p]		[t]			[k]	[ʔ]
Africada				[tʃ]			
Fricativa		[v]	[s]	[ʃ]			[h]
Pré-nasal	[ <sup>m</sup> b]		[ <sup>n</sup> d], [ <sup>n</sup> z]		[ <sup>n</sup> ʒ]	[ <sup>n</sup> g]	
Nasal	[m]		[n]		[ɲ]		
Lateral			[l]				
Tepe			[r]				
Aproximante	[w]				[j]		
Lateral aproximante					[ɬ]		

Quadro 9. Fones consonantais da língua Terena falada na Cachoeirinha.

**[p]** oclusivo, bilabial, surdo, oral; ocorre em início de sílaba e em posição intervocálica.

[<sup>n</sup>rapitaka]

‘castanha’

[<sup>n</sup>pa:hə]

‘boca’

[<sup>n</sup>puʔiti]

‘gordo’

**[t]** oclusivo, alveolar, surdo, oral; ocorre em início de sílaba e em posição intervocálica.

[ta'muku]	‘cachorro’
['ti:pɛ]	‘veado’
['tu:ti]	‘cabeça’

**[k]** oclusivo, velar, surdo, oral; ocorre em início de sílaba e em posição intervocálica.

[ko'siu]	‘formiga’
['ku:rɛ]	‘porco’
[kali'vɔ:nɔ]	‘criança’

**[ʔ]** oclusivo, glotal, surdo; ocorre em fronteira inicial de sílaba e em ambiente intervocálico. Em nossos dados não encontramos este fone em início de palavra.

[ta'pi:ʔi]	‘galinha’
[ko'ʔɛ:ru]	‘papagaio’

**[tʃ]** africado, alveopalatal, surdo; ocorre em início de sílaba, e em posição intervocálica.

[ta'ki:tʃi]	‘braço’
[nɔ'netʃi]	‘planta’
['tʃa:nɛ]	‘gente’

**[v]** fricativo, labiodental, sonoro; ocorre em início de sílaba, antecedendo vogais e em posição intervocálica.

[ˈvahaha]	‘aranha’
[vɛˈrɛkɛkɛ]	‘perereca’
[pitiˈvɔkɔ]	‘cidade’

**[s]** fricativo, alveolar, surdo; ocorre em início de sílaba, antecedendo vogais e em posição intervocálica.

[sɔˈpɔ:rɔ]	‘milho’
[ˈsi:ni]	‘onça’
[visivisi]	‘grilo’

**[ʃ]** fricativo, álveo-palatal, surdo; ocorre em início de sílaba, antecedendo vogais.

[ʃaˈpaw]	‘mamão’
[ʃuˈpu]	‘mandioca’
[ʃɔˈpilɔkɔti]	‘foice’

**[h]** fricativo, glotal, surdo; ocorre em início de sílaba e em posição intervocálica.

[iˈha:rɔti]	‘amanhã’
[ˈhɛ:wɛ]	‘pé’
[ˈhɔ:ɛ]	‘peixe’

**[m]** nasal, bilabial, sonoro; ocorre em início de sílaba, antecedendo vogais e em posição intervocálica.

[ˈkamɔ]	‘cavalo’
[mɔˈtɔjnɛ]	‘lábios’
[ˈma:rasɔ]	‘corda’

**[n]** nasal, alveolar, sonoro; ocorre em início de sílaba, antecedendo vogais e em posição intervocálica.

[naka'ku]	‘arroz’
[na'kejeje]	‘como vai?’
[no'neti]	‘planta’

**[ɲ]** nasal, palatal, sonoro, ocorre em início de palavra e de sílaba, em posição intervocálica.

[ʼaɲakεɛ]	‘cotia’
[ʼnzi:ɲa]	‘meu genro’
[iʼɲamati]	‘novo’

**[l]** lateral, alveolar, sonoro; ocorre em início de sílaba, antecedendo vogais e em posição intervocálica.

[kilikili]	‘periquito’
[tʃopi'lɔkɔti]	‘foice’

**[ʎ]** aproximante lateral, palatal, sonoro; ocorre em início de sílaba, antecedendo vogais e em posição intervocálica.

[ʎa'kaʔiti]	‘molhado’
[ʎo'peti]	‘mão esquerda’

**[r]** tepe, alveolar, sonoro; ocorre em início de sílaba, antecedendo vogais e em posição intervocálica.

[ˈraməkɔ]	‘farinha’
[rɛpeˈnɔti]	‘camisa’
[vɛˈrɛkɛkɛ]	‘perereca’

## Fones pré-nasalizados

Conforme será apresentado no final deste capítulo, na língua Terena ocorre o processo morfofonológico “harmonia nasal” em construções sintáticas pertinentes à 1ª pessoa do singular (eu, meu). Nesse contexto, as oclusivas e fricativas surdas são pré-nasalizadas e sonorizam-se, como demonstrado nos exemplos a seguir.

**[<sup>m</sup>b]** oclusivo, pré-nasalizado, bilabial, sonoro; ocorre em início de sílaba, antecedendo vogais e em posição intervocálica.

[ <sup>m</sup> biriˈtawna]	‘minha faca’
[rɛˈ <sup>m</sup> bɛnɔ]	‘minha camisa’
[ <sup>m</sup> biˈhɔti]	‘estou indo’

**[<sup>n</sup>d]** oclusivo, pré-nasalizado, dental, sonoro; ocorre em início de sílaba, antecedendo vogais.

[ <sup>n</sup> du:ti]	‘minha cabeça’
[ <sup>n</sup> daˈpiʔina]	‘minha galinha’
[ <sup>n</sup> da:ki]	‘meu braço’

**[<sup>ŋ</sup>g]** oclusivo, pré-nasalizado, velar, sonoro; ocorre em início de sílaba, antecedendo vogais.

[ <sup>ŋ</sup> gi:ri]	[ <sup>ŋ</sup> ga:ja]
[ <sup>ŋ</sup> gasati]	‘meu nariz’

‘estou esfriando’

‘meu cérebro’

[<sup>n</sup>z] fricativo, pré-nasalizado, alveolar, sonoro; ocorre em início de sílaba, antecedendo vogais.

[<sup>n</sup>zimoa]

‘eu vim’

[<sup>n</sup>zi:ŋa]

‘meu genro’

[<sup>n</sup>ʒ] fricativo, pré-nasalizado, álveo-palatal, sonoro; ocorre em início de sílaba, antecedendo vogais.

[<sup>n</sup>ʒewɛ]

‘meu pé’

### 3.1.2 Segmentos ambivalentes

Segundo Kindell (1981, p. 91), segmentos ambivalentes são aqueles que, “por causa da sua articulação fonética, têm sido encontrados ou na crista ou na margem da sílaba” e “constituem pontos problemáticos na análise fonológica, visto que têm duas funções potenciais: a de consoante e a de vogal”.

Santos e Souza (2004, p.24) afirmam que

As aproximantes, por serem caracterizadas pela saída de ar mais livre e sem turbulência, muitas vezes parecem vogais [...].

A distinção entre essas aproximantes que parecem vogais (conhecidas como glides ou semivogais) é muito mais fonológica do que fonética. [...]. Fonologicamente, essas aproximantes se comportam como consoantes, isto é, não preenchem posições de núcleo de sílabas e nunca são acentuadas.

No inventário de fones da língua Terena encontramos dois segmentos ambivalentes:

[j] aproximante, palatal, oral, sonoro; ocorre em posição inicial e final de sílaba.

['juku]	'lenha, fogo'
[mɔ'tɔjnɛ]	'lábios'
[kɔj'majti]	'feio'

[w] aproximante, labial, oral, sonoro; ocorre em início e final de sílaba.

[pi'ritaw]	'faca'
['wa:ma]	'jatobá'
[hɔmɔhɛw]	'rapaz'

Mattos (1973 *apud* SOUZA, 2008), em estudo sobre os fonemas da língua Xerente, também inclui o glide /w/ entre os fonemas consonantais, do mesmo modo que Braggio (2005) o faz, ao identificar uma “matriz provisória” do Akwe-Xerente. Já Grannier & Souza (2005 *apud* SOUZA, 2008) consideram o /w/ como “fone glide”. No que diz respeito ao [j], Grannier & Souza (2005) consideram-no como *glide*.

### 3.1.3 Inventário dos fones vocálicos

Santos e Souza (2004, p. 22-23) explicam que

As vogais são caracterizadas pela passagem relativamente mais livre do ar. Os sons vocálicos são produzidos por uma corrente de ar pulmonar egressiva que faz vibrar as cordas vocais normalmente. O que varia nos sons vocálicos é a forma e o tamanho do trato vocal. Os sons vocálicos dependerão de três fatores: a altura do corpo da língua, posição anterior ou posterior da língua e o grau de arredondamento dos lábios. A altura do corpo da língua diz respeito a altura que a língua ocupa no trato vocal durante a produção de um som. São quatro os graus de altura da língua: alto ou fechado, médio-alto ou meio-fechado e baixo ou aberto. A posição da língua é conhecida como o eixo horizontal da área vocálica, isso porque diz respeito à movimentação da língua para frente (anterior) ou para trás (posterior), ou em posição neutra (central). O último aspecto a ser considerado na produção dos sons é o arredondamento dos lábios [i] e [u] não diferem apenas em relação à posição do corpo da língua, mas também quanto ao arredondamento: [u] é produzido com os lábios arredondados, enquanto que em [i] os lábios estão estendidos, não-arredondados”.

Na língua Terena de Cachoeirinha-MS, encontramos os seguintes fones vocálicos:

	Anterior		Central		Posterior	
	Arredondado	Não arredondado	Arredondado	Não arredondado	Arredondado	Não arredondado
Fechado	ii: ã		i		u u: ã	
Meio fechado	e ã				o õ	
Meio aberto	εε:				o o:	
Aberto			aa: ã			

Quadro 10: Fones vocálicos da língua Terena - Cachoeirinha

**[i]** anterior, alto, fechado, não-arredondado; ocorre em núcleo silábico.

[tu'ʔiti]	‘rede’
[ka'pasi]	‘nuvem’
[piti'voko]	‘cidade’

**[ĩ]** anterior, alto, fechado, nasalizado, não-arredondado; ocorre em núcleo silábico, contíguo a consoante nasal:

[i'ɲamati]	‘novo’
[i'mõã]	‘moranga’
[i <sup>n</sup> zõnɛw]	‘meu pensamento’

**[i:]** anterior, alto, fechado, alongado, não-arredondado; ocorre em núcleo silábico:

[ta'kirti]	‘braço de alguém,’
[tapi:ʔi]	‘galinha’

**[i]** central, alto, fechado, não-arredondado; ocorre em núcleo silábico, contíguo a [h]. Aparentemente por influência do português este fone tem se realizado como [i] diante de [h].

['hihi]	‘bolo de mandioca’
[kɔ'huhiti]	‘bêbado’
['pɔ:hi]	‘pato’

**[e]** anterior, médio, meio fechado, oral, não-arredondado; ocorre em núcleo silábico. De acordo com nossos dados há uma preferência dos falantes pela correspondente aberta, segundo nossa descrição não há nenhuma regra que condiciona a ocorrência de um ou outro fone. O mesmo ocorre para as outras vogais.

['ɔ:se]	‘avó dele’
---------	------------

**[ẽ]** anterior, médio, meio fechado, nasalizado, não-arredondado; ocorre em núcleo silábico, seguido de sílaba iniciada por uma consoante nasal.

['kẽ:nɔ]	‘orelha dele (a)’
['hɔjẽnɔ]	‘homem, macho’
['kɔʔɔjẽnɛ]	‘hoje, agora’

**[ɛ]** anterior, médio baixo, meio aberto, oral, não-arredondado; ocorre em núcleo silábico.

['ɐnakɛhɛ]	‘cotia’
[ɛva'katʃu]	‘capivara’
['hɛ:vɛ]	‘pé’

**[ɛ:]** anterior, médio baixo, meio aberto, alongado, oral, não-arredondado; ocorre em núcleo silábico.

[kɔ'ɛ:]	'batata doce'
['ɛ:ka]	'bebida dele'

**[a]** central, baixo, aberto, oral, não-arredondado; ocorre em núcleo silábico.

[a'na:]	'raiz'
[i'mukaja]	'bocaiúva'
[a'pa:ka]	'fígado dele (a)'

**[a:]** central, baixo, aberto, alongado, oral, não-arredondado; ocorre em núcleo silábico.

['mba:hɔ]	'minha boca'
[ʎa'pa:pɛ]	'biju'

**[ã]** central, baixo, aberto, nasalizado, não-arredondado; ocorre em núcleo silábico, em contigüidade a consoante nasal.

[nãu]	'carne'
-------	---------

**[o]** posterior, médio, meio fechado, oral, arredondado; ocorre como núcleo silábico

[ko'ʔɛ:ru]	'papagaio'
[heve ti'koti]	'pé de árvore'

**[ɔ:]** posterior, médio, meio fechado, oral, arredondado; ocorre como núcleo silábico

[ˈɔ:se]	‘avó dele’
[ˈɔ:ʃu]	‘avô dele’
[niˈkɔ:ti]	‘comer’

**[õ]** médio, posterior, meio fechado, nasalizado, arredondado; ocorre em núcleo silábico, precedido de nasal.

[ˈmõmiti]	‘cansado’
[mõmõʔõ]	‘palmito’

**[ɔ]** posterior, médio baixo, meio aberto, oral, arredondado; ocorre em núcleo silábico.

[tɔˈrɔ:rɔ]	‘cabaça’
[tɔˈkɔ:rɔ]	‘bugio’
[ˈu:tɔ]	‘prato’

**[ɔ:]** posterior, médio baixo, meio aberto, alongado, oral, arredondado; ocorre como núcleo silábico

[ˈɔ:se]	‘avó dele’
[ˈɔ:ʃu]	‘avô dele’
[niˈkɔ:ti]	‘comer’

[u] posterior, alto, fechado, oral, arredondado; ocorre como núcleo silábico.

[ta'muku]	'cachorro'
[tʃu'lu:ke]	'tatu peludo'

[u:] posterior, alto, fechado, alongado, oral, arredondado; ocorre como núcleo silábico.

['tu:ti]	'cabeça dele'
['mu:jɔ]	'corpo dele'

[ũ] posterior, alto, fechado, nasalizado, arredondado; ocorre em núcleo silábico.

['anũ]	'meu pescoço'
[ki'moũ]	'queixada'
[mɛũ]	'campo'

### 3.2 Descrição fonológica

A partir da descrição fonética, utilizamos os recursos da análise fonológica tradicional para identificar os fonemas da língua, verificando as relações de contraste em ambiente idêntico e contraste em ambiente análogo, variação e distribuição entre dois sons, considerando particularmente as premissas que norteiam o trabalho de descrição fonológica (PIKE, 1947, p. 58/66 apud SOUZA, 2008, p.54)

A análise que segue busca a definição dos fonemas que constituem o quadro fonológico da língua. Segundo Silva (2005, p.128) “no início da descrição de uma língua, o objetivo é identificar como se organiza a cadeia sonora da fala. Assim sendo, basta que encontremos pares mínimos para sons foneticamente semelhantes”, conforme esclarecemos em 2.5.

### 3.2.1 Demonstração de contraste entre os sons foneticamente semelhantes

Incluimos, em nossa descrição, a demonstração de contraste entre os SFS, pois, segundo Kindell (1981, p. 178), “tais dados são especialmente úteis a outros pesquisadores e aos consultores que colaboraram na análise”.

Cabe ressaltar, conforme aponta Cagliari (2002, p. 57), que “em geral, encontram-se poucos pares mínimos, quando se estuda uma língua desconhecida, não porque eles não existam, mas pela dificuldade de obtê-los numa primeira abordagem”, razão pela qual, conforme esclarecemos no capítulo anterior, realizamos várias alterações ou acréscimos nas listas e formulários.

### 3.2. Segmentos consonantais

[p] e [m] são foneticamente semelhantes, ocorrem em contraste em ambientes idênticos (CAI):

[ni'ma:kɛ] 'bolsa usada amarrada à cabeça'      [ni'pa:kɛ] 'jogo de baralho'

['pɔkɔ] 'cuia'      ['mɔkɔ] 'ninho'

/ p / e / m / são fonemas.

[t] e [r] são foneticamente semelhantes; ocorrem em contraste em ambiente idêntico (CAI):

[vɛ'tɛkɛkɛ] 'jacaré'      [vɛ'rekɛkɛ] 'perereca'

/ t / e / r / são fonemas.

[t] e [n] são foneticamente semelhantes, contrastam em ambiente idêntico (CAI):

[ti'kɔti] 'árvore'      [ni'kɔ:ti] 'comer'

/ t / e / n / são fonemas.

[k] e [ŋ] são foneticamente semelhantes; ocorrem em contraste, em ambiente análogo (CAA):

[ˈʃokorona] ‘nó’

[ˈʃoʔoropi] ‘escama’

/ k / e / ŋ / são fonemas

[ŋ] e [h] são foneticamente semelhantes; ocorrem em contraste em ambientes idênticos (CAI):

[kɔˈʔɛ:] ‘batata doce’

[kɔˈhɛ:] ‘lua’

/ ŋ / e / h / são fonemas

[s] e [ʃ] são foneticamente semelhantes; contrastam em ambiente análogo (CAA):

[ˈsɛ:ɲo] ‘mulher’

[ˈʃɛ:ɲɛ] ‘caminho’

[sɔˈpɔ:rɔ] ‘milho’

[ˈʃɔpɪlɔkɔti] ‘foice’

/ s / e / ʃ / são fonemas

[n] e [ɾ] contrastam em ambiente análogo (CAA):

[ˈhanajti] ‘grande’

[haraˈraʔiti] ‘vermelho’

/ n / e / ɾ / são fonemas distintos.

[l] e [ɾ] são foneticamente semelhantes; contrastam em ambiente análogo (CAA):

[huˈlɛkɛti] ‘preguiçoso’

[ˈhurepɛ] ‘colher’

/ l / e / ɾ / são fonemas distintos.



[w] e [v] são foneticamente semelhantes, ocorrem em variação livre em início de sílaba; em posição final de sílaba realizam-se como [w]. Em nossos dados percebemos que o segmento [w] é mais recorrente na fala espontânea. No momento da coleta do item ['wa:ma] 'jatobá', quando insistimos na pergunta, repetindo o fone [w], o entrevistado ofereceu o fonema [v], ['va:ma] 'jatobá'.

['wahaha] 'aranha'

[visivisi] 'grilo'

['wa:ma] 'jatobá'

[vɛ'rɛkɛkɛ] 'perereca'

[piri'taw] 'faca'

[va'ra:ka] 'arancuã'

[w] e [v] são alofones do fonema /w/ e ocorrem em DC posicional.

Na língua Terena, os fonemas consonantais pré-nasalisados [ᵐb], [ᵐd], [ᵐz], [ᵐʒ], [ᵐg] ocorrem como alofones dos fonemas /p/ /t/ /k/ /s/ /ʃ/ /h/ respectivamente por meio de um processo morfofonológico: quando nomes e verbos referem-se à primeira pessoa.

Faz-se necessário tecer alguns comentários sobre a alofonia. Como foi mencionado no início do capítulo, não tivemos acesso a dados fonéticos de outros pesquisadores para confrontar o modo como foram feitos os testes e a escolha dos fonemas. De acordo com nossos dados, temos os seguintes pares de alofones:

[ʌ] e [l] variando livremente em todos os ambientes, em especial na fala espontânea;

[ɲ] e [n] variando livremente em todos os ambientes, em especial na fala espontânea;

[ʃ] e [tʃ] variam livremente diante de vogais (exceto /i/), em início de sílaba e palavra; diante de /i/ e em final de palavra, ocorre apenas o fone [tʃ];

[t] e [tʃ]: diante de /i/; apenas em final de palavra o fone [t] varia livremente com [tʃ];

[w] e [v] ocorrem em variação livre, na fala espontânea em contexto de início de sílaba ou palavra; em contexto de final de sílaba ou palavra, ocorre apenas o fone [w].

O mesmo processo ocorre com os segmentos vocálicos. Para os fones vocálicos, encontramos 3 pares de alofones: [ɛ] e [e]; [i] e [i̠] e [ɔ] e [o]. As vogais meio fechadas variam livremente com as meio abertas, havendo uma maior ocorrência das vogais meio abertas. Já a vogal [i̠] ocorre apenas diante de /h/; nos demais ambientes realiza-se como [i]. Ocorrendo casos em que mesmo diante da fricativa glotal, realiza-se como [i].

Não possuímos dados (fonéticos) históricos para fazer uma discussão histórico comparativa, no entanto é bastante provável que esses fones estejam deixando de ser falados, uma vez que, no momento de fala espontânea em que era dado o fone e insistíamos na resposta, o falante fornecia o outro. Uma primeira hipótese é que essa variação ocorra por influência do português nas comunidades, sendo interessante a realização de um trabalho sociolingüístico que compare a fala em diferentes faixas etárias.

Os fonemas consonantais da língua Terena de Cachoeirinha são, portanto, os que se visualizam no quadro que segue:

	Bilabial	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	/p/	/t/			/k/	/ʔ/
Fricativa		/s/	/ʃ/			/h/
Nasal	/m/	/n/				
Lateral		/l/				
Tepe		/r/				
Aproximante	/w/			/j/		

Quadro 11. Fonemas consonantais da língua Terena de Cachoeirinha

### 3.2.3 Segmentos vocálicos

[i] e [i̠] São foneticamente semelhantes, contrastam em ambiente idêntico (CAI):

[ˈsi:mo] ‘ele veio’

[ˈsimo] ‘quando ele chegou’

[ˈi:ti] ‘você’

[ˈiti] ‘sangue’

/i/ e /i:/ são fonemas

[i] e [ɛ] são foneticamente semelhantes, contrastam em ambiente idêntico (CAA):

[ˈhɔi] ‘mato’

[ˈhɔ:ɛ] ‘peixe’

/i/ e /ɛ/ são fonemas

[e] e [ɛ] são variantes livres do fonema /ɛ/, existindo a preferência dos falantes pela vogal aberta.

[ɔ:se] ‘avó dele’

[ˈsɛnɔ] ‘mulher’

[ɛ] e [ɛ:] são foneticamente semelhantes, contrastam em ambiente idêntico (CAI)

[ˈkɛ:vo] ‘quando choveu’

[ˈkɛvo] ‘choveu’

/ɛ/ e /ɛ:/ são fonemas

[ɔ] e [u] contrastam em ambiente idêntico (CAI):

[ˈɔ:ti] ‘voar’

[ˈu:ti] ‘nós’

/ɔ/ e /u/ são fonemas

[i] e [i̯] são foneticamente semelhantes e estão em distribuição complementar; [i̯] ocorre contíguo a /h/ e [i] nos demais ambientes:

[kiˈpa:ʔɛ] ‘ema’

[ˈpɔ:hi] ‘pato’

[kilikili] ‘periquito’

[i] e [i̯] são variantes do fonema /i/

[o] e [ɔ] estão em variação livre em todos os ambientes, existindo a preferência pelo fone aberto.

[hɔ:ɛ] 'peixe'

[ho:ɛ] 'peixe'

[ko'ʔɛ:ru] 'papagaio'

[kɔ'ʔɛ:ru] 'papagaio'

[o] e [ɔ] são variantes do fonema /ɔ/

[ɔ] e [ɔ:] São foneticamente semelhantes, contrastam em ambiente idêntico (CAI):

[jɔ:kɔ] 'sua tia'

[jɔkɔ] 'venha'

[jɔ:mɔ] 'ele foi'

[jɔnɔ] 'quando ele vai'

/ɔ/ e /ɔ:/ são fonemas

[u] e [u:] são foneticamente semelhantes, contrastam em ambiente análogo (CAA):

[ta'muku] 'cachorro'

[mu:jɔ] 'corpo dele'

[tʃu'lu:ke] 'tatu peludo'

[ʎu:ʎu] 'tio'

/u/ e /u:/ são fonemas

[a] e [a:] são foneticamente semelhantes, contrastam em ambiente idêntico (CAI):

[ka:mo] 'ele escuta'

[kamo] 'cavalo'

/a/ e /a:/ são fonemas

Em nossa descrição, não constatamos contraste entre segmentos vocálicos orais e nasais. Embora se encontrem vogais foneticamente nasalizadas, elas são interpretadas como resultado do espalhamento da nasalidade de uma consoante nasal, ou do processo morfofonológico da harmonia nasal.

Assim, identificados os fonemas e suas variações, foi possível definir o quadro de fonemas vocálicos da língua.

	Anterior		Central		Posterior	
	Arredondado	Não arredondado	Arredondado	Não arredondado	Arredondado	Não arredondado
Fechado	ii:				u u:	
Meio aberto	εε:				ɔ ɔ:	
Aberto			aa:			

Quadro 12. Fonemas vocálicos do Terena de Cachoeirinha.

Verificamos, portanto, que a língua Terena possui 13 fonemas consonantais: /p/, /t/, /k/, /ʔ/ /s/, /ʃ/, /h/, /m/, /n/, /l/, /r/, /w/ e /j/ e 10 fonemas vocálicos, /i/, /i:/, /ε/, /ε:/, /a/, /a:/, /ɔ/, /ɔ:/, /u/ e /u:/.

### 3.3 Harmonia

De acordo com Crystal (1985, p.137), o termo “harmonia” é utilizado, em fonologia, para referir-se ao modo como uma unidade fonológica é influenciada por outra na mesma palavra ou sintagma. São dois os principais processos: harmonia consonantal e harmonia vocálica. O autor cita como exemplos o Turco e o Húngaro, línguas em que todas as vogais de uma palavra possuem certos traços comuns: “Podem ser todas articuladas com a parte anterior da língua, ou todas arredondadas”. Exemplo de harmonia vocálica no português pode ser encontrado em palavras cujas vogais pretônicas passam a altas, ou quando a vogal tônica é alta, como em menino /mininu/ e segundo /sigundu/.

Na língua Terena de Cachoeirinha, ocorrem dois tipos de harmonia: a harmonia vocálica e a harmonia nasal, sendo a nasal induzida morfofonologicamente.

### 3.1.1 Harmonia vocálica

Encontramos em nossos dados vários exemplos de harmonia vocálica, sendo mais recorrente o uso das vogais abertas e meio abertas. Em vários exemplos, todas as vogais apresentam o mesmo traço:

- Arancua [va'ra:ka]
- Aranha ['vahaha]
- Arara [pa'ra:wa]
- Batata doce [kɔ'ɛ:]
- Bugio [tɔ'kɔrɔ]
- Cabaça [tɔ'rɔ:rɔ]
- Jacaré [vɛ'tɛkɛkɛ]
- Milho [sɔ'pɔ:rɔ]
- Minha camisa [rɛ<sup>mb</sup>ɛnɔ]
- Perereca [vɛ'rɛkɛkɛ]
- Periquito [kilikili]

### 3.1.2 Harmonia nasal<sup>18</sup>

A harmonia é um padrão fonológico em que uma seqüência de vogais e/ou consoantes devem ter a mesma especificação de um traço particular, referido como traço harmônico. Entre os padrões em que um segmento parece ter o traço harmônico, mas é neutro ao processo, estão os casos em que a harmonia é morfologicamente induzida. (MARTINS, 2007, p. 1). A língua Terena é um exemplo desse tipo de harmonia, porém a raiz nunca inicia o processo. As obstruintes prenasalizadas são alofones das obstruintes surdas. Ocorrem somente com a presença de um morfema de primeira pessoa. Dessa forma, as obstruintes desvozeadas pré nasalizam-se e vozeiam-se quando nomes e verbos estão vinculados à primeira pessoa.

---

<sup>18</sup> Ressalta-se que existem trabalhos que discutem a harmonia nasal em Terena, como é o caso de Piggot (1992) e Tourville (1991), baseados em teorias fonológicas não lineares. Como nosso trabalho segue os princípios da fonologia estruturalista, não trouxemos as discussões desses autores para nosso texto.

No caso da língua Terena, as obstruintes surdas não só se nasalizam como bloqueiam o espalhamento da nasalidade. Quando não há obstruintes na raiz, a afixação resulta em espalhamento da nasalidade por todos os segmentos na 1ª pessoa. A oclusiva glotal é transparente à nasalização, enquanto oclusivas e fricativas são alvos:

3ª p. sg	1ª p. sg	glossa
[ <sup>h</sup> u:kɛ]	[ <sup>h</sup> u:ᵑgɛ]	‘olho’
[ <sup>h</sup> ɛ:wɛ]	[ <sup>h</sup> ɛwɛ]	‘pé’
[ <sup>h</sup> ɑ:ʔa]	[ <sup>h</sup> zɑʔa]	‘pai’
[ <sup>h</sup> pɑ:hɔ]	[ <sup>h</sup> mbɑ:hɔ]	‘boca’
[ <sup>h</sup> pu:ju]	[ <sup>h</sup> mbu:ju]	‘joelho’
[ <sup>h</sup> ki:ri]	[ <sup>h</sup> ᵑgi:ri]	‘nariz’
[ <sup>h</sup> tu:ti]	[ <sup>h</sup> ndu:ti]	‘cabeça’
[ <sup>h</sup> tapiʔi]	[ <sup>h</sup> daʔpiʔina]	‘galinha’
[ <sup>h</sup> simoa]	[ <sup>h</sup> nzimoa]	‘veio’
[ <sup>h</sup> si:na]	[ <sup>h</sup> nzina]	‘genro’

Na formação da primeira pessoa (eu, meu), os exemplos evidenciam que a oclusiva bilabial oral /p/ é nasalizada em [mb], como em [<sup>h</sup>pɑ:hɔ], ‘boca dele’; [<sup>h</sup>mbɑ:hɔ], ‘minha boca’; [<sup>h</sup>pu:ju], ‘joelho dele’; [<sup>h</sup>mbu:ju], ‘meu joelho’. A oclusiva alveolar /t/ é nasalizada em [nd], como em [<sup>h</sup>tu:ti], ‘cabeça dele’, [<sup>h</sup>ndu:ti], ‘minha cabeça’; [<sup>h</sup>tapiʔi], ‘galinha dele’; [<sup>h</sup>daʔpiʔina], ‘minha galinha’. A oclusiva oral velar /k/ é nasalizada em [ᵑg], como em [<sup>h</sup>ki:ri], ‘nariz dele’; [<sup>h</sup>ᵑgi:ri], ‘meu nariz’. A fricativa alveolar oral surda /ʃ/ é nasalizada em [ᵑʒ], como em [<sup>h</sup>ʃɛʔa], ‘filho dele’; [<sup>h</sup>ᵑʒɛʔa], ‘meu filho’. A fricativa glotal surda /h/ é nasalizada, como em [<sup>h</sup>ɑ:ʔa], ‘pai dele’; [<sup>h</sup>nzɑʔa], ‘meu pai’; [<sup>h</sup>ɛ:wɛ], ‘pé dele’; [<sup>h</sup>nzɛwɛ], ‘meu pé’. A fricativa alveolar oral surda /s/ é nasalizada em [nz], como em [<sup>h</sup>simoa], ‘ele veio’; [<sup>h</sup>nzimoa], ‘eu vim’; [<sup>h</sup>si:na], ‘genro dele’; [<sup>h</sup>nzina], ‘meu genro’.

### 3.4 Uma nota sobre a educação e ortografia

A história da educação escolar indígena no Brasil tem seu início nos primeiros tempos da colonização, a partir do contato das sociedades indígenas com os colonizadores, que introduziram a escola, que assumiu várias facetas: catequese, formar mão de obra, incorporar os índios à nação.

A educação indígena no Brasil começou a receber atenção especial no contexto do movimento pelos direitos indígenas há cerca de três décadas, tomando forma nas grandes reuniões organizadas pela União das Nações Indígenas — UNI —. Dentro desse panorama de lutas por direitos é que começou a ser pensada essa “escola indígena”, que, independentemente da sua roupagem tanto informal (pelo contato com os brancos), quanto formal (escolas oficiais e instituições missionárias), atrai o índio pelas novidades que apresenta, sendo bem aceita pelo fato de o indígena querer compreender a realidade dos brancos, mesmo como forma de defesa contra exploração e dominação. Embora o panorama dessa educação indígena tenha sido um só, marcado pelas palavras de ordem “catequizar”, “civilizar” e “integrar” ou, em uma cápsula, pela negação da diferença...

Historicamente, algumas conquistas já foram alcançadas no âmbito legal. A constituição de 1988 assegura às comunidades indígenas o uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem (art 210), devendo o Estado proteger as manifestações das culturas indígenas (Art. 215);. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), 1996, garante uma educação bilíngüe e intercultural, com o objetivo de proporcionar aos índios, suas comunidades e povos a recuperação de suas memórias histórica, a reafirmação de suas identidades étnicas e a valorização de suas línguas e ciências . O parecer nº 14/99 da câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, que dá origem à Resolução nº 03/99, que fixa diretrizes nacionais para a estrutura e funcionamento das escolas indígenas, admitindo que o ensino deve ser ministrado nas línguas maternas das comunidades atendidas, como uma forma de preservação da realidade sociolingüística de cada povo (Art 2º)

Meliá (1979, p.75) destaca a existência de uma relação muito estreita entre a língua, a cultura e a identidade étnica, afirmando que “a perda da identidade

étnica, geralmente vem precedida da perda da cultura e da língua”, de modo que a manutenção da língua é fundamental para a preservação da identidade indígena.

Albuquerque (2007) aponta que a educação escolar indígena nas comunidades indígenas brasileiras teve início em 1956, quando o *Summer Institute of linguistic* (SIL) inicia seu programa de estudos aqui no Brasil, em convênio com o Museu Nacional (1959) e posteriormente com a Universidade de Brasília (1963) e com a FUNAI (1967). Os estudos do SIL objetivaram criar para essas línguas um sistema de escrita e traduzir para elas materiais escritos de educação moral e cívica e de caráter religioso. Os trabalhos do SIL com os Terena foram realizados por Nancy Butler e Elizabeth Elkadal. Essas pesquisadoras instituíram a ortografia e também elaboraram cartilhas para ensinar a língua terena.

Fonema grafema

/ p t / = p, t

/ k ʔ / = k, ’

/ s ʃ h / = s, x, h

/ m n / = m, n

/ l / = l

/ r / = r

/ w j / = w, y

/ l e a o u / = l, e, a, o, u

mb, nd, nz, nj

### **3.5 Considerações sobre o trabalho lingüístico e a prática pedagógica<sup>19</sup>:**

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RCNEI – (1998, p. 119), a história da educação escolar indígena revela que, de um modo geral, a escola sempre teve por objetivo integrar as populações indígenas à sociedade envolvente. Como as línguas indígenas eram vistas como o grande obstáculo para que esse objetivo fosse atingido, a função da escola era a de

---

<sup>19</sup> As discussões referentes ao trabalho lingüístico pedagógico em comunidades indígenas é resultado do trabalho de Silva, Souza e Rosa (2008), “Língua Terena: considerações sobre o trabalho lingüístico e prática pedagógica”.

ensinar os alunos indígenas a ler e escrever em português. Somente há pouco tempo começou-se a utilizar as línguas indígenas na alfabetização, ao se perceber em as dificuldades de alfabetizar alunos em uma língua que eles não dominavam: o português. Mesmo nesse caso, após os alunos aprenderem a ler e escrever, a língua indígena era substituída pela língua portuguesa, já que sua aquisição continuava a ser a grande meta. Com essa situação, a escola contribuiu para o enfraquecimento, desprestígio e, conseqüentemente, o desaparecimento das línguas indígenas.

Segundo o RCNEI (1998, p.119), ao mesmo tempo em que a escola pode ajudar no processo de desaparecimento de uma língua indígena, ela também pode, por outro lado, ser mais um elemento que incentiva e favorece a sua manutenção ou revitalização. Qual seria o papel da lingüística e da educação nos trabalhos pedagógicos com as línguas indígenas?

Durante dois anos consecutivos, realizamos pesquisas sobre a Educação Escolar Indígena nas aldeias Terena da região dos municípios de Aquidauana e Miranda/MS, em especial sobre o ensino bilíngüe, vinculadas aos projetos de extensão “Keukapana ra vemo'u” e “Yakutipapu” e ao projeto de pesquisa “Educação Escolar Indígena: língua, raça, cultura e identidade”, ambos coordenados pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Claudete Cameschi de Souza. Nesses momentos de contato com a realidade da escola inserida nas aldeias, tivemos a oportunidade de vivenciar as dificuldades enfrentadas pelos professores indígenas dos anos iniciais do ensino fundamental no trabalho com a língua materna em sala de aula.

Os professores indígenas possuem muita dificuldade em ensinar a língua Terena, por esta não possuir uma gramática sistematizada ou por não possuírem conhecimentos metalingüísticos. Esse fato, além de prejudicar o ensino da língua materna, não permite que o professor indígena assuma uma prática pedagógica adequada e eficiente em suas aulas. Faz-se necessária, portanto, uma prática pedagógica para o contexto da Educação Escolar Indígena, amparada em um estudo lingüístico que atenda aos interesses e necessidades da comunidade escolar indígena.

A experiência com esses trabalhos apresentou-nos não apenas a importância do trabalho pedagógico, mas, conforme aponta Maia (2006: 18), a necessidade de proceder ao redimensionamento de conceitos fundamentais que restabeleçam um substrato teórico adequado para se pensarem, com clareza,

questões lingüísticas, de modo a contribuir não só para a descrição e análise das línguas indígenas brasileiras, mas também com sua revitalização, preservação e ensino. Observa-se a importância da inter-relação entre lingüística e educação.

Oliveira (1999, p.26), no trabalho “O que quer a lingüística e o que se quer da lingüística”, discute o “papel dos assessores dos projetos de educação escolar indígena em geral e o papel dos lingüistas em particular”. Para o autor, nesses trabalhos existe uma centralidade na figura do lingüista, conseqüência, entre outras coisas, da intimidação causada nos pedagogos pelo seu instrumental de trabalho – bastante impressionante para o leigo – e que freqüentemente tem feito crer que as respostas para as questões relacionadas ao ensino bilíngüe são dedutíveis científica e univocamente do aparato de análise do lingüista, situando as decisões para um âmbito além ou aquém do político.

Não se trata de analisar o trabalho individual deste ou daquele lingüista, até porque isso não teria nenhuma função. Nossa intenção é refletir sobre os campos de atuação das diferentes áreas do conhecimento na elaboração de propostas e projetos voltados para a revitalização, preservação e ensino de línguas indígenas, enfocando a necessidade de um olhar multidisciplinar sobre o trabalho, tendo sempre em vista o respeito pela comunidade indígena, seus anseios e necessidades.

De acordo com Butler (2001, p.06), existe a falsa percepção de que professores indígenas que falam a língua materna possuem, automaticamente, mesmo que sem instrução, a capacidade de ler e escrever o idioma, se já sabem ler e escrever em português. A autora chama atenção para o fato de que, no idioma, há distinções fonológicas e gramaticais sem paralelos em português. Essas diferenças, automáticas no falar do idioma, apresentam dificuldades na escrita porque não combinam com a estrutura de português. Não é simplesmente uma questão de aplicar a escrita do português à escrita do idioma Terena para produzir uma escrita correta e uniforme. Sem um conhecimento consciente sobre as diferenças fonológicas e gramaticais (fonemas, acento, padrões silábicos, representação de tempos e modos verbais), os professores indígenas aplicam, equivocadamente, a metodologia utilizada na escrita do português para escrever o idioma indígena.

Um falante nativo da língua terena, sem nunca ter estudado formalmente, por exemplo, padrões de acentuação, entende a língua oralmente e a utiliza no processo de comunicação, mas não sabe representar por escrito as diferenças

acentuais das palavras, porque não tem conhecimentos metalingüísticos. O falante reconhece que as palavras têm as mesmas seqüências de letras e que é a diferença na pronúncia que distingue o sentido, mas não sabe exatamente o que é e nem como representar o fato na modalidade escrita da língua.

É fato sabido que toda língua humana é capaz de expressar todo e qualquer tipo de pensamento ou sentimento, mas a estrutura gramatical pode diferir, em muitos aspectos, de língua para língua, conforme destacou Rodrigues (2002). É nesse sentido que encontramos a necessidade de desenvolver o trabalho lingüístico amparado na prática pedagógica, uma vez que, ao realizar um trabalho dissociado, o resultado pode ser inverso ao esperado.

Um exemplo da necessidade de um trabalho lingüístico interligado ao pedagógico pode ser visto em Gudschinsky (1970 *apud* MORI, 1997, p. 26-7), que mostra o insucesso dos materiais de leitura, inicialmente feitos pelo SIL para os Terena, por terem desconsiderado a marca gráfica do sistema de acentos da língua:

Gudschinsky (1970), por sua parte, recomenda considerar os fatores psicolingüísticos na identificação da carga funcional dos fonemas para sua posterior representação na escrita. Ela menciona o exemplo da língua Terena (Arawak), em que os membros do Summer Institute of Linguistics (SIL), que trabalhavam com essa língua, deixaram de grafar o acento nos textos de leitura por considerá-lo de baixo rendimento funcional. Porém, os Terena foram incapazes de ler as palavras sem a marca gráfica do acento. Aqui, observa-se a presença de fatores psicolingüísticos, correlacionados com a consciência lingüística dos falantes Terena, fatores não considerados inicialmente pelos pesquisadores.

A partir dos resultados de pesquisa realizada junto à comunidade indígena de Ipegue, Garcia (2007, p. 136) aponta que, “se difundiu a idéia [...] de que escrever em Terena é algo complicado, o que é atribuído, na fala dos entrevistados, à existência de acentos e grafemas distintos dos da língua portuguesa [...]”.

Nincao (2008, p. 189) também enfatiza que:

No caso do sistema de acentos, não basta apenas focalizar sua especificidade, visando ao seu domínio prosódico, mas o professor precisa compreender toda a complexidade desse sistema no conjunto da língua, principalmente para seu uso escrito, como atestam os dados desta pesquisa.

De todas as discussões feitas a respeito de ensino de LI na escola, a que menos aparece é a discussão relativa à própria língua. Fala-se em ensinar a língua, mas não em conhecê-la do ponto de vista interno. Privilegia-se o professor indígena falante da língua, mas não se cria espaço curricular nos cursos de formação de professores indígenas, que focalize a LI do ponto de vista de sua fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática, pelo menos em termos gerais.

Nincao (2008, p.189), apoiando-se em Grinevald (2000), aponta a necessidade de uma maior integração entre lingüistas e ações educacionais para falantes de línguas indígenas, assim como a necessidade da formação de lingüistas indígenas falantes de sua língua materna, já que estes possuem a “intuição íntima e profunda” que os falantes têm de sua língua e que o lingüista externo à comunidade nunca poderá adquirir.

O trabalho desenvolvido por uma parcela de lingüistas tem muito mais compromisso com a tradição da disciplina lingüística do que com a comunidade indígena cuja língua é objeto de estudo, ou seja, “a forma de atuação do lingüista em projetos de educação indígena – a forma como ele vê suas responsabilidades e tarefas – pode ser mais prejudicial do que benéfica para o projeto político-pedagógico dos povos indígenas”. (OLIVEIRA, 1999, p. 27).

Muitos lingüistas acreditam que descrever as línguas indígenas é o seu principal papel, e que, os elementos organizados a partir dessa descrição, como o alfabeto, a ortografia, enfim a gramática, são suficientes e fundamentais para as escolas indígenas. Segundo Oliveira (1999, 28), os lingüistas “crêem ser seu papel promover o conhecimento metalingüístico dos professores indígenas, conhecimento este que é definidor do seu próprio domínio e campo de formação [...]”, possivelmente por considerarem “que esses passos têm que ser dados previamente à constituição da língua indígena como língua escrita”.

A posição assumida pelos lingüistas durante as pesquisas tem elevado o *status* do próprio lingüista e desmerecido o papel do indígena, quando, na verdade, a situação deveria ser inversa. Os indígenas não devem ocupar, apenas, a posição de meros informantes na efetivação de um trabalho realizado pelo lingüista, que além de ser um trabalho externo à comunidade e não dominado pelo grupo indígena, conduz o trabalho pedagógico com as línguas indígenas por meio de um

trabalho puramente técnico, que transmite a idéia de ser o único caminho correto ou possível (OLIVEIRA, 1999, p. 30).

O trabalho com as línguas indígenas deve ser realizado a partir da integração entre lingüistas e professores indígenas. Nesse sentido, Maia (2006, p.19) relata que o trabalho desenvolvido pelos lingüistas em conjunto com professores indígenas tem sido extremamente produtivo e surpreendente, ao se constatar que muitas questões são, na verdade, conhecidas pelos professores. O autor aponta que

[...] a noção cognitivista de que a mente é rica em estrutura e que o processo de aquisição da linguagem é de dentro para fora, os conceitos de competência gramatical e desempenho, a concepção de princípios universais e parâmetros particulares, a distinção entre gramática descritiva e gramática normativa, o estudo das variações diacrônicas, diastráticas, diatópicas e diafásicas, entre vários outros, são tópicos que – na minha experiência – encontraram entre os professores índios vozes entusiasmadas, pronta a dar novos exemplos, a propor detalhamentos extremamente criativos, que tornam o momento do encontro entre lingüista e professor indígena experiência verdadeiramente fascinante. (MAIA, 2006, p. 19)

Não se deve esquecer, no entanto, de encaminhar neste processo o desenvolvimento de tradições escritas nas línguas indígenas, de modo que a escrita e seu ensino na escola façam sentido para a comunidade indígena, desempenhando uma função fora da escola. Isso significa ser necessário que os materiais escritos em línguas indígenas circulem pela comunidade, e que expressem assuntos que sejam de interesse de leitura, de aprendizado, de lazer e informação para os povos indígenas. (OLIVEIRA, 1999). Do contrário,

[...] o ensino da escrita será como o é para nossa população pobre, urbana ou rural: de pouca valia, porque não é um instrumento para um projeto próprio, uma vez que seus usuários estarão de antemão alijados da posição de produtores de textos escritos com potencialidade de circulação, fato essencial para a visualização do objetivo de ler e escrever. (OLIVEIRA, 1999, p. 33).

O lingüista precisa desfazer o equívoco de que a criação de uma tradição escrita são apenas normas e ortografias unificadas de uma língua. A tradição escrita

de uma língua não pode ser feita sem o desenvolvimento e o fluxo da historicidade própria que esse desenvolvimento traz consigo (OLIVEIRA, 1999, p.33).

Segundo Maia (2006, p.63), “a preservação e a revitalização de línguas demanda procedimentos complexos que viabilizem a formulação e a implementação de políticas públicas afirmativas que garantam “a institucionalização de práticas sociais que valorizem, divulguem e ampliem o uso de uma língua minoritária”. Importa destacar que essa prática não se deve restringir à comunidade indígena; pelo contrário, deve “ser reconhecida e respeitada pela sociedade majoritária”.

Diante desse novo cenário, em prol da preservação e revitalização da língua indígena, Oliveira (1999, p.33-4) propõe uma modificação na ação do lingüista: sua atuação passa a ser de elucidação conceitual da reflexão lingüística conduzida pelos próprios falantes, que se constituem em pesquisadores de suas próprias línguas.

Dessa forma, o lingüista deixa de ser o falante instrumentalizado da língua, com cujo povo ele identifica sua carreira – o criador da escrita, o formulador da gramática, o pai do dicionário –, e passa a ser um especialista nos fenômenos lingüístico-culturais. O pesquisador passará a ser o professor índio que, do seio de sua prática pedagógica, envolvido com as questões suscitadas, propõe procedimentos numa ordem que lhe parece adequada e que não precisa seguir a ordem preconizada pela lingüística.

É importante ressaltar que não há, nessa argumentação, nenhuma redução do valor do lingüista. Descrever línguas e formular teorias sobre como as línguas funcionam é uma nobre atividade e deve ser estimulada num país com tão poucos especialistas no assunto.

Consideradas as asserções dos autores citados (Maia, 2006; Oliveira, 1999; Nincao, 2008; Butler, 2001), entre outros, pensamos que um novo modelo metodológico e epistemológico esteja a caminho. Sua autoria será compartilhada pelos movimentos indígenas, pelas assessorias e por lingüistas, resultando em transformações significativas “no fazer lingüístico, historiográfico, matemático – enfim, em todas as áreas e, sobretudo, **queremos crer**, na área pedagógica”. (OLIVEIRA, 1999, p. 37[grifo nosso]).

A inter-relação entre educação e lingüística tem permeado nossos pensamentos e discussões desde o momento em que iniciamos nossos trabalhos com o povo Terena. Trabalhando apenas com base nas teorias da educação não

alcançamos respostas e soluções para todos os problemas com os quais deparamos. Observamos que só encontraríamos o que almejávamos em estudos além de nossas práticas, recorrendo, então, ao mestrado em Letras/Estudos Lingüísticos. Consideramos que não basta ser pedagogo para compreender o que ocorre e analisar os dados, assim como não basta ser apenas lingüista. Fazem-se necessárias as contribuições da lingüística, da lingüística aplicada, da antropologia, da educação entre outras áreas do conhecimento, para que se possa proceder à análise e alcançar a Educação Escolar Indígena tão almejada pelos povos indígenas e já previstas na Constituição Federal, de 1988, e na LDB, de 1996.

## CAPÍTULO IV: A ESTRUTURA SILÁBICA DO TERENA

### 4.1. A sílaba

Mattoso Câmara Jr.(1973, p. 68-9) afirmava que “Mesmo a chamada escrita ideográfica” (do Chinês e do antigo Egípcio) “assenta na sílaba”, e “a escrita alfabética, que parte da individualidade dos fonemas, destacando-os, é sempre tardia, e corresponde a uma análise refletida a que se submeteu a sílaba”. Acrescenta o autor que as primeiras enunciações infantis são sílabas reduplicadas para a construção de palavras, ou, como destaca Jakobson (apud MATTOSO CÂMARA JR., 1973, p. 69), “para assinalar que os sons emitidos não representam um balbucio mas uma entidade semântica consciente”.

Abercrombie (1967, p.78) explicava a sílaba em termos de mecanismo de corrente de ar pulmonar:

Na produção do mecanismo de corrente de ar pulmonar o ar não é expelido dos pulmões com uma pressão regular constante. De fato, os movimentos de contração e relaxamento dos músculos respiratórios expõem sucessivamente pequenos jatos de ar. Cada contração e cada jato de ar expelido dos pulmões constitui a base de uma sílaba. A sílaba é então interpretada como um movimento de força muscular que se intensifica atingindo um limite máximo, após o qual ocorrerá a redução progressiva desta força.

Como destaca Cavalieri (2005), apoiado em Mattoso Câmara Jr. (1970), as descrições e definições de sílaba têm-se orientado por critérios díspares e heterogêneos, de que decorreram, nos estudos lingüísticos, quatro possíveis conceituações de sílaba: a) a sílaba sonora, pautada no efeito auditivo e no papel do impulso da voz: a força e a duração seriam reguladas por “um ato volitivo do falante” (MATTOSO CÂMARA JR., 1973) ; b) a sílaba dinâmica, referente à força expiratória (estritamente vinculada ao acento, que estabelece fronteiras silábicas nítidas entre os impulsos respiratórios), c) a sílaba articulatória (defendida por Saussure), abstraída dos movimentos articulatórios da produção dos sons vocais e que permite a delimitação de fronteiras, bem como as diferenças de realização em distintas posições; d) a sílaba intensiva, abstraída da tensão muscular que ocorre no ato

articulatório (também reformulada , segundo Mattoso Câmara Jr., por Saussure e Grammont).

Também não se pode ignorar a existência da assim chamada “sílabas funcional”, imposta pelos “tipos de concatenação dos fonemas de uma língua dada, conforme o tratamento crescente ou decrescente nas várias situações dos contextos” (MATTOSO CÂMARA JR., 1973, p. 77), que poderá oferecer variação livre (como ocorre, em português, com his-tó-ri-a/his-tó-ria; ce-ia; cei-a) ou determinar distinção fonológica (como entre “a mala” e “amá-la”).

Em cada uma dessas caracterizações, há, em nosso entender, elementos que concorrem para a conceituação de sílaba, aqui concebida como uma unidade fônica que envolve tanto o impulso expiratório (de que decorrem as fronteiras) e a percepção acústica (de que decorre o contorno ascendente-descendente), quanto os movimentos articulatórios e a correspondente tensão muscular.

Importa acrescentar que toda sílaba tem, obrigatoriamente, um ápice ou “fonema silábico” (MATTOSO CÂMARA JR., 1973, p. 84), geralmente representado por uma vogal, a que se podem agregar outros, alguns em posição de margem ou coda.

De acordo com Cavalieri (2005), as sílabas podem ser travadas, quando o último elemento tem natureza consonantal, ou abertas, quando o último elemento tem natureza vocálica.

## **4.2 Tipos de padrões silábicos**

Segundo Collischon (1996, p. 95), nos anos 70, a discussão em torno da sílaba era se possuía ou não status fonológico. Para a autora, foi a partir dos trabalhos de Hooper (1976) e Kahn (1976) que a sílaba foi gradativamente sendo aceita como unidade fonológica, e rapidamente aumentou o número de pesquisas em torno de sua natureza e do papel por ela desempenhado na fonologia das línguas.

Para Macambira (1985), cada língua tem as suas regras próprias para agrupar os fonemas em sílaba, ou seja, seus padrões silábicos. O mesmo grupo que

numa língua se pronuncia com somente uma sílaba, noutra pode pronunciar-se com duas.

Segundo Collischonn (2005, p 107), “as línguas diferem quanto ao número de segmentos permitidos em cada constituinte silábico”. Há línguas que permitem apenas um segmento na margem e outro na coda; outras permitem um segmento na margem e dois na coda; por outro lado, há línguas que permitem dois segmentos no margem, um no núcleo e até três na coda. Para expressar essas diferenças ou padrões, usamos o molde silábico.

Ekadahl e Butler (1984), em explicação da ortografia Terena, apontam que a língua Terena possui quatro padrões silábicos: V; CV; VV e CVV. Em nosso trabalho, estamos propondo os seguintes padrões silábicos: V; CV; VC e CVC, uma vez que os segmentos ambivalentes /j/ e /w/ foram descritos como segmentos consonantais. O padrão silábico na língua é ( C ) V ( C ), e, na posição de coda, apenas os fonemas /w/ e /j/ ocorrem.

[w] e [j] podem ser interpretados como C ou como “glide” da vogal anterior. Escolhemos a primeira opção, pois a interpretação V resultaria em num padrão silábico atípico, VV; já a interpretação C possibilita a ocorrência CV. Além disso, esses segmentos ocupam as posições de margens das sílabas, geralmente ocupadas por segmentos consonantais.

Vejamos exemplos de cada um dos tipos silábicos em Terena:

#### **V-**

a) /'a.na.kɛ.hɛ/ ‘cotia’

b) /'hɔ:ɛ/ ‘peixe’

c) /'i.ha/ ‘nome’

#### **CV-**

a) /'ka.ʔi/ ‘macaco’

b) /ki.a.'ka.ʃɛ/ ‘tarde’

c) /'nɔ.mi.ti/ 'vaga lume'

### **CVC -**

a) /'a:runɔj/ 'moça'

b) /hɔ.mɔ.'hɛw/ 'rapaz'

c) /pi.ri.'taw/ 'faca'

## **4.3 Classificação dos fonemas**

### **4.3.1 Posição de margem (início)**

#### **/p/**

/'pa:ɦɔ/ 'boca'

/'rapitaka/ 'castanha'

/ki'pa:ɛ/ 'ema'

#### **/t/**

/ta.'mu.ku/ 'cachorro'

/pi.ti'vɔ.kɔ/ 'cidade'

/tɔ'kɔ:rɔ/ 'bugio'

#### **/k/**

/'ku.ʃɔ.ti/ 'velho'

/'kɔ.tu.ti/ 'quente'

/kɔ'pi:jɛ/ 'calor'

#### **/ʔ/**

/ɛ'mɔʔu/ 'fala, idioma'

/tu'ʔiti/ 'rede'

/ta'ʔa/ 'anhuma

**/ʃ/**

/'ʃu:pu/ 'mandioca'

/ɛva'kaʃu/ 'capivara'

/ɛkɔʃɔ'a:ti/ 'enterrar'

**/s/**

/sɔ'pɔ:rɔ/ 'milho'

/ɛ'vesɛkɔ/ 'desceu'

/ka'lisɔti/ 'fino'

**/h/**

/ha'raʔiti/ 'vermelho'

/ko'hɛ:/ 'lua'

/'hɔ:ɛ/ 'peixe'

**/m/**

/mara'kaja/ 'gato'

/i'mukaja/ 'bocaiúva'

/ta'muku/ 'cachorro'

**/n/**

/na'kaku/ 'arroz'

/a'na:/ 'raiz'

/ni'kɔ:ti/ 'comer'

**/l/**

/la'pa:pe/ 'biju'

/ma'lika/ 'longe'

/ʃu'lu:ki/ 'tatu peludo'

**/ɾ/**

/pɪri'taw/ 'faca'

/to'ro:ro/ 'cabaça'

/kɔ'ʔe:ru/ 'papagaio'

**/w/**

/'ka:wɔ/ 'sabão'

/'wa:ma/ 'jatobá'

/pa'ra:wa/ 'arara'

**/j/**

/'juku/ 'fogo, lenha'

/na'kejeje/ 'como vai?'

/'<sup>h</sup>ga:ja/ 'meu cérebro'

#### 4.3.2 Posição de margem (coda)

**/w/**

/pi'ritaw/ 'faca'

/ʃa'paw/ 'mamão'

**/j/**

/mɔ'tɔjɲɛ/ 'lábios'

/'a:runɔj/ 'moça'

### 4.3.3 Posição de núcleo

#### **/a/**

/ˈwahaha/ ‘aranha’

/ʃaˈpaw/ ‘mamão’

/kaˈpasi/ ‘nuvem’

#### **/ɛ/**

/ˈhɔjɛnɔ/ ‘homem, macho’

/ˈtɛ:tu/ ‘verruca’

/ˈtakurɛʔi/ ‘cana’

#### **/i/**

/visivisi/ ‘grilo’

/ˈtikɔti/ ‘árvore’

/ˈhi:hi/ ‘bolo cozido’

#### **/ɔ/**

/tɔrɔ:rɔkɔʃɛ/ ‘timbó’

/ˈpɔˈhi/ ‘pato’

/hɔnɔˈi/ ‘tucano’

#### **/u/**

/ʃuˈlu:ki/ ‘tatu peludo’

/taˈmuku/ ‘cachorro’

/kuˈru:tɛ/ ‘pomba’

Como podemos verificar, a sílaba CV é a estrutura padrão, por ser a mais comum e menos restrita em relação à posição na palavra. Todos os segmentos consonantais podem ocupar a posição de início, todos os segmentos vocálicos a de núcleo, mas apenas as aproximantes ocupam a posição de coda.

## CAPÍTULO V: O ACENTO

Bendor-Samuel<sup>20</sup> (1963b) aponta que, em muitas línguas indígenas americanas, diversos traços freqüente e convenientemente classificados como acento têm um lugar importante no sistema fonológico da língua.

Em Jebero, uma língua do alto da bacia amazônica no Peru, por exemplo, o acento tônico tem expoentes fonéticos de *pitch* elevado, duração e altura. Sua ocorrência pode ser previsível. No caso de palavras mais simples, de três ou mais sílabas, a segunda sílaba é marcada pelo acento; em outras palavras simples, a primeira sílaba é também marcada; em palavras compostas, as sílabas iniciais de cada raiz reduplicada e a segunda sílaba dos elementos pós raiz são tônicas. Todas as palavras sufixadas por qualquer de um grupo de 5 sufixos são marcadas pelo acento na penúltima sílaba. Essas descrições explicam 95% dos dados. Para completar a descrição, elas têm que ser suplementadas por descrições que cobrem dois tipos de formas contraídas e por uma descrição enfática do acento.

Segundo o autor, com outras línguas, no entanto, a descrição do acento não é por meios tão simples. Em alguns casos, a ocorrência do acento tem implicações lexicais e gramaticais; em outras, a descrição real do sistema acentual é complicada, como em Kampa, em que se descobriu que uma única palavra gramatical pode ter mais que 5 acentos primários. Mas, de todos os sistemas acentuais das línguas indígenas americanas, poucos superam o do Terena pela complexidade. A descrição do sistema acentual, como parte da descrição fonológica da língua, é a mais complexa, além de que o acento tem certas implicações mórficas (gramaticais). Na verdade, sua função mais importante na língua é servir como um estratagema gramatical sinalizante. (BENDOR-SAMUEL, 1963b)

De acordo com Bendor-Samuel (1963b), há um contraste na colocação do acento em palavras (exceto partículas) que são acentuadas em uma das duas, exceto as primeiras três sílabas da palavra. A seleção da primeira ou segunda dessas duas sílabas acentuadas tem funções gramaticais importantes; algumas vezes, por exemplo, o acento distingue o sujeito do objeto. Em certas circunstâncias específicas, o contraste estabelecido por esta seleção da colocação do acento é inoperante. Em tais circunstâncias, encontra-se um contraste baseado nos dois

---

<sup>20</sup> As explicações sobre o acento de Bendor-Samuel (1963b) foram retiradas do trabalho “*Stress in Terena*”. Tradução nossa.

conjuntos de expoentes fonéticos do acento, conservando-se um contraste gramatical fundamental.

Segundo Bendor-Samuel (1963b), em palavras Terena, salvo as partículas, o acento cai em uma das sílabas específicas da palavra. Essa seleção entre as duas sílabas acentuais não é previsível com nenhuma base fonológica e não está condicionada a nenhuma compreensão fonológica. Essa seleção é unicamente determinada por fatores gramaticais; algumas vezes sintáticos, algumas morfológicos.

Butler (2001, p.06) aponta que, na língua terena, existem padrões de acentuação ligados a funções gramaticais

**ikorókovó** ‘quando ele(a) caiu’

**íkorokovo** ‘ele(a) caiu’

**kévo** ‘quando chove’

**kêvo** ‘choveu’

**yóko** ‘venha’

**yôko** ‘sua tia’

**xanéna** ‘pessoal dele(a)’

**xánena** ‘companhia dele(a)’

**íti** ‘sangue’

**îti** ‘você’

**ivatáko** ‘quando ele ou ela sentou’

**ivátako** ‘ele ou ela senta’

Neste capítulo, apresentamos a ocorrência do acento como um todo e o contraste entre os tipos de acento, bem como sua função gramatical.

## 5.1 Acento em vogais alongadas

- **Palavras simples**

/ˈtu:ti/	‘cabeça’
/ˈta:ki/	‘braço’
/ˈkɛ:wi/	‘asa’
/ˈu:kɛ/	‘olho’
/ˈɔ:sɛ/	‘avó dele’
/ˈi:ma/	‘marido dela’
/piˈkɔ:ti/	‘ele está com medo’
/siˈmɔ:ti/	‘ele veio’
/niˈkɔ:ti/	‘ele está comendo’
/taˈki:ti/	‘braço de alguém’
/tɔˈkɔ:ti/	‘ombro’
/ɔˈwa:ti/	‘tia de alguém’
/mikukɔˈa:ti/	‘ele vai puxar’
/tetukɔˈa:ti/	‘ele vai cortar’
/isukɔˈa:ti/	‘ele bateu’
/namukɔˈa:ti/	‘ele esta segurando’
/kɔmɔˈma:ti/	‘ele sabe’
/itukɔˈa:ti/	‘ele vai fazer’

- **Palavras compostas**

/ta:ki/ 'braço dele'  
/ni:ka/ 'comida dele'  
/ɛ:ka/ 'bebida dele'  
/kɛ:nɔ/ 'orelha'  
/ɔ:ʃu/ 'avô dele'  
/ʃu:pu/ 'mandioca'

/taki 'ɔ:kɔ/ 'braço da tia dele'  
/nika 'ɔ:ʃu/ 'comida do avô dele'  
/ɛka 'mɛ:mɛ/ 'bebida da vovó'  
/kɛnɔ 'ku:rɛ/ 'orelha de porco'  
/ɔʃu 'a:ti/ 'avô de 'a:ti' (irmão menor)  
/ʃupu 'sɛ:nɔ/ 'mandioca da mulher'

## 5.2 Acento em vogais breves

/jaʔa/ 'seu pai'  
/piʔa/ 'são dois'  
/kaʃɛ/ 'sol'  
/jɔti/ 'noite'  
/kavaʔɔ/ 'galho'  
/amɔripɔnɔ/ 'bisneto'  
/kamɔkɛnɔa/ 'ele ouviu'

/ɛ'mɔʔu/ 'língua dele'  
/mɔ'pɔʔa/ 'são três'  
/tɔ'rɔʔɔ/ 'mancha na pele dele'  
/jɔ'jɛʔɛu/ 'a comida que você cozinha'  
/iʔ'ikɔti/ 'gago'  
/pɔ'rɛʔɔkɔa/ 'ele deixou com ele'

/vaka'mɔtɔ/ 'couro'  
/piti'vɔkɔ/ 'cidade'  
/aka'peti/ 'atrás da casa'  
/imɔ'neti/ 'coisa deixada'  
/nɔkɔ'neti/ 'esta precisando'

/ɔʃɔ'kɛti/

'churrasco'

### 5.2.1 Contraste na posição do acento

/koe'pekoti/ 'assassino'

/ko'epekoti/ 'mata, é perigoso'

/ojeʔ'eko/ 'quando ele cozinha'

/oje'eʔeko/ 'ele cozinha'

/una'tine/ 'quando ele já aceitou,  
concordou'

/'unatine/ 'já esta bom'

/ʃa'nena/ 'pessoal dele'

/'ʃanena/ 'companhia dele'

### 5.3 Contraste entre vogais longas acentuadas e vogais breves acentuadas

/'i:ti/ 'você'

/'iti/ 'sangue'

/'ka:mɔ/ 'ele escuta'

/'kamɔ/ 'cavalo'

/'kɛ:vɔ/ 'choveu'

/'kɛvɔ/ 'quando choveu'

/'ni:kɔ/ 'ele está comendo?'

/'nikɔ/ 'quando ele está comendo'

/'pi:kɔ/ 'ele tem medo'

/'pikɔ/ 'quando ele está com medo'

/'simɔ/ 'ele veio'

/'si:mɔ/ 'quando ele chegou'

/'jɛ:mɔ/ 'mulher dele'

/'jɛnɔ/ 'quando ele foi'

/'jɔ:kɔ/ 'sua tia'

/'jɔkɔ/ 'venha'

/'jɔ:mɔ/ 'ele foi?'

/'jɔnɔ/ 'quando ele vai'

/'jɔ:ʃɔ/ 'você toca (pife ou sanfona)'

/'jɔʃɔ/ 'quando você tocou (pife ou sanfona)'

Pesquisadores da família Aruak (AIKENVALD, 1999), da lingüística aplicada (NINCAO, 2008) e os missionários Ekdahl e Butler (1994) têm evidenciado a necessidade de um estudo sistemático sobre os aspectos suprasegmentais da língua Terena, porém não há, ainda, nenhum estudo exaustivo a esse respeito. Aikhenvald (1999, 2001) levanta a hipótese de se tratar de uma língua tonal.

Butler (2001) aponta que, na língua Terena, existem padrões de acentuação ligados a funções gramaticais. Em contextos em que no português, se usa uma palavra separada ou várias palavras, a língua Terena usa apenas uma

mudança na posição do acento (morfema posicional) ou no tipo de acento para transmitir certos sentidos ou categorias gramaticais. Muitas vezes, várias formas do mesmo verbo distinguem-se somente por acento na forma escrita, como nos exemplos seguintes: pîho ‘ele vai’; pího ‘quando ele vai’; pihô ‘ele que vai’; nîko ‘ele come’; níko ‘quando ele come’; nikô ‘ele que come’. Entendemos que, entre essas formas, podem ser identificadas diferenças temporais-aspectuais (entre as duas primeiras de cada exemplo) e mesmo (possivelmente) de modalidade (como é o caso da terceira forma nos dois exemplos).

Há quem afirme que haveria o tom, de natureza lexical (MARTINS, 2007), ou que a língua é acentual (BUTLER, 2001), posicionamento adotado nesta pesquisa.

Com base na descrição dos dados do cópuz e por meio de testes de par mínimo, constatamos que a oposição entre vogais longas e breves atesta fonemas diferentes e não diferenças de tom, diferente do que apontaram análises anteriores (AIKENVALD, 1999, 2001), por considerarem o alongamento como um suprassegimento co-ocorrendo com o tom.

Outro ponto apontado pelos trabalhos refere-se ao contraste na posição do acento como em: /iko<sup>1</sup>rokovo/ ‘quando ele caiu’; /<sup>1</sup>ikorokovo/ ‘ele caiu’; /i<sup>1</sup>mafova/ ‘quando ela não quer mais, cansou’; /<sup>1</sup>imafova/ ‘ele não quer fazer’; /ipi<sup>1</sup>fafo/ ‘quando ele benze’; /i<sup>1</sup>pi<sup>1</sup>fafo/ ‘ele benze’. Esse contraste também ocorre no português nas palavras [‘sabia] [sa<sup>1</sup>bia] e [sabi<sup>1</sup>a] entre outras. Na maioria das palavras ocorrem dois acentos, o primário e o secundário, e, nos casos de ocorrência de vogais abertas, produz-se a impressão de que todas as oxítonas são acentuadas. Essa impressão já havia sido relatada por Taunay (1868) em *Scenas de Viagem: exploração entre os rios Taquary e Aquidauana no districto de Miranda*. Nesse trabalho, o historiador-literato apresenta um vocabulário da língua Guaná<sup>21</sup>, e traz uma nota explicativa apontando que “o último acento é o tônico: os outros modificarão o som das vogaes”. (TAUNAY, 1868, p.132).

A posição do acento tem funções gramaticais e a descrição dos aspectos que condicionam sua ocorrência tem que ser feita paralelamente a uma descrição mórfica, com vistas à gramática da língua, ainda não elaborada.

---

<sup>21</sup> Conforme foi apontado no cap 1 o povo Terena é o único remanescente da nação Guaná no Brasil.

Acreditamos que muito da problemática em torno do acento, em especial no ensino da língua, tem-se refletido na ortografia (de que também pode ser decorrente), na “confusão” entre os diacríticos (^) e (´). Esses diacríticos têm funções diferentes nas duas línguas e isso tem confundido professores e alunos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo uma descrição do sistema fonológico da língua Terena e levou em conta a relação entre a fonética e a fonologia, embora ainda restem questões a serem resolvidas, em face da complexidade da língua, o que exige um estudo mais aprofundado, em especial sobre o acento.

Conforme foi apresentado, os dados lingüísticos que compõem o cópuz do nosso trabalho foram obtidos junto a informantes indígenas, falantes da língua Terena na Comunidade Cachoeirinha (Miranda-MS).

No Capítulo I, apresentamos informações sobre o povo e a língua Terena, enfatizando aspectos históricos, demografia e localização, família lingüística e os estudos anteriores; em II, descrevemos a metodologia utilizada no trabalho de campo e na descrição dos dados; no Capítulo III, revisitamos estudos anteriores e apresentamos a nossa descrição dos sons, sendo o inventário fonético composto por 22 fones consonantais e 18 fones vocálicos. A partir da oposição entre pares mínimos atestamos a ocorrência de fonemas e seus respectivos alofones, tendo a variedade Terena por nós descrita, segundo nossa descrição, 13 fonemas consonantais e 10 fonemas vocálicos. Destacamos também a ocorrência do processo de harmonia na língua: a harmonia vocálica e o processo morfofonológico “harmonia nasal”. No Capítulo 4, discutimos a estrutura silábica da língua Terena e revimos o padrão proposto por Butler (1984). Segundo a autora, o padrão da língua seria (C)V(V), porém, como em nossa análise os segmentos ambivalentes [j] e [w] foram considerados segmentos consonantais, propusemos o seguinte molde silábico para a língua: (C)V(C). Por fim, apresentamos a ocorrência do acento em palavras simples e compostas, o contraste na posição do acento e ainda o contraste entre acento e alongamento.

Nossa descrição nos leva a afirmar que, ao contrário do que foi proposto por outros pesquisadores, a língua Terena é acentual, uma vez que, por meio de testes com pares mínimos, foi possível comprovar que as vogais breves e longas são fonemas. Assim, é refutada a hipótese anterior de que as vogais longas carregavam o tom e seriam alofones das breves.

Nosso objetivo em relação ao acento foi apenas mostrar a sua ocorrência, sendo necessária uma análise mais aprofundada, baseada em outras

teorias fonológicas ou mesmo na fonética acústica. Ademais, sua ocorrência envolve funções gramaticais de natureza morfossintática, o que não foi objeto desta pesquisa.

Em nossa descrição, revisamos trabalhos anteriores e propusemos alguns pontos diferentes: consideramos o segmento [w] como fonema consonantal; consideramos as vogais longas [i:], [ɛ], [a:], [ɔ:] e [u:]; escolhemos como fonema as vogais meio abertas [ɛ] e [ɔ] ao invés das meio fechadas [e] e [o] postuladas nas análises anteriores; discutimos a ocorrência da harmonia vocálica, não encontrada em trabalhos anteriores; postulamos o padrão silábico (C)V(C) e apresentamos evidências de que a língua é acentual.

Além disso, tendo em vista nossa formação inicial (pedagogia) bem como a participação em projetos de ensino, pesquisa, extensão e formação continuada de professores em comunidades indígenas, trouxemos algumas considerações sobre o trabalho lingüístico e a prática pedagógica com línguas/comunidades indígenas.

Diante do exposto, esperamos que o trabalho contribua para o conhecimento da língua Terena e da família lingüística Aruak, bem como para trabalhos com outras variedades da língua, faladas nas diversas comunidades, e que possa funcionar como de recurso pedagógico nos cursos de formação de professores indígenas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERCROMBIE, D. *Elements of general phonetics*. Edinburgh University Press. Edinburgh, 1967.

AIKHENVALD, A. *The amazonian languages*. Cambridge University Press, 1999.

AIKHENVALD, A. Y. The Arawak language family. In: BLAKE, B.J. & BURRIDGE, K. (eds) *Historical linguistics*. Amsterdam, John Benjamins Publishing Company, 2001.

ALBUQUERQUE, F. E. *Contribuição da fonologia ao processo de educação indígena apinayé*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2007. Tese de doutoramento).

ALMEIDA, M. de B. K.. *O léxico da língua Terêna: proposta do dicionário infantil bilíngüe Terêna-Português*. Dissertação de Mestrado do Instituto de Letras. Brasília: UnB, 2005. (Dissertação de Mestrado)

AZANHA, G. *Resumo do relatório circunstanciado de identificação e delimitação da terra indígena Cachoeirinha*. FUNAI. Brasília, 24 de junho de 2003.

BENDOR-Samuel, J. T. *An outline of the grammatical and phonological structure of Terena I*. Brasília: SIL-AL 90, 1961.

\_\_\_\_\_. A structure-function description of Terena phrases. *CJL* 8. 1963a. p. 59-70

\_\_\_\_\_. Stress in Terena. *Transactions of the Philological Society for 1962*: Oxford. 1963b. p.105-123.

\_\_\_\_\_. Some prosodic features in Terena. In: C.E. BAZELL et al. (Ed.). *Memory of J.R. Firth: 30-39*. Londres: 1966.

\_\_\_\_\_. Some problems of segmentation in Terena. *Word* 16. 1960, p. 348-355

BRAGGIO, S.L.B. *Revisitando a fonética/fonologia da língua Xerente Akwe: uma visão comparativa dos dados de Martius (1866) a Maybury-Lewis (1965) com os de*

Braggio (2004). Revista Signótica. Goiânia, v.17, n.2, p.251-273, julho/dezembro de 2005.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Brasília: MEC/SEF, 1998

BUTLER, N. E. Um bom começo basta? Um retrospecto sobre a experiência em educação bilíngüe, existente desde 1999 nas escolas Terenas no distrito de Taunay/MS. In:13º COLE, Campinas/ Unicamp. 2001.

\_\_\_\_\_. *Modo, extensão temporal, tempo verbal e relevância contrastiva na língua Terena*. Brasília: SILEL. 1978.

\_\_\_\_\_. *Derivação verbal em Terena*. SIL-SL 7.1977 p.73-100.

\_\_\_\_\_. *The multiple functions of the definite article in Terena*. *Série Lingüística, SIL*, 2003.

BUTLER, N. E. *Vocabulário Terena*. Sudoeste do Mato Grosso do Sul em Aquidauana e Miranda e no estado de São Paulo no posto Araribá. Gr. Equatorial - Arawake - Maipure, Sul, Bolívia-Paraná. Disponível em: < <http://www.indios.info/>>. Acesso em: 24 nov. 2007.

CAGLIARI, L.C. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fônico*. Campinas-SP: Mercado das letras, 2002.

MATTOSO CAMARA JR. J. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

\_\_\_\_\_. *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Livraria acadêmica, 1973.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R.. *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos terêna*. Rio de Janeiro: Livraria E. Alves Editora. 1976.

CAVALIERE, R. *Pontos essenciais em fonética e fonologia*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre-RS: EDIPUC, 2005.

COUTO, V. G. de C. *Kinikinau: um estudo sociolingüístico*. Três Lagoas, UFMS/CPTL, 2004. (Dissertação de mestrado em Letras)

CRYSTAL, D. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores: 1988.

DUBOIS, J. et alli. *Dicionário de lingüística*. 5. ed. São Paulo: Cutrix, 1998.

EKDAHL, M.; GRIMES J. E. Terena verb inflection. *IJAL* 30. 1964. p. 261-268.

\_\_\_\_\_. *Terena dictionary*. Brasília: SIL-AL 95. 1969

EKDAHL, M.; BUTLER, N. E. *Aprenda Terena I*. Brasília: SIL. 1979.

EASTLACK, C. Terena (Arawakan) pronouns. *IJAL* 34: 1-8, 1968.

FRANCHETTO, B. *O trabalho dos lingüistas*. Disponível em: <[www.socioambiental.org](http://www.socioambiental.org)>. Acesso em: 19 jan. 2000.

GARCIA, M. de S. *Uma análise tipológica sociolingüística na comunidade indígena Terena de Ipegue: extinção e resistência*. Goiânia: UFG, 2007. (Tese de Doutorado).

GRUPIONI, L. D. (org.). *Formação de professores indígenas: repensando trajetórias*. Brasília: MEC/SECAD, 2006.

ISA. Instituto Socioambiental. Povos indígenas no Brasil, 2006. Disponível em: <[www.socioambiental.org](http://www.socioambiental.org)>. Acesso em: 19 jan. 2007.

KIETZMAN, D. W. *Tendências de ordem lexical de aculturação lingüística em Terêna*. RA 6/1,1958. 15-22.

KINDELL, G. E. *Guia de análise fonológica*. Brasília: Summer Institute of Linguistics. 1981.

LADEIRA, M. E.. *Língua e história: análise sociolingüística em um grupo Terêna.* São Paulo: FFLCH, USP. 2001. (Tese de Doutorado). Disponível em: <<http://www.trabalhoindigenista.org.br/papers.asp>>. Acesso em: 15 mar.2007.

MACAMBIRA, J. R. *Fonologia do português.* Secretaria de Cultura e Desporto, Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1985.

MAIA, M. A revitalização de línguas indígenas e seu desafio para a educação intercultural bilíngüe. In: Revista Tellus, ano 6, n. 11, out. 2006. Campo Grande: UCDB, 2006.

\_\_\_\_\_.Manual de lingüística: subsídios para formação de professores indígenas na área de linguagem. MEC/CECAD; LACED/MUSEL NACIONAL (Coleção Educação para todos; 15) Brasília, 2006.

MARCHEWICZ, R. M. S. *Com a palavra índios e índias: introdução ao estudo da representação no mundo Terena.* Três Lagoas: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2006 (Dissertação de Mestrado em Letras).

MARTINS, C. *Harmonia nasal em Terena.* São Paulo, 2007. (mimeo).

MORI, A. C. Conteúdos lingüísticos e políticos na definição de ortografias das línguas indígenas. In: D'ANGELIS, W. E VEIGA, J. (Orgs.). *Leitura e escrita em escolas indígenas (Encontros de Educação Indígena) COLE nº 10 – 1995.* Campinas: ALB/Mercado de Letras, PP. 23-33.

MEC. *Parâmetros em Ação: Educação Escolar Indígena. As Leis e a Educação Escolar Indígena.* Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

MELIÁ, B. *Educação indígena e alfabetização.* Ed. Loyola, 1978.

MOORE, D. Línguas Indígenas: situação atual, levantamento e registro. In: Revista Eletrônica do IPHAN. Disponível em: <[www.revista.iphan.gov.br](http://www.revista.iphan.gov.br)> acessado em: 05 set. 2007.

MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. Formulário do vocabulário-padrão para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras. In: MEADER, R. E. *Índios do Nordeste : levantamento sobre os remanescentes tribais do Nordeste*

*brasileiro*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1978. Disponível em: <<http://www.indios.info>> Acesso em: 10 jun. 2007.

NINCAO, O.S. Kohó yoko hovôvo/ O tuiuí e o sapo: identidade, biletamento e política lingüística na formação continuada de professores Terena. Capinas: IEL/Unicamp, 2008. (Tese de doutoramento).

NUNAND, D. *Research Methodos in language lerarning*. Cambridge University Press, 1992.

OLIVEIRA, G. M.. O que quer a lingüística e o que se quer da lingüística: a delicada questão da acessória lingüística no movimento indígena. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 49 de dezembro de 1999.

PIGGOTT, G.L. *Variability in feature dependency: The case of nasality*. Natural language and linguistic theory, v.10, p. 33-77,1992.

REIS, J. F. D. *O conflito diglossico Português-Terena em Limão Verde: um estudo de sociolingüística indígena*. 1990, 124 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 1990.

RODRIGUES, A. D. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

\_\_\_\_\_. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. *Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas*. Delta, 1993.

\_\_\_\_\_. *Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil*. São Paulo: Ciência e Cultura, v. 57, nº2, 2005.

SANTOS, R.S.; SOUZA, P.C. Fonética. In: FIORIN, J.L. (org). *Introdução a lingüística II: princípios de análise*. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SEKI, L. A lingüística indígena no Brasil. DELTA, 1999, v.15, p.257-290. Disponível em: <http://www.scielo.br/> acesso em: 19 de março de 2007.

SILVA, D; SOUZA, C.C. e ROSA, A.M. Língua Terena: considerações sobre o trabalho lingüístico e a prática pedagógica. In: SILVA, A.L.G. et al (orgs). *Concepções pedagógicas: fundamentos, metodologias e didáticas*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2008.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2001.

SOUZA, I. *KOENUKUNOE EMO'U: a língua dos índios Kinikinau*. Campinas: IEL/UNICAMP, 2008. (Tese de doutoramento)

SOUZA, S. L. de. *Descrição fonético-fonológica da Língua Akwen-Xerente*. Brasília: UNB, Instituto de Letras, 2008. (Dissertação de Mestrado).

SWADESH, M. *Lista diagnóstica léxico-estatística*. In: SILVA, Alcionílio B. A. da. *Discoteca etnolingüístico-musical das tribos dos rios Uaupés, Içana e Cauaburi*. São Paulo: [Salesianos?], 1961. Disponível em: <<http://www.indios.info/>>. Acesso em: 25 nov.2007.

TAUNAY, A. D. *Scenas de viagem: exploração entre os rios Taquary e Aquidauana no districto de Miranda*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército – Editora, 1868.

TOURVILLE, J. The nasal morpheme of terena. In: *Licensing and the representation of floating nasals*. PHD, McGill. University: Canadá, 1991.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

### Sobre a língua Terena

AIKHENVALD, A. Y. The Arawak language family. In: BLAKE, B. J. & BURRIDGE, K.(eds) *Historical Linguistics 2001*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company 65 – 106

ALMEIDA, M. de B. K.. *O léxico da língua Terêna: proposta do dicionário infantil bilíngüe Terêna-Português*. Dissertação de Mestrado do Instituto de Letras. Brasília: UnB, 2005.

BENDOR-SAMUEL, J. T. 1960. Some problems of segmentation in Terena. *Word* 16. 1960, p. 348-355.

\_\_\_\_\_. *An outline of the grammatical and phonological structure of Terena I*. Brasília: SIL-AL 90, 1961.

\_\_\_\_\_. A structure-function description of Terena phrases. *CJL* 8. 1963a p. 59-70.

\_\_\_\_\_. Stress in Terena. *Transactions of the Philological Society for 1962*: 105-123. Oxford, 1963b. p.105-123..

\_\_\_\_\_. Some prosodic features in Terena. En: C.E. Bazell & al. (ed.), *In memory of J.R. Firth*: 30-39.Londres, 1966.

BUTLER, N. E. Um bom começo basta? Um retrospecto sobre a experiência em educação bilíngüe, existente desde 1999 nas escolas Terenas no distrito de Taunay/MS. In:13º COLE, Campinas/ Unicamp. 2001.

\_\_\_\_\_. *Modo, extensão temporal, tempo verbal e relevância contrastiva na língua Terena*. Brasília: SILEL. 1978.

\_\_\_\_\_. *Derivação verbal em Terena*. SIL-SL 7.1977 p.73-100.

\_\_\_\_\_. *The multiple functions of the definite article in Terena. Série Lingüística, SIL, 2003.*

BUTLER, N. E. *Vocabulário Terena. Sudoeste do Mato Grosso do Sul em Aquidauana e Miranda e no estado de São Paulo no posto Araribá. Gr. Equatorial - Arawake - Maipure, Sul, Bolívia-Paraná. Disponível em: < <http://www.indios.info/>>. Acesso em: 24 nov. 2007.*

BUTLER, N. e EKDAHL, E. *Alguns Pontos Salientes Sobre a Fonologia e Gramática da Língua Terena. Aquidauana/SIL(sem data). (mimeo).*

EASTLACK, C. 1968. *Terena (Arawakan) pronouns. IJAL 34: 1-8.*

EKDAHL, E. M. e BUTLER, N. *Vukápanavo - Vamos para frente - Cartilha Terena Brasília, DF: SIL (s.d)*

\_\_\_\_\_. *Explicação da Ortografia Terena. Cuiabá: SIL, 1994. (mimeo).*

\_\_\_\_\_. *Vukápanavo Vamos para a frente. Cuiabá: SIL, 1995. (mimeo).*

\_\_\_\_\_. *Aprenda Terêna. v. 1. Brasília, DF: Summer Institute of Linguistics, 1979.*

\_\_\_\_\_. *Víhikaxovope yúhoikopea ûti vemó'u - Cartilha para aprender a ler em nossa língua. Cuiabá : SIL, 1994. 69 p. (Cartilha de Transição do Português para Terena). Circulação restrita.*

\_\_\_\_\_. *Vukápanavo 1, 2, 3 - Vamos para frente 1, 2, 3. Cuiabá : SIL, 1995. 36, 48 e 56 p. (Livros de Apoio na Língua Terena). Circulação restrita.*

EKDAHL, M. 1969. *Terena dictionary. Brasília: SIL-AL 95.*

\_\_\_\_\_ - J. E. Grimes 1964. *Terena verb inflection. IJAL 30: 261-268.*

EKDAHL, E. M. et al. *Emo'u Itukó'oviti - O novo testamento na língua Terena. s.l. : Liga Bíblica do Brasil, 1994. 558 p. Circulação restrita.*

FERREIRA NETTO, W.; ARAÚJO, E. *A língua Terena nas comunidades localizadas no município de Miranda, MS*. São Paulo: USP, [s.d]. (Trabalho apresentado no GEL em 1997).

FRANCISCO, C. dos S.; FRANCISCO, M. A. *Pequeno dicionário da língua Terena Vemo'U : dicionário aruak-português para I e II graus*. Campo Grande : Ruy Barbosa, 1997. 36 p.

GARCIA, M.S. *Uma análise tipologia sociolingüística na comunidade indígena Terena de Ipegue: extinção e resistência*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2007. (Tese de Doutorado).

KIETZMAN, D. *Tendências de ordem lexical da aculturação lingüística em Terêna*. *Revista de Antropologia*. São Paulo: FFLCH, USP, v. 6, n. 1, 1958.

LADEIRA, M. E. M. *Língua e história : análise sociolingüística em um grupo Terena*. São Paulo : USP, 2001. 179 p. (Tese de Doutorado)

\_\_\_\_\_. et al. *Uma radiografia da língua Terena no município de Miranda : uma análise sociolingüística*. São Paulo : CTI, 1998.

\_\_\_\_\_. *Uma radiografia da língua Terêna no município de Miranda-MS: uma análise sociolingüística*. 1999a (ms.).

\_\_\_\_\_. *O uso da língua Terêna segundo uma análise macrosociolingüística*. ANPOCS, 1999b. <http://www.trabalhoindigenista.org.br/papers.asp>

PAL, D. C. *Pesquisa sociolingüística em áreas indígenas de língua Terêna*. Relatório de Pesquisa. São Paulo: USP, 1997. (mimeo).

PRADO, A. P. do. *Letramento entre os Terena: inserção ou resistência?* Dissertação de Mestrado do Instituto de Letras. Brasília: UnB, 2005.

REIS, J. F. D. *O conflito diglossico Português-Terena em Limão Verde: um estudo de sociolingüística indígena*. 1990, 124 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 1990.

TOURVILLE, J. *The nasal morpheme of terena*. In: *Licensing and the representation of floating nasals*. PHD, McGill. University: Canadá, 1991.

## Sobre o povo Terena

ABREU JÚNIOR, A. D. de. Percepção do risco a contaminação pela AIDS em índios Terena desaldeados, no bairro Guanandi, em Campo Grande-MS : uma proposta para educação sanitária. Campo Grande : s.ed., 1993. 63 p.

ACCOLINI, G. *Terena: adoção de um novo mito*. São Paulo : PUC, 1996. 97 p. (Dissertação de Mestrado)

\_\_\_\_\_. *Protestantismo à moda Terena*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2004.

AGUIAR, J. I. Enfermidades degenerativas entre os Terena de Mato Grosso do Sul : uma abordagem de aspectos ligados ao diabetes tipo II e fatores correlacionados. In: SEMINÁRIO SOBRE ALCOOLISMO E DST/AIDS ENTRE OS POVOS INDÍGENAS DA MACRORREGIÃO SUL, SUDESTE E MATO GROSSO DO SUL. Anais. Brasília : Ministério da Saúde, 2001. p. 77-82. (Seminários e Congressos, 4)

AGUIRRE, J. F. Etnografia del Chaco. Boletín del Instituto Geográfico Argentino, Buenos Aires : Instituto Geográfico Argentino, v. 19, 1898.

ALMEIDA SERRA, R. F. de. Extracto da descrição geográfica da província de Mato Grosso em 1797. Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, de 31 de janeiro de 1800: 156-96.

ALVES, G. M. dos S. Estado nutricional, absorção e tolerância à lactose e sobre crescimento bacteriano no intestino delgado de crianças índias Terena - Mato Grosso do Sul. São Paulo : Unifesp/EPM, 1998. (Tese de Doutorado)

AZANHA, G. Relatório antropológico para a redefinição dos limites da Terra Indígena Buriti - Portaria 1.155/Pres/Funai. Brasília : s.ed., 2001. 112 p.

\_\_\_\_\_. Relatório circunstanciado com vistas ao reestudo dos limites das Als Cachoeirinha, Taunay-Ipegue e Buriti. São Paulo : Funai, abr. 2000. 95 p.

\_\_\_\_\_. *Relatórios de trabalho/ Os Terêna*. São Paulo: CTI, 1986-1998..

\_\_\_\_\_. *As Terras Indígenas Terêna no Mato Grosso do Sul* (ms.), 2004.

AZANHA, G.; TOMIOKA, M.; REZENDE, R. *Documento-base para discussão no seminário 22 a 25 de março de 1999. Miranda (MS)*. Brasília: CTI, 1999. Disponível em: <<http://www.trabalhoindigenista.org.br/projetos/terena/indice.asp>> e <[http://www.trabalhoindigenista.org.br/projetos/terena/sistemas\\_producao.asp](http://www.trabalhoindigenista.org.br/projetos/terena/sistemas_producao.asp)>.

AZARA, F. *Descripcion y historia del Paraguay y del Rio de La Plata*. Buenos Aires: Edições Bajel. (1990 [1809])

BACH, J. Datos sobre los indios Terenas de Miranda. *ASCA*, 1916, 82: 87-94.

BALDUS, H. Tereno-Texte. *Anthropos*, 1937, 32: 528-544.

\_\_\_\_\_. Lendas dos índios Terena. *Revista do Museu Paulista*. Nova série, n. 4., São Paulo, 1950, p. 217-232.

\_\_\_\_\_. A sucessão hereditária do chefe entre os Tereno. In: -----. *Ensaio de etnologia brasileira*. São Paulo : Ed. Nacional ; Brasília : INL, 1979. p. 34-43. (Brasiliense, 101)

\_\_\_\_\_. Textos Terêna. *Terra Indígena VII/55*. Araraquara: UNESP, 1990.

BASTOS, U. A. Expansão territorial do Brasil Colônia no Vale do Paraguai (1767-1801). *Boletim do Depto de História*, nº 4, n.s., 1979. São Paulo USP/FFLCH, 1979.

BITTENCOURT, C.; LADEIRA M. E. *A história do povo Terêna*. São Paulo: MEC-SEF-USP/ CTI, 2000.

CABRAL, P.E. *Educação escolar indígena em Mato Grosso do Sul: algumas reflexões*. Campo Grande, MS, 2002.

CARVALHO, E. de A.. *As alternativas dos vencidos : índios Terena no estado de São Paulo*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979. 136 p. (Estudos Brasileiros, 33). Originalmente Tese de Doutorado na Faculdade de Filosofia de Rio Claro de 1974.

CARVALHO, F.. *A Koixomuneti e outros curadores : xamanismo e práticas de cura entre os Terena*. São Paulo : USP, 1996. (Dissertação de Mestrado)

CARVALHO, R. F. de. Subsídios para a compreensão da educação escolar indígena Terena do Mato Grosso do Sul. Santa Maria : UFSM, 1995. 133 p. (Dissertação de Mestrado)

CARVALHO, S. M. S.; CARVALHO, F.; GALAN, M. C. *Bibliografia crítica dos povos Aruák de Mato Grosso do Sul e do Grande Chaco*. São Paulo: Terceira Margem, 2001.

CARVALHO, L. T. de 1999. *The shaman and the missionary: worldview construction among the Terena.(Brazil)*. Ph.D. diss, Fuller Theological Seminary, School of World Mission.

\_\_\_\_\_ - R. T. J. Terena. En: J. Wilbert (ed.): 324-327, 1994.

CARVALHO, S. M.S. Chaco: encruzilhada de povos e “melting pot” cultural, suas relações com a bacia do Paraná e o Sul mato-grossense. En: M.C. da Cunha (ed.), *História dos Índios no Brasil: 457-474*. São Paulo: Companhia das Letras/ FAPESP, 1992.

CASTELNAU, F. Expedições às regiões centrais da América do Sul. Rio de Janeiro : Cia. Ed. Nacional, 1949. (Brasiliana, 266).

CORRÊA, L. S. A fronteira indígena no Sul de Mato Grosso – século XIX. *Revista Tellus*, 2/2: 155- 169. Campo Grande, 2002.

COSTA, M. de F. *História de um país inexistente. O Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo: Estação Liberdade/ Kosmos,1999.

DINIZ, E. S. Uma reserva indígena no Centro-Oeste paulista. : aspectos das relações interétnicas e intertribais. São Paulo : Museu Paulista, 1978. 158 p. (Coleção Museu Paulista, Série de Etnologia, 3)

ELLIOT, J. H. Itinerário das viagens exploradoras empreendidas pelo senhor Barão de Antonina para descobrir uma via de comunicação ... . Rev. Trimestral de História e Geografia, Rio de Janeiro : s.ed., v.10, 1848.

FARENCENA, E. C. dos S. B. *As lendas Terena: discurso e identidade*. Dissertação de Mestrado do Instituto de Letras. Brasília: UnB, 2005.

FERNANDES Jr., J. R. *Da aldeia do campo para a aldeia da cidade: implicações socioeconômicas e educacionais no êxodo dos índios Terena para o perímetro urbano de Campo Grande, MS. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 1997.*

FERREIRA, A. C. *Mudança cultural e afirmação identitária : a antropologia, os Terena e o debate sobre aculturação. Rio de Janeiro : Museu Nacional, 2002. (Dissertação de Mestrado)*

FERREIRA, M. K. L. *Conhecimentos matemáticos de povos indígenas de São Paulo. In: SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal, orgs. Práticas pedagógicas na escola indígena. São Paulo : Global, 2001. p.211-35. (Antropologia e Educação)*

FLORENCE, H. *Viagem fluvial, do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829. São Paulo : Edusp/Cultrix, 1977.*

FUNAI/ SIL 1993. *Kálihunoe exetínati. Pequenas estórias. Campo Grande: FUNAI/ SIL.*

GALAN, M. C. da S. *As Terena. São Paulo : PUC-SP, 1994. 148 p. (Dissertação de Mestrado)*

GUTMAN, C. R. S.. *O índio Terena urbanizado : as diferenças culturais e as questões de saúde bucal - uma proposta diferenciada. Campo Grande : s.ed., 1993. 69 p.*

ISSAC, P. A. M. *Terena de Mato Grosso. Da expropriação à periferia da cidade. Terra Indígena, Ano XV, No. 81: 108-142. Araraquara: CEIMAM/ UNESP, 2000.*

JARDIM, R. J. G. *Creação da Directoria dos Índios na província de Matto Grosso – officio dirigido ao Governo Imperial. Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, I trimestre de 1847.*

KÁLIHUNOE exetínati - Pequenas estórias. Campo Grande : Funai ; SIL, 1993. 48 p. (Livro de Leitura Terena). Circulação restrita.

*KALI KOPENOTI YOKO KAMONÁ.* Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, Secretaria de Estado de Educação.

LACERDA, M. Linhares de. Tratado das terras do Brasil. v. 4. São Paulo : Alba, 1962.

LADEIRA, M. E. M. (Coord.). A terra dos Terena : manual de educação ambiental para a Terra Indígena de Cachoeirinha. São Paulo : CTI, 1999. 37 p.

LEITÃO, R.M. Escola, Identidade Étnica e Cidadania: comparando experiências e discursos de professores Terena (Brasil) e Purhépecha(México). Brasília: Universidade de Brasília, 2005. Tese de Doutorado.

LEVERGER, A. Roteiro da navegação do rio Paraguay desde a foz do São Lourenço até o Paraná. Rev. Trimestral do Inst. Histórico, Geográfico e Ethnográfico do Brasil, Rio de Janeiro, v.25, ns. 211-284, 1862.

\_\_\_\_\_. *Diário do reconhecimento do rio Paraguay – desde a cidade de Assumpção, até o rio Paraná*. Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, II trimestre de 1862.

LIMA, M. G. de et al. Fatores de risco para câncer de mama em mulheres indígenas Terena de área rural, estado do Mato Grosso do Sul, Brasil. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro : Fiocruz, v. 17, n. 6, p. 1537-44, nov./dez. 2001.

LOPES, M.M.; SILVA, R. F. V. Formação de pesquisadores índios e método histórico : uma experiência no Icatu. In: SILVA, Aracy Lopes da;

FERREIRA, M. K.I L., orgs. Práticas pedagógicas na escola indígena. São Paulo : Global, 2001. p.161-184. (Antropologia e Educação)

MANGOLIM, O. *Povos indígenas no Mato Grosso do Sul: viveremos por mais 500 anos*. Campo Grande:CIMI-MS, 1993.

MARTINS, G. R. *Breve painel etno-histórico de Mato Grosso do Sul (2ª edição)*. Campo Grande:COMPED/ INEP/ UFMS, 2002.

MEDEIROS, S.(ed.). *Alfredo D'Escragnolle Taunay. Irecê a Guaná seguido de Os Índios do Distrito de Miranda*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

MOURA, N. S. P. UNIEDAS: o símbolo da apropriação do protestantismo norteamericano pelos Terena (1972-1993). Campo Grande: MS. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2001. Dissertação de Mestrado.

\_\_\_\_\_. Os Terena e a UNIEDAS. In: Robin M. Wright. (Org.). Transformando os deuses (V. II). 01 ed. Campinas: UNICAMP, 2004. v. II, p. 398-430.

METRAUX, Alfred (1946) Ethnography of the Chaco. In: STEWARD, J. H. (Editor) *Handbook of South American Indians*. Washington: Government Printing Office, 197 – 370.

MELATTI, J. C. Chaco. Índios da América do Sul: áreas etnográficas. Cap. 26. Disponível em: < [www.geocities.com/juliomelatti/ias20-27/26chaco.htm?20041](http://www.geocities.com/juliomelatti/ias20-27/26chaco.htm?20041)>.

\_\_\_\_\_. Índios do Brasil. São Paulo:HUCITEC, 1993.

NILSSON, M. T.; REZENDE, R.. A terra dos Terena : manual de educação ambiental para a Terra Indígena de Cachoeirinha. São Paulo : CTI, 1999. 37 p.

NORDER, L. A. C. Os Aruák no Mato Grosso : trabalho e conflito (1848-1873). Terra Indígena, Araraquara : Centro de Estudos Indígenas, v. 11, n. 70, p. 26-31, jan./mar. 1994.

NINCAO, O. S. *Representações de professores indígenas sobre o ensino da língua Terena na escola*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2003.

\_\_\_\_\_. Kohó yoko hovôvo/ O tuiuí e o sapo: identidade, biletamento e política lingüística na formação continuada de professores Terena. Capinas: IEL/Unicamp, 2008. (Tese de doutoramento).

OBBERG, Kalervo. Terêna social organization and law. AA L/2, 1948.

\_\_\_\_\_. *The Terena and the Caduveo of Southern Mato Grosso, Brazil*. Smithsonian Institution. Institute of Social Anthropology. Publication N:º 9. Washington, 1949.

\_\_\_\_\_. A economia Terêna no Chaco. *Terra Indígena VII/55*. Araraquara: UNESP, 1990 [1949].

OLIVEIRA, J. E. de. A história indígena em Mato Grosso do Sul, Brasil: dilemas e perspectivas. *Territórios e Fronteiras*, 2/2: 115-124. Cuiabá, 2001.

\_\_\_\_\_. – L. M. P.. *Perícia antropológica, arqueológica e histórica da área reivindicada pelos Terena para a ampliação dos limites da Terra Indígena Buriti, Municípios de Sidrolândia e Dois Irmãos do Buriti, Mato Grosso do Sul, Brasil*. Dourados, 2003 (ms.)

\_\_\_\_\_. *“Duas no pé e uma na bunda”*: da participação Terena na guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança à luta pela ampliação dos limites da Terra Indígena Buriti, 2005 (ms.)

OLIVEIRA, R. C. de . Bibliografia crítica terena. *Boletim Terra Indígena* 34/35. Araraquara: Departamento de Antropologia. Universidade de São Paulo, 1985.

\_\_\_\_\_. *Os diários e suas margens: viagem aos territórios Terêna e Tükúna*. Brasília: UnB, 2002.

\_\_\_\_\_. Preliminares de uma pesquisa sobre a assimilação dos Terena. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 5, n. 2, 1957

\_\_\_\_\_. *Urbanização e tribalismo: a integração dos índios Terêna numa sociedade de classes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

\_\_\_\_\_. *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terena*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976a.

\_\_\_\_\_. *Caminhos da Identidade – Ensaio sobre etnicidade em multiculturalismo*. São Paulo: Editora Unesp; Brasília, 2006.

\_\_\_\_\_. Aspectos demográficos e ecológicos de uma comunidade Terena. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro : Museu Nacional, v.18, 25 p., set. 1958.

\_\_\_\_\_. *Do índio ao bugre*. Rio de Janeiro : Francisco Alves Ed., 1976. (Ciências Sociais).

\_\_\_\_\_. Dualismo Terêna. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Enigmas e soluções : exercícios de etnologia e de crítica. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro ; Fortaleza : UFCE, 1983. p. 76-83. (Biblioteca Tempo Universitário, 68)

\_\_\_\_\_. Matrimônio e solidariedade tribal Terêna. In: ----- . Enigmas e soluções : exercícios de etnologia e de crítica. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro ; Fortaleza : UFCE, 1983. p. 31-53. (Biblioteca Tempo Universitário, 68)  
Publicado também em Revista de Antropologia, São Paulo : USP, v.7, n.1/2, 1959.

\_\_\_\_\_. O processo de assimilação dos Terena. Rio de Janeiro : Francisco Alves Ed., 1976. 152 p.

PRADO, F. R. do. História dos índios cavaleiros ou da nação Guaicuru. Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, v. II, 1840.

RANGEL, L. H. V.. Vida em reserva : três comunidades indígenas de São Paulo. São Paulo : PUC-SP, 1979. 93 p. (Dissertação de Mestrado)

REIMÃO, R.; SOUZA, J. C.. Sono do indígena Terena. Campo Grande : Universidade Católica Dom Bosco, 2000. 60 p.

RESINA JR. *Da aldeia de campo para a aldeia da cidade: implicações sócio-econômicas e educacionais no Êxodo dos Índios Terêna para o perímetro urbano de Campo Grande-MS*. Dissertação de Mestrado. Campo Grande, MS: UCDB/ CESUS/ SOCIGRAN, 1997.

REZENDE, R. A. *Censo populacional da A.I. Cachoerinha*. Relatório do CTI. São Paulo: CTI, 1997. (mimeo).

RIBAS, D. L. B.. Saúde e nutrição de criança indígena Terena, Mato Grosso do Sul, Brasil. São Paulo : USP, 2001. 201 p. (Tese de Doutorado)

\_\_\_\_\_. et al. Nutrição e saúde infantil em uma comunidade indígena Terena, Mato Grosso do Sul, Brasil. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro : Fiocruz, v. 17, n. 2, p. 323-32, mar./abr. 2001.

JÚNIOR; SANTOS, R. V.; ESCOBAR, A. L. (Orgs.). Epidemiologia e saúde dos povos indígenas no Brasil. Rio de Janeiro : Fiocruz/Abrasco, 2003. p.73-88.

ROHDE, R.. Einige Notizen über den Indianerstammen der Tereno. *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde*, XX, 1885.

\_\_\_\_\_. Algumas notícias sobre a tribo indígena dos Terenos. *Terra Indígena VII/55: 20-39*. Araraquara: UNESP, 1990 [1885]..

SCHMIDT, M. Die Aruaken. Ein Beitrag zum Problem der Kulturverbreitung. En: A. Vierkandt (ed.), *Studien zur Ethnologie und Soziologie, Heft. 1*. Leipzig, 1917 (?)..

SCHUCH, M. E. Jardim. Missões capuchinhas entre os Guaná sul-mato-grossenses. *Estudos Leopoldenses*, 30: 89-131. São Leopoldo, 1988.

\_\_\_\_\_. *Xaray e Chané. Índios frente à expansão espanhola e portuguesa no Alto-Paraguai*. Dissertação de Mestrado em História. São Leopoldo: UNISINOS, 1995.

SERRA, R. F. de A. 1866. Parecer sobre o aldeamento dos índios Uaicurús e Guanás, com a descrição dos seus usos, religião, estabilidade e costumes. *RIHGB VII, 1866*.

\_\_\_\_\_. Continuação do parecer sobre os índios Uaicurús, Guanás, etc. *RIHGB XIII, 1869*.

SILVA, M. J. da (ed.). *Levantamento de plantas medicinais utilizadas pela população indígena de Campo Grande da etnia Terêna*. Campo Grande, MS: UCDB, 2001. (ms.)

SILVA, V. C. da. *Missão, aldeamento e cidade. Os Guaná entre Albuquerque e Cuiabá (1819-1901)*. Dissertação de Mestrado. Cuiabá, MT: UFMG, 2001.

SOUZA, S. B. de. *Cultura e memória entre os Índios Terena: conflitos, transformações e preservação*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, Instituto de Psicologia, 2002.

SÁNCHEZ LABRADOR, J. *El Paraguay Catolico*. Buenos Aires : Ed. Hermanos, 1910.

SCHMIDEL, U. *Viaje al Rio de la Plata*. Buenos Aires : Emecé Editores, 1945.

SEMINÁRIO SOBRE ALCOOLISMO E DST/AIDS ENTRE OS POVOS INDÍGENAS DA MACRORREGIÃO SUL, SUDESTE E MATO GROSSO DO SUL. Anais. Brasília : Ministério da Saúde, 2001. 200 p. (Seminários e Congressos, 4)

SERRA, R. F. A. Parecer sobre o aldeamento dos índios Uaicurus e Guanás, com a descrição dos seus usos, religião, estabilidade e costumes. Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 7, 1845.

SILVA, F. A. Mudança cultural dos Terena. Rev. do Museu Paulista, São Paulo : Museu Paulista, v. 3, n.s., p. 271-380, separata, 1949.

\_\_\_\_\_. Religião Terena. In: SCHADEN, Egon. Leituras de etnologia brasileira. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1976. p. 268-76.

SOUZA, J. A. de. Percepções sobre saúde, doença e suas implicações na implantação em projetos de prevenção : o caso Terena. In: SEMINÁRIO SOBRE CULTURA, SAÚDE E DOENÇA (2003:Londrina, PR). Anais. Londrina : Funasa, 2003. p.66-75.

\_\_\_\_\_. AGUIAR, J. I. Alcoolismo em população Terena no estado de Mato Grosso do Sul : impacto da sociedade envolvente. In: SEMINÁRIO SOBRE ALCOOLISMO E DST/AIDS ENTRE OS POVOS INDÍGENAS DA MACRORREGIÃO SUL, SUDESTE E MATO GROSSO DO SUL. Anais. Brasília : Ministério da Saúde, 2001. p. 149-66. (Seminários e Congressos, 4)

SOUZA, S. C. *Mulheres Terena: história e cotidiano*. São Paulo : PUC, 2000. 87 p. (Dissertação de Mestrado)

SANCHES, E. P.. A chegada do Protestantismo entre os Terena. Campo Grande: MS. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2003. (Monografia de Especialização).

SCHMIDT, M. Os Aruaques. Uma contribuição ao estudo do problema da difusão cultural. Tradução de autoria desconhecida, proveniente do Museu Nacional, RJ, datilografada em papel timbrado do Ministério da Agricultura, do original: Die Aruaken. Ein Beitrag zum Problem der Kulturverbreitung. Studien zur Ethnologie und Soziologie, herausgegeben von A. Vierkandt, Helf 1, Leipzig, 1917.

SCHADEN, E. O dualismo Terena. In: SCHADEN, E. (Org.). *Leituras de etnologia brasileira*. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1976c. p. 186-192.

SANT'ANA, G. R. *A dinâmica do associativismo Terena no espaço urbano*. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2004.

SOUZA, S. B. *Cultura e memória entre os índios Terena*. 2002. Dissertação (Mestrado) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

TAUNAY, A. D. *Memórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército – Editora, 1960.

\_\_\_\_\_. *Entre nossos índios Chanés, Terenas, Kinikinaus, Laianas, Guatós, Guaycurús, Caingangos*. São Paulo: Melhoramentos, 1940.

VARGAS, V. L. F. *A construção do território indígena Terena (1870-1966): uma sociedade entre a imposição e a opção*. Dissertação de Mestrado. Dourados: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2003.

VASCONCELOS, C. A. 1995. *A questão indígena na Província de Mato Grosso: Conflito, trama e continuidade*. Tese de doutorado em História Social. São Paulo: USP.

<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/terena/1677>

[http://www.trilhasdeconhecimentos.etc.br/mato\\_grosso\\_do\\_sul/terena.htm](http://www.trilhasdeconhecimentos.etc.br/mato_grosso_do_sul/terena.htm)

[www.indio.info.br](http://www.indio.info.br)

[www.minerva.ufrj.br](http://www.minerva.ufrj.br)

[www.trabalhoindigenista.org.br](http://www.trabalhoindigenista.org.br)

### **Sobre línguas indígenas:**

ADELAAR, W. F. H. La diversidad lingüística y la extinción de las lenguas. In: QUEIXALÓS, F. e RENAULT, Lescure. (orgs). *As línguas amazônicas hoje*, pp.29-36. Instituto Socioambiental. São Paulo, 2000.

AIKHENVALD, A. Y. *Dicionário Tariana-Português/Português-Tariana*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia. Vol.17, Belém-Pará, julho de 2001.

CÂMARA Jr., J. MATTOSO. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Ao livro técnico, Rio de Janeiro, 1979.

FABRE, A. Dicionario etnolinguistico y guia bibliográfico de los pueblos indígenas sudamericanos. Disponível no endereço <http://butler.cc.tut.fi/~fabre/BookInternetVersio/Dic=Arawak.pdf> acessado em 05/06/2007

FRANCHETT, B. O trabalho dos lingüistas. Disponível no site: [www.socioambiental.org](http://www.socioambiental.org) acessado em 19/01/2007.

GRUPIONI, L. D. (org.). *Formação de professores indígenas: repensando trajetórias*. Brasília: MEC/SECAD, 2006.

ISA. Instituto Socioambiental. Povos indígenas no Brasil, 2006. Disponível no site: [www.socioambiental.org](http://www.socioambiental.org) acessado em 19/01/2007.

MORI, A. C. Aspectos técnicos e políticos na definição de ortografia em línguas indígenas. In: D'ANGELIS, W.; VEIGA, J. (org). *Leitura e escrita em escolar indígena*. 10 COLE, Campinas: Mercado das letras, 1997.

SAILDIP. *Projeto de documentação das línguas indígenas da América do Sul*, 1987.

SOARES, M. F. Aspectos lineares e não-lineares de línguas indígenas brasileiras. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 31, n. 2, 1996. pp. 77-95.

WETZELS, L. *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1995.

### **Sobre fonética e fonologia:**

ABAURRE, M. B.M. e WETZELS, W.L. Sobre a estrutura da gramática fonológica. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, v. 23, pp. 5-18. Campinas, 1992.

BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, v. 5, n. 2. p.185-224, 1989.

\_\_\_\_\_. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUC, 1996.

CAGLIARI, L.C. O modelo fonológico de geometria de traços. In: *Estudos lingüísticos*. XXIV Anais do seminário do GEL. São Paulo: GEL pp. 92-7., 1993

\_\_\_\_\_. *Elementos de fonética do português brasileiro*. São Paulo: Paulistana, 2007.

\_\_\_\_\_. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fônico*. Campinas, SP, Mercado das letras, 2002.

\_\_\_\_\_ e CAGLIARI, G. Fonética. In: MUSSALIM, F e BENTES, A.C. (orgs). *Introdução a lingüística II: princípios de análise*. 3 ed. São Paulo: contexto, 2004.

CÂMARA Jr., J. MATTOSO. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: livraria editora, ltd, 1979

CAVALIERI, R. *Pontos essenciais em fonética e fonologia*. Rio de Janeiro. Lucerna, 2005.

CRYSTAL, D. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

DUBOIS, J. et alli. *Dicionário de lingüística*. 5. ed. São Paulo: Cutrix, 1998.

FERREIRA NETTO, W. *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. São Paulo: Hedra, 2001.

GLEASON, H. A. Jr. *Introdução à lingüística descritiva*. Fundação Caloust Gulbenkian. Lisboa, 1978.

HALLE, M. Conceito básicos da fonologia. In: LEMLE, Miriam e LEITE, Yonne. *Novas perspectivas lingüísticas*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1973.

JAKOBSON, R. *Fonema e fonologia: ensaios*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1967.

KINDELL, G. E. *Guia de Análise Fonológica*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

\_\_\_\_\_. *Manual de exercícios para a análise fonológica*. Brasília: Summer Institute of Linguistics. 1981

LEPSCHY, G. C. *A lingüística estrutural*. São Paulo: ed. Da USP e Ed. Perspectiva, 1971.(série estudo.)

MAIA, E. M. *No reino da fala: a linguagem e seus sons*. São Paulo: Ática, 1991.

MARTINET, A. *La Lingüística sincrónica. Estudios e investigaciones*. Madrid: Gredos, 1968. [Trad. esp. do orig.: *La Linguistique synchronique. Études et recherches*. Paris: Presses Universitaires de France, 1965.

MORI, A. C. Fonologia. . In: MUSSALIM, F e BENTES, A.C. (orgs). *Introdução à lingüística II: princípios de análise*. 3 ed. São Paulo: contexto, 2004.

SAPIR, E., A realidade psicológica dos fonemas. In: Dascal M. (org.) *Fundamentos metodológicos da lingüística*. V. II. Fonologia e sintaxe. Campinas, Ed. do Org, 1981.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. *Exercícios de fonética e fonologia*. São Paulo: contexto, 2003.

SIMÕES, D. *Considerações sobre a fala e a escrita: a fonologia em nova chave*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

TROUBETZKOY, N.S. *Principes de Phonologie*. Paris, Ed. Klincksieck, 1970.

\_\_\_\_\_. A Fonologia Atual. In: Dascal M. (org.) *Fundamentos metodológicos da lingüística*. V. II. Fonologia e sintaxe. Campinas, Ed. do Org, 1981.

WEISS, H. E. *Fonética articulatória: guia e exercícios*. 3 ed. Brasília, DF, SIL, 1988.

**Lista diagnóstica léxico-estatística (Morris Swadesh)  
[para levantamentos e comparações de línguas indígenas]**

eu	pé
tu	mão
nós	barriga
estes	pescoço
aquele	seio
quem?	coração
que[coisa]?	beber
não	comer
todos	morder
muitos	ver
um	ouvir
dois	saber
grande	dormir
comprido	morrer
pequeno	matar
mulher	nadar
homem	voar
gente/pessoa	andar
peixe	vir
pássaro/ave	deitado
cachorro	sentado
piolho	depé
árvore	dar
semente	dizer
folha	sol
raiz	lua
casca[deárvore]	estrela
pele	água
carne	chuva
sangue	pedra
osso	areia
gordura	terra
ovo	nuvem
chifre	fumaça
rabo	fogo
pena	cinza
cabelo	queimar
cabeça	caminho
orelha	serra
olho	vermelho
nariz	verde
boca	branco
dente	amarelo
língua	preto
unha	noite

quente  
frio  
cheio  
novo  
bom  
redondo  
seco  
nome  
vós  
ele  
eles  
como?  
quando?  
onde  
aqui  
ali  
outro  
três  
quatro  
cinco  
poucos  
céu  
dia  
vento  
correr  
mar  
lago  
rio  
molhado  
lavar  
cobra  
verme/larva  
costa[s]  
perna  
braço  
asa  
lábio  
pêlo  
umbigo  
tripas  
saliva  
leite  
fruta/o  
flor  
erva  
com  
se  
vamos  
em  
mãe

para

casa  
casa

pai  
marido  
esposa  
sal  
gelo  
menino  
escuro  
cortar  
largo  
estreito  
longe  
perto  
grosso  
fino  
curto  
pesado  
embotado  
peludo  
sujo  
mau  
podre  
liso  
reto  
correto  
esquerdo  
direito  
velho  
raspar  
puxar  
empurrar  
jogar/atirar  
bater  
rachar  
furar  
cavar  
amarrar  
coser/costurar  
cair  
inchar  
pensar  
cantar  
cheirar  
vomitar  
chupar  
soprar  
temer  
apertar  
segurar  
embaixo  
em

cima

maduro  
pó/poeira  
vivo

corda  
ano

**Fonte:** Cit. em SILVA, Alcionílio B. A. da. *Discoteca etnolingüístico-musical das tribos dos rios Uaupés, Içana e Cauaburi*. São Paulo: [Salesianos?], 1961. Disponível no site: <http://www.indios.info/>

**Formulário do vocabulário-padrão  
para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras  
(Museu Nacional do Rio de Janeiro)**

água	corda
amarelo	correr (fazer)
pedra amarela	costas
anta	criança (menino)
arco	dedo
árvore	dedo grande
ave	dente
azul	dia
banhar-se/lavar-se	dormir
barriga	ele
bebê indígena	ele é bom
beber	ela
bebo	eles
fazer beber	elas
boca	este
minha boca	esta
bom	estrela
ele é bom	eu
o olho é bom	faça
vocês são bons	facão
branco	fígado
pedra branca	flecha
buraco	fogo
cabeça	fogo para o cigarro (dê-me)
a cabeça é redonda	fruta
cabelo	fumaça
cabelo branco	fumo (tabaco)
o cabelo é preto	fumando
cachorro	furar (buraco)
caminho	pedra furada
capim	ele furou a orelha
capim	homem
carne	homem velho
carne de boi	jacaré
carne de porco	joelho
casa	o joelho está mau
céu	lagoa
chão	pequena lagoa
chifre	limpo
chuva	língua
está chovendo	lua
cinza(s)	lua cheia
cobra	lua nova
(ele está) coçando (a perna)	macaco
comer (fazer)	macaco grande
(o pescoço é) comprido	machado
coração	mãe

mandioca  
comida feita da mandioca  
farinha de mandioca  
mandioca numa bola (para guardar)  
manipueira de mandioca  
mão  
mar  
matar  
mau  
menina  
menino  
milho  
milho verde  
moça  
moça velha  
morrer  
morto (defunto)  
muitas  
muitas cabeças  
mulher  
não  
não (mentira)  
nariz  
meu nariz  
nossos narizes (meu e seu)  
seu nariz (de você)  
seu nariz (dele)  
noite  
noite clara  
noite sem luar  
nós  
nosso  
nuvem  
olho  
o olho é bom  
onça  
orelha  
ele furou a orelha  
osso  
ovo  
pai  
meu pai  
panela  
panela de barro  
papagaio  
pau

pé  
pé de bode  
pedra  
pedra amarela  
pedra branca  
pedra furada  
pedra preta  
peito  
peixe  
pele  
pena/pluma  
pequeno  
perna  
perna fina  
pescoço  
pessoa  
pessoa ruim  
pessoa suja  
piolho  
poucos piolhos  
preto  
preta  
o cabelo é preto  
rabo  
redondo  
a cabeça é redonda  
rio  
rio cheio  
rir  
sal  
sangue  
seco  
a terra é seca  
semente  
sol  
o sol está quente  
sujo  
terra  
velho  
homem velho  
moça velha  
vem cá  
vento  
verde  
vós (vocês)  
vocês são bons

**Fonte:** Lista extraída de MEADER, R. E. *Índios do Nordeste : levantamento sobre os remanescentes tribais do Nordeste brasileiro*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1978. Disponível no site: <http://www.indios.info/>

## Vocabulário Terena

ámori	netos	kotu	ordenhar, tirar leite
ápee	existir	kótuti	está quente
árunoe	moça	kútea	ser como, igual a
asa	frio	laka	molhado
átoa	seiva	lapa	leve
êhho	prêmio	lapâpe	pão de mandioca
êno	ser muito	ma'a	descascar
eop	sentir	manene	estreito
epe	pedir	mare	tirar
epó'e	bola	matutu	cilíndrico
e'sa'i	preço	mita	cair
êxe	tampa	miti	cego
hami	polido	mituti	colher
hana	grande	mixa	rasgar, romper
harara	vermelho	miye	estirar, estender
keho	quebrar	mohi	atirar, jogar
heu	tudo	mókere	surdo
keyo	torcer-se	momi	cansado
hhe	tirar, remover	momo	ver
hhepi	caro	mure	queimar
hhêve	pés /	mote	pegajoso
hí'e	grama, relva	movo	seco
hirere	alinhar	muya	fraco
hiy	dançar	muyu	podre
ho'i	fugir	namu	receber
hoko	deixar cair	nîka	comida
hô'o	suco	noko	necessidade
hóvenoeno	velhinha	pahu	mandar
ikoko	pendurar	pasi	espremer
im	pôr, colocar	paya	maduro
îma	marido dela	pêyo	animal doméstico, estimação
imo	dormir	pih	ir
ípara	presentes	pik	temer
îpi	tela metálica	piru	mover-se
ipíxa	remédio	pu	gordo
ípovo	roupas	sasa	limpo
is	cavar com enxada	sayu	deformar
isu	matar	seme	insosso
ítuke	trabalho	suva	amargo
ivu'i	cavalgar	otu	quente
kam	ouvir	taru'u	atravessar
kanêti	verme	tetu	cortar
kásati	está frio	tipa	espremer
kayu	voltar	tomi	pingar
keho	quebrar	tono	verde, não maduro
keyo	torcer-se	tuvo	mexer
kôe	estar	uhha	tudo, todo, toda

ulala orgulhoso  
upeno profundo  
upori coisa  
varere rasgar, romper  
vata sentar /  
vayu flexível  
voho esmagar

xemek rápido  
xuna, xúnati forte  
yékoteeno velhinho  
yêno esposa  
yon viajar  
yóti noite

**Fonte:** BUTLER, Nancy E. (ILV). Sudoeste do Mato Grosso do Sul em Aquidauana e Miranda e no estado de São Paulo no posto Araribá. Gr. Equatorial - Arawake - Maipure, Sul, Bolívia-Paraná.<[Colaboração de Victor A. Petrucci (ver links).] Disponível no site: <http://www.indios.info/>

## DADOS DA DISSERTAÇÃO

1. Amanhã [i'ha:rɔti]
2. Anhuma [ta'ʔa]
3. Arancua [va'ra:ka]
4. Aranha ['vahaha]
5. Arara [pa'ra:wa]
6. Arroz [na'kaku]
7. Arvore [ti'kɔti]
8. Asa ['kɛ:vi]
9. Assassino [kɔɛ'pɛkɔti]
10. Atrás da casa [aka'pɛti]
11. Avô de ati (irmão menor) [ɔʃu 'a:ti]
12. Avó dele ['ɔ:se]
13. Avô dele ['ɔ:ʃu]
14. Barriga de alguém [hu'ra:ti]
15. Barriga dele ['hu:ra]
16. Batata doce [kɔ'ɛ:]
17. Bêbado [kɔ'huhiti]
18. Bebida da vovó [ɛka 'mɛ:mɛ]
19. Bebida dele ['ɛ:ka]
20. Beiju [ʎa'pa:pɛ]
21. Bicheiro ['ka:mɛ]
22. Bisneto ['amɔripɔnɔ]
23. Boca (minha) ['mba:hɔ]
24. Boca dele ['pa:hɔ]
25. Bocaiúva [i'mukaja]
26. Bola [ɛ'pɔ:ʔɛ]
27. Bolo cozido ['hi:hi]
28. Bolsa usada amarrada à cabeça [ni'ma:kɛ]
29. Braço da tia dele [taki 'ɔ:kɔ]
30. Braço de alguém [ta'ki:ti]
31. Braço dele ['ta:ki]
32. Bugio [tɔ'kɔrɔ]
33. Cabaça [tɔ'rɔ:rɔ]
34. Cabeça (minha) ['ndu:ti]
35. Cabeça dele ['tu:ti]
36. Cachorro [ta'muku]
37. Calor [kɔ'pi:jɛ]
38. Caminho ['tʃɛ:mɛ]
39. Camisa [rɛpɛ'noti]
40. Campo [mɛũ]
41. Cana ['takureʔi]
42. Cansado ['mõmiti]
43. Capivara [ɛva'katʃu]

44. Carne ['nãũ]
45. Castanha ['rapitaka]
46. Cavalo ['kamɔ]
47. Choveu ['kɛvɔ]
48. Churrasco [ʒʃɔ'kɛti]
  49. Chuvisco [vɔ'ri:ri]
  50. Cidade [piti'vɔkɔ]
  51. Cigarro ['hipɔ]
  52. Cobra [kɔe'ʃɔj]
  53. Coelho [kɔ'nõũ]
  54. Coisa deixada [imɔ'neti]
  55. Colher ['hurɛpɛ]
  56. Comer [ni'kɔ:ti]
  57. Comida dele ['ni:ka]
  58. Comida do avô dele [nika 'ɔ:ʃu]
  59. Como vai? [na'kejeje]
  60. Companhia dele ['ʃanena]
  61. Corda ['ma:ɾesɔ]
  62. Corpo [mu'jɔ:ti]
  63. Corpo dele ['mu:jɔ]
  64. Cotia ['apakehe]
  65. Couro [vaka'mɔtɔ]
  66. Criança [kali'vɔ:mɔ]
  67. Cuia ['pɔkɔ]
  68. Desceu [ɛ'vesɛkɔ]
  69. Ele bateu [isukɔ'arti]
  70. Ele benze [i'piʃaʃɔ]
  71. Ele caiu ['ikɔrɔkɔvɔ]
  72. Ele deixou com ele [pɔ'reʔɔkɔa]
  73. Ele escuta ['ka:mɔ]
  74. Ele está com medo [pi'kɔ:ti]
  75. Ele está comendo [ni'kɔ:ti]
  76. Ele está comendo? ['ni:kɔ]
  77. Ele está segurando [namukɔ'arti]
  78. Ele foi ['jɔ:mɔ]
  79. Ele não quer fazer ['imaʃɔva]
  80. Ele ouviu ['kamɔkenɔa]
  81. Ele que veio [si'mɔ:ti]
  82. Ele sabe [kɔmɔ'ma:ti]
  83. Ele tem medo ['pi:kɔ]
  84. Ele vai cortar [tetukɔ'arti]
  85. Ele vai fazer [itukɔ'arti]
  86. Ele vai puxar [mikukɔ'arti]
  87. Ele veio ['simɔa]
  88. Ema [ki'pa:ɛ]

89. Enterrar [ɛkɔʃɔ'ati]  
 90. Escama [ʃɔʔɔɔpi]  
 91. Está precisando [nɔkɔ'neti]  
 92. Estou esfriando [ʰgasati]  
 93. Eu vim [ʰzimɔa]  
 94. Faça [pi'ritaw]  
 95. Fala, idioma[e'moʔu]  
 96. Farinha [ʰramɔkɔ]  
 97. Feio [kɔj'majti]  
 98. Fígado dele [a'pa:ka]  
 99. Fino [ka'lisoti]  
 100. Fogo [ʰjuku]  
 101. Foice [tʃɔpi'lɔkoti]  
 102. Formiga [kɔ'siu]  
 103. Fruta da região [a'kaja]  
 104. Gago [iʔ'ikoti]  
 105. Galho [ʰkavaʔo]  
 106. Galinha (minha) [ʰda'piʔina]  
 107. Galinha [ʰtapi:ʔi]  
 108. Gato [mara'kaja]  
 109. Genro (meu) [ʰzi:na]  
 110. Genro [ʰsina:ti]  
 111. Gente [ʰtʃa:nɛ]  
 112. Gordo [ʰpuʔiti] ou [kijati]  
 113. Grande [ʰhanajti]  
 114. Grilo [visivisi]  
 115. Hoje, agora [ʰkɔjɛnɛ]  
 116. Homem, macho [ʰhɔjɛnɔ]  
 117. Já esta bom [ʰunatinɛ]  
 118. Jacaré [vɛ'tekeke]  
 119. Jatobá [ʰwa:ma]  
 120. João de barro [ʃu'ku:ʔo]  
 121. Joelho (meu) [ʰmbu:ju]  
 122. Joelho [pu'ju:ti]  
 123. Joelho dele [ʰpu:ju]  
 124. Jogo de baralho [ni'pa:kɛ]  
 125. Lábios [mɔ'tɔjnɛ]  
 126. Laranja [ʰna:rãŋga]  
 127. Língua dele [nɛ'nɛ]  
 128. Longe [ma'lika]  
 129. Lua [kɔ'hɛ:]  
 130. Macaco [ʰkaʔi]  
 131. Mamão [ʃa'paw]  
 132. Mancha na pele dele [tɔ'rɔʔo]  
 133. Mandioca [tʃu:'pu]

134. Mandioca da mulher [ʃupu ˈsɛ:nɔ]
135. Mão esquerda [lɔˈpɛ:ti]
136. Marido dela [ˈi:ma]
137. Mastiguei [nuˈwõ:]
138. Mata, é perigoso [kɔˈɛpɛkɔti]
139. Mato [ˈhɔi]
140. Meu braço [ˈnɔ:ki]
141. Meu cérebro [ˈnɔ:ɡa:ja]
142. Meu nariz [ˈnɔ:ɡi:ri]
143. Meu pensamento [iˈnɔ:nɛw]
144. Milho [sɔˈpɔ:rɔ]
145. Minha camisa [rɛˈmɛnɔ]
146. Minha faca [ˈmɛbiriˈtawnɔ]
147. Minhoca [kaˈnɛ:ti]
148. Moça [ˈa:rɔnɔ]
149. Moenda de cana [taraˈpiʃa]
150. Molhado [ˈkaˈkaʔiti]
151. Moranga [ˈmõĩ]
152. Mulher [ˈsɛ:nɔ]
153. Mulher dele [ˈjɛnɔ]
154. Nariz de alguém [kiˈri:ti]
155. Nariz dele [ˈki:ri]
156. Necessário [ˈnɔkɔnɛ]
157. Ninho [ˈmɔ:ko]
158. Nó [ˈʃokorɔna]
159. Noite [ˈjɔti]
160. Nome [ˈi:ha]
161. Nós [ˈu:ti]
162. Novo [iˈnɔmati]
163. Nuvem [kaˈpasi]
164. Olho (meu) [ˈu:nɔɣɛ]
165. Olho [ˈu:kɛ]
166. Olho de alguém [uˈkɛ:ti]
167. Ombro [tɔˈkɔ:ti]
168. Ombro dele [ˈtɔ:kɔ]
169. Onça [ˈsi:ni]
170. Orelha [ˈkɛ:nɔ]
171. Orelha de porco [kɛnɔ ˈku:rɛ]
172. Pai (meu) [ˈnɔzaʔa]
173. Pai dele [ˈhaʔa]
174. Palmito [mõmõʔõ]
175. Papagaio [koˈʔɛ:ru]
176. Pato [ˈpɔ:hi]
177. Pé (meu) [ˈnɔzɛ:vɛ]
178. Pé de árvore [hɛvɛ tiˈkɔti]

179. Pé dele ['hɛ:vɛ]
180. Peixe ['hɔ:ɛ]
181. Perereca [vɛ'rɛkɛkɛ]
182. Periquito [kilikili]
183. Pessoal dele [ʃa'nɛna]
184. Piranha [a'ru:mɔ]
185. Planta [ɲɔ'neti]
186. Pomba [ku'ru:te]
187. Porco ['ku:rɛ]
188. Prato ['u:tɔ]
189. Preguiçoso [hu'lɛkɛti]
190. Pular [talakiʃɔvɔti]
191. Quando choveu ['kɛ:vɔ]
192. Quando ele aceitou, concordou [una'tinɛ]
193. Quando ele benze [ipi'ʃaʃɔ]
194. Quando ele caiu [ikɔ'rɔkɔvɔ]
195. Quando ele chegou ['simɔ]
196. Quando ele comeu ['nikɔ]
197. Quando ele cozinha [ɔjɛʔ'ɛkɔ]
198. Quando ele esta com medo ['pikɔ]
199. Quando ele esta comendo ['nikɔ]
200. Quando ele foi ['jɛnɔ]
201. Quando ele não quer mais, cansou [i'maʃɔva]
202. Quando ele vai [jɔnɔ]
203. Quando você toca (pife, sanfona) ['jɔʃɔ]
204. Queixada [ki'mõũ]
205. Quente ['kotut]
206. Raiz [a'na:]
207. Rapaz [hɔmɔhɛw]
208. Rede [tu'ʔiti]
209. Rosto dele [nɔ'nɛ]
210. Sabão ['ka:wɔ]
211. Sangue ['iti]
212. São dois ['piʔa]
213. São três [mɔ'poʔa]
214. Semente ['akɛ]
215. Seu pai ['jaʔa]
216. Sol ['kaʃɛ]
217. Sua tia ['jɔ:kɔ]
218. Tamanduá [tiku'a]
219. Tarde [kia'katʃɛ]
220. Tatu peludo [tʃu'lu:ke]
221. Tia de alguém [ɔ'va:ti]
222. Timbó [tɔrɔ:rɔkɔʃɛ]
223. Tio ['ʎu:ʎu]

- 224. Tucano [hɔ'nɔi]
- 225. Unha dele ['hi:pɔ]
- 226. Vaga lume ['nɔmiti]
- 227. Veado ['ti:pɛ]
- 228. Velho ['kuʃɔti]
- 229. Venha ['jɔkɔ]
- 230. Vermelho [hara'raʔiti]
- 231. Verruga ['tɛ:tu]
- 232. Voar ['ɔ:ti]
- 233. Você ['i:ti]
- 234. Você toca (pife ou sanfona) ['jɔ:ʃɔ]